

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



**TERRITÓRIOS PELADEIROS DA PERIFERIA PROLETÁRIA DE GOIÂNIA: O
JOGO DE BOLA QUE SUBVERTE O TEMPO E O ESPAÇO**



**Alexsander Batista e Silva
Orientador: Eguimar Felício Chaveiro**

**Goiânia
2008**

ALEXSANDER BATISTA E SILVA

**TERRITÓRIOS PELADEIROS DA PERIFERIA PROLETÁRIA DE GOIÂNIA: O
JOGO DE BOLA QUE SUBVERTE O TEMPO E O ESPAÇO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Goiânia
2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

S586t	<p>Silva, Alexsander Batista e. Territórios peladeiros da periferia proletária de Goiânia [manuscrito] : o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço / Alexsander Batista e Silva. – 2008. 119 f.: il. color., figs., tabs.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2008.</p> <p>Bibliografia: 109-116. Apêndices.</p> <p>1. Futebol informal (Pelada) – Goiânia (GO) 2. Periferia urbana - Sociabilidade 3. Territórios – Futebol informal 4. Geografia humana 5. Sociologia urbana I. Chaveiro, Eguimar Felício II. Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. III. Título.</p> <p>CDU: 911.3:796.332 (817.3)</p>
-------	---

ALEXSANDER BATISTA E SILVA

**TERRITÓRIOS PELADEIROS DA PERIFERIA PROLETÁRIA DE GOIÂNIA: O
JOGO DE BOLA QUE SUBVERTE O TEMPO E O ESPAÇO**

Dissertação defendida no Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre em Geografia, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro - UFG
Presidente da Banca

Profª. Drª. Maria Geralda de Almeida - UFG

Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus - UERJ

Aos meus pais, *in memoriam*, amigos e incentivadores, que mesmo com todos os percalços da vida, me ensinaram a encarar o mundo de frente, o que me possibilitou chegar até aqui.

A todos os peladeiros e amantes do futebol.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero agradecer aos meus pais, Irene e José Maria, eterna luz irradiante, que ilumina todos os momentos da minha vida, amigos, companheiros e conselheiros, que mesmo diante das inúmeras dificuldades, com grande maestria, me apontaram o caminho a ser trilhado.

A minha irmã, que em meio a labuta e a correria do dia-a-dia, soube ouvir e ser paciente quando necessitei.

Aos meus familiares, que, de perto ou de longe, estiveram sempre na torcida por mim.

À Lorena, companheira de longa data, que em nossos encontros e desencontros diários, e algumas divergências conceituais, tem sempre me apoiado.

Ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia – IESA/UFG, que nos ofereceu a oportunidade e deu o suporte para iniciar e concluir essa dissertação.

Ao Professor Eguimar, por sua paciência, persistência, alegria e empolgação no trabalho de orientação. Agradeço mais ainda pelos bate-papos de corredor, pela atenção, compreensão, companheirismo ao longo de toda nossa parceria acadêmica. Pessoa que, com sua humildade, genialidade, inteligência, humor e amizade, motivou-me a olhar para frente e prosseguir em minha trajetória geográfica.

À Professora Maria Geralda, pela atenção e presteza despendidas a mim desde os primeiros anos da graduação. Pessoa de inestimável importância em minha vida, sempre séria, mas bem humorada, firme e sensível, exigente, no entanto, justa e humana. Alguém que demonstrou grande afeto para comigo, auxiliando nas decisões, conversando, ouvindo, aconselhando, enfim, indicando-me um norte.

Ao professor Manoel Calaça pelas sugestões no exame de qualificação.

Ao professor Gilmar Mascarenhas, que através de seus textos, apresentou-me uma Geografia que eu estava a procurar – abordagem geográfica do futebol.

À AGB-Goiânia, pelo trabalho exaustivo que vem desenvolvendo no sentido de incentivar e apoiar as produções, eventos e acontecimentos ligados à ciência geográfica.

Aos amigos do Turismo, Ivonaldo, Theandra, Cristiana, Alessandra, Lídia e Kelly, pela cumplicidade e parceria nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo. Foram muitas reuniões, viagens, eventos, relatórios e algumas festinhas. Trabalhamos bastante, mas em contrapartida fizemos muitas piadas, brincadeiras e gozações, nos divertimos um bocado.

Aos amigos, Luíza e Denis, pelas ótimas parcerias que fizemos nas revistas que trabalhamos juntos. Também por ouvir os desabafos, pelas conversas, por suportar meu humor difícil, enfim pela amizade sincera.

Aos companheiros, Uelinton, Lucas, Michel, Diogo, José Paulo e Weder, pelos longos e prazerosos debates sobre futebol. Nossas idas aos jogos do Vila Nova e mesas redondas informais, cujo tema fora o futebol, auxiliaram-me no entendimento e mensuração da amplitude, importância, dimensão e enraizamento que esse esporte possui na sociedade.

Ao meu amigo Fábio, pelas diversas parcerias acadêmicas, e mais ainda pela camaradagem, pelos conselhos, idéias, sugestões e inúmeras convocações para aquelas peladas.

A todos os colegas de trabalho da Escola Estadual Boa Esperança, em especial à diretora e às coordenadoras, que foram sensíveis e humanas nos momentos em que não tive condições de lecionar, por conta do desespero e correria para finalizar essa dissertação.

Por fim, agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse concluído.

O anjo de pernas tortas

A um passe de Didi, Garrincha avança
Colado o couro aos pés, o olhar atento
Dribla um, dribla dois, depois descansa
Como a medir o lance do momento.

Vem-lhe o pressentimento; ele se lança
Mais rápido que o próprio pensamento,
Dribla mais um, mais dois; a bola trança
Feliz, entre seus pés – um pé de vento!

Num só transporte, a multidão contrita
Em ato de morte se levanta e grita
Seu uníssono canto de esperança.

Garrincha, o anjo, escuta e atende: Gooooooooo!
É pura imagem: um G que chuta um O
Dentro da meta, um L. É pura dança!

Vinicius de Moraes

RESUMO

O futebol, esporte mais praticado do mundo, reúne multidões, mobiliza capitais, participa da geopolítica atual, fotografa as contradições viscerais do sujeito contemporâneo, expressa a violência, a corporeidade, as condições psíquicas e desenvolve afetos, dissidências, junções, alegrias e tristezas. Entende-se que estudar o futebol na sua vertente informal, tendo como escopo às territorialidades dos peladeiros na periferia da metrópole, implica lançar olhares imbuídos de indagações sobre a prática desse esporte na contemporaneidade. Existe uma questão espacial no futebol? O espaço geográfico está presente na ontologia do futebol? Paralelamente, indaga-se: há alguma relação particular entre futebol e periferia? Qual o sentido do futebol de pelada para os sujeitos da periferia proletária? Desse modo, a pesquisa teve como objetivo central, analisar as territorialidades dos peladeiros na periferia da metrópole goianiense, buscando compreendê-las como um lugar lúdico, criativo e alegre onde se dá o encontro e a sociabilidades dos sujeitos sociais, em meio à acirrada disputa por espaço na cidade contemporânea. Devido a natureza do fenômeno estudado e a abordagem que empreendida, o instrumental metodológico mais adequado é a abordagem qualitativa. Nessa esteira de metodologias alternativas, em termos de procedimentos de coleta de dados trabalhamos com a experiência vivencial, a qual consiste também em observação e conversas com os sujeitos sociais envolvidos. A experiência vivencial abriu a possibilidade de sentirmos o pulsar, de perceber os significados mais sutis dos momentos e movimentos do fenômeno, isso por um olhar situado num ângulo privilegiado. Através da experiência vivencial acompanhamos e participamos da pelada “por dentro”, como um legítimo peladeiro. Esse olhar localizado no interior dos territórios das peladas carregado de sensações, emoções, sentimentos emanados diretamente da pelada, articulado com as observações realizadas fora do campo de jogo e das conversas com o peladeiros, nos permitiu uma leitura mais ampla dos territórios dos peladeiros. Mesmo diante da voraz territorialização do capital que gera um novo esquadramento no espaço urbano, a paisagem que observamos ao transitar pela metrópole, principalmente na periferia, é repleta de futebol de pelada. Com todos esses cenários pouco propícios, os territórios das peladas acenam como uma espécie de resistência/persistência. Nas peladas, os sujeitos da periferia se comunicam na realização de um lazer possível. O corpo explorado e enrijecido pela pressão do capital se liberta e se solta, a pelada torna-se um lugar da rebelião alegre do corpo. A pelada se coloca como um interstício sobre o qual, o trabalho, não se tem controle. É momento de liberdade e da vida livre, do encontro e do festejamento. Essas artimanhas são possibilidades reais de sujeitos sofridos, vilipendiados, explorados golpearem o sofrimento, distender dores, criar espaços de comunicação e de prazer onde o controle parece reinar. O certo mesmo é que a pelada afina-se enormemente com a vida, e expurga o tempo produzido pelo capital. A vida na pelada pulsa em variadas intensidades, revelando-se no grande leque de emoções pronunciadas. Nesse jogo de bola aparecem a alegria, tristeza, realização, frustração, paixão, raiva etc. O fazer político da pelada, com a negação do tempo do mundo, privilegia, rega, cultiva e valoriza a vida. Na seara do brincar livre, peladeiros – na fresta do tempo e do espaço – encontram com outra possibilidade de vida, descortina virtualidades, sonhos. A vida pode aparecer com timbre de esperança e com insígnia de resitência – e de liberdade porque alegre.

Palavras-chave: Periferia, futebol, territórios das peladas, sociabilidades.

RÉSUMÉ

Le football, le sport plus pratiqué au monde, réunit des gens, mobilise des capitaux, participe de la géopolitique actuelle, photographie les contradictions internes du sujet contemporain, exprime la violence, la corporeité, les conditions psychique et développe des affections, des dissidences, des joies et des tristesses. On comprend qu'étudier le football dans une façon informel, ayant comme détache les territorialités des « peladeiros » dans la périphérie de la métropole, implique lancer des regards pleins des indagations sur la pratique de ce sport dans la contemporanéité. Il y a une question spatiale au football ? L'espace géographique est présent dans l'ontologie du football ? Il y a une relation particulière entre le football et la périphérie ? Quel est le sens du football de « pelada » pour les sujets de la périphérie prolétaire ? Ainsi, l'objectif central de la recherche est d'analyser les territorialités des « peladeiros » dans la périphérie de la métropole goianiense, en recherchant leur compréhension comme un lieu ludique, créatif et gai où il y a le rencontre et la sociabilité des sujets sociaux sur la dispute pour l'espace dans la ville contemporaine. La méthodologie utilisée est l'abordage qualitatif, avec l'expérience de vie, l'observation et les entretiens avec les sujets sociaux présents. L'expérience de vie a ouvert la possibilité d'apercevoir les significats plus subtils des moments et des mouvements du phénomène. Nous avons accompagné et nous avons participé des « peladas » « à son intérieur », comme un légitime « peladeiro ». Ce regard dans les territoires des « peladas » pleins des sensations, des émotions, des sentiments venus des observations réalisées hors du jeu et des bavardages avec les « peladeiros », a donné une lecture plus ample sur les territoires des « peladeiros ». Même avec la « territorialização » du capital en créant un nouveau arrangement de l'espace urbain, le paysage observé dans la périphérie est plein de football de « pelada ». Avec tous ces terrains peu propices au jeu, les territoires des « peladas » sont une espèce de résistance/persistence. Dans les « peladas », les sujets de la périphérie se communiquent dans la réalisation d'un loisir possible. Le corps exploité et endurci pour la pression du capital se décolle à cause de la « pelada », un lieu des joies, des moments de la vie libre, des rendez-vous et des fêtes. C'est le moment de dribbler la souffrance, les douleurs et de créer des espaces de communication et de plaisir. La « pelada » accompagne la vie et expulse le temps fait par le capital et apparaît la joie, la tristesse, la réalisation, la frustration, la passion, la rage. Le faire politique de la « pelada » privilégie, cultive la vie. Les « peladeiros », sur le temps et l'espace, trouvent une autre possibilité de vie, des rêves. La vie peut apparaître avec des espoirs, de résistance et de liberté.

Mots-clés : périphérie, football, des territoires des « peladas », socialisation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Futebol de pelada em lote baldio	38
Ilustração 2	Futebol de pelada na rua	38
Ilustração 3	Jogo do Vila Nova na Série B do Brasileiro / 2008	40
Ilustração 4	Torneio de futebol amador	41
Ilustração 5	Peladeiros de pés descalços jogando com uma bola quase redonda e um golzinho de pedaço de tijolo e pedra	42
Ilustração 6	Peladeiros disputando a rua com os veículos	43
Ilustração 7	Mapa de Localização da Região Metropolitana de Goiânia	46
Ilustração 8	Plano de Goiânia e a expansão urbana	
Ilustração 9	Mapa da Evolução do parcelamento do solo	68
Ilustração 10	Localização do setor Mansões Paraíso	71
Ilustração 11	Distribuição territorial das peladas no setor Mansões Paraíso	72
Ilustração 12	A galera reunida batendo papo e observando a pelada à beira do campo	77
Ilustração 13	Grupo de peladeiros conversando antes da pelada	77
Ilustração 14	Peladeiros a beira do campo observando o jogo, enquanto aguardam sua vez de jogar	78
Ilustração 15	O drible como ícone maior da liberdade e alegria da pelada	83
Ilustração 16	Subversão do tempo e do espaço no lazer possível da pelada	85
Ilustração 17	A confraternização dos peladeiros ao término do jogo	86
Ilustração 18	O peladeiro brinca com o adversário, fazendo firula antes de empurrar a bola para dentro do gol	87
Ilustração 19	No jogar brincando vale até a tentativa da bicicleta no campo de golzinho	90
Ilustração 20	A galera da vizinhança se encontra nas peladas	101
Ilustração 21	Pelada que rola de segunda a sexta-feira pela tarde, a mais de dez anos. Os peladeiros residem nas proximidades e são todos conhecidos	102

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1 A GEOGRAFICIDADE DO FUTEBOL: A PELADA NA PERIFERIA E A PERIFERIA NA PELADA	10
1.1 Um dia de futebol: o peladeiro da periferia	11
1.2 Um bate-bola sobre a categoria território	18
1.3 A dispersão do futebol e os territórios das peladas	26
O JOGO DE BOLA NO ESPAÇO DA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA: A BOLA É DA PERIFERIA	37
2.1 A cultura do futebol e o futebol como cultura: a bola rola no solo da pátria	39
2.2 O futebol na metrópole globalizada: a bola do mundo	51
2.3 As peladas em Aparecida de Goiânia: a bola gira nos territórios da periferia.....	55
2.3.1 <i>Desemprego e trabalho informal</i>	57
2.3.2 <i>Novas centralidades e lotes baldios</i>	59
2.3.3 <i>Futebol de pelada e a subversão do cotidiano</i>	66
3 A POLÍTICA DA PELADA: CULTURA E SUBJETIVIDADE NO JOGO DE BOLA	71
3.1 A subversão do espaço: a rebelião alegre da pelada	72
3.2 O dizer político da pelada	76
3.3 O corpo alegre do peladeiro	81
3.4 Aspectos da subjetividade capitalística: as dores do mundo e as peladas	88
3.5 A pelada e o sentido de comunidade	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96

INTRODUÇÃO

Partimos do entendimento de que o futebol estabelece, no Brasil, densos vínculos com a sociedade brasileira, permeando o quadro das relações sociais cotidianas de nosso povo. Esse pressuposto, em se tratando da pesquisa que se apresenta, pode ser mais bem balizado: o futebol em forma de pelada se coloca como fenômeno social que recorta as paisagens, principalmente os lugares periféricos. O que chamamos “pelada” é a prática amadora/informal do futebol. Os peladeiros, atores que territorializam as peladas no espaço, na construção dos jogos, criam e recriam territórios, alteram paisagens, instituem novos ritmos ao mundo vivido pelos sujeitos praticantes, enfim, dinamizam o espaço geográfico.

A opção de trabalhar a temática do futebol advém, em um primeiro momento, de uma relação de paixão que tenho pelo esporte/jogo. Desde criança o futebol figura em meus espaços de vivência como algo que mobiliza em mim grande afeto. Não sei precisar muito bem de onde vem tal sentimento, nem por que tomou tamanha proporção. No entanto, uma das hipóteses é que por meio do futebol angariei amigos e me libertei do espaço restrito de minha casa, no qual, lembro-me bem, nunca tive muitos brinquedos, era muito contido e sozinho. A rua era o lugar de brincar, de jogar bola e, por intermédio desta, vi o mundo além dos muros de meu lar, conheci pessoas e fiz amigos.

Não poderia me esquecer que, assim como a maioria dos meninos brasileiros que sonham ser um jogador de futebol, eu também quis ser um artista do mundo da bola. Naqueles tempos de moleque de interior jogava pelada de domingo a domingo. Jogávamos, eu e meus amigos, na área do açougue do vizinho, na rua em frente a minha casa, no quintal e na garagem da casa dos meus amigos, na quadra da escola, no pátio da Igreja, na Feira coberta, no ginásio de esportes, na fazenda entre bezerros, cachorros e galinhas, e em alguns outros lugares que minha memória não resgatou agora.

Acompanhei inúmeros jogos como espectador, tanto à beira do campo como pela televisão. Na cidade onde morava havia dois palcos onde rolava o futebol: o gramado do estádio municipal e o ginásio de esportes. Ambos sediavam jogos municipais e regionais. Pela televisão acompanhava praticamente todos os jogos dos canais abertos – Campeonatos Estaduais, Brasileirão, Libertadores da América e Copas do Mundo.

Assim, posso dizer que, em uma primeira instância, a motivação para investigar o futebol parte de minha biografia. As cenas que descrevi de minha infância podem ser vistas em quase toda parte. Vivências parecidas se desenrolam por diferentes espaços em todo Brasil. Dessa maneira, a relação de afetividade que tenho com o futebol possui um caráter universalizante.

Ao se considerar que o espaço geográfico é um produto/produtor da sociedade, conclui-se que os grupos humanos situam-se no centro da análise geográfica. Nessa perspectiva, todos os esforços voltados para o entendimento das relações humanas e sociais são extremamente importantes, de modo que estudar os territórios dos peladeiros torna-se relevante para o entendimento de mais uma faceta da metrópole Goiânia, a qual ajudará na composição de um quadro mais amplo das articulações sociais existentes na cidade.

Os estudos sobre o futebol, na Geografia, aparecem no bojo de novos temas, aos quais esta ciência vem atribuindo importância nos últimos anos. Pesquisar os territórios dos peladeiros abre a possibilidade de realização de um trabalho em um campo emergente e ainda pouco explorado pela ciência geográfica. Com isso, abre-se a possibilidade de outros trabalhos surgirem na esteira deste.

Além disso, o futebol, esporte mais praticado do planeta, apresenta-se ao brasileiro como elemento fundante da identidade nacional. Portanto, possui uma gigantesca importância no que tange à cultura do brasileiro. Na atualidade, o futebol em escala mundial aparece inserido no rol do esporte-espetáculo. Isso traz repercussões nos aspectos culturais e sociais, propiciando alterações nas formas de organização espaço-territoriais.

Os esportes em geral, nas últimas décadas, vêm adquirindo cada vez mais relevo no campo econômico, o que pode ser verificado nos grandes eventos esportivos como as Olimpíadas e as Copas do Mundo, que movimentam milhões de dólares, geram centenas de empregos e alavancam o turismo nos países sede. Considerando que o fator econômico sempre está atrelado ao político, os eventos esportivos aparecem com uma forte carga política – jogos de poder entre países. No caso do futebol, por exemplo, a FIFA (Fédération Internationale de Football Association) possui mais membros que a ONU (Organização das Nações Unidas).

Utilizaremos como escala espacial para análise a metrópole goianiense e, a partir dessa escala espacial, o nosso objetivo é analisar o futebol de pelada na periferia proletária,

nesse caso, Aparecida de Goiânia. A idéia “periferia proletária” tem sido propugnada pelo orientador juntamente com vários de seus orientados. Por outro lado, a referência espacial da pesquisa pertence ao círculo vivencial do pesquisador, que é, junto, um peladeiro.

Nesses locais é onde cotidianamente vejo o fenômeno da pelada acontecer. Sentado no meio-fio da calçada em frente de casa e no entorno da escola onde trabalho, observo diariamente paisagens carregadas de signos do futebol peladeiro – bolas, tênis, chuteiras, pedaços de tijolo na rua servindo de traves, e outros apetrechos típicos dos peladeiros. O setor Mansões Paraíso e os bairros circunvizinhos são palcos de um número significativo e de uma grande diversidade de peladas. Nesses termos, o recorte espacial para a realização dos trabalhos de campo para a pesquisa advém, em um primeiro momento, de minha relação com esse espaço e, posteriormente, pelo caráter universalizante que guarda em relação ao fenômeno.

Entende-se que estudar o futebol na sua vertente periférica, tendo como escopo as territorialidades dos peladeiros no espaço urbano, implica lançar olhares imbuídos de indagações sobre a prática desse esporte na contemporaneidade. Tais olhares, em nosso caso específico, partindo da ciência geográfica, privilegiarão, portanto, em todo o processo de construção da pesquisa, a geograficidade do futebol, de forma que esses questionamentos constituir-se-ão como força motriz para a realização da pesquisa.

Posto isso, iniciam-se algumas inquietações, que geram questionamentos. Estes crepitam como brasas incandescentes em nossa cabeça. Dentre eles pode-se elencar: Existe uma questão espacial no futebol? O espaço geográfico está presente na ontologia do futebol? É possível uma leitura geográfica do futebol? Paralelamente, indaga-se: há alguma relação particular entre futebol e periferia? Qual o sentido do futebol de pelada para os sujeitos da periferia proletária?

Imagina-se que tais questões, além de serem o ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa, constituirão seu eixo norteador. O desafio colocado, então, é o de buscar meios para elucidar os questionamentos, realizando, assim, um estudo consistente e que contribua para a leitura do futebol em uma abordagem geográfica, além de abrir possibilidades para que mais pesquisas sejam trilhadas na direção da temática “futebol” no campo da Geografia.

Pretende-se realizar uma leitura geográfica do futebol, a partir do jogo de bola praticado por peladeiros na periferia proletária, partindo do pressuposto de que tais atores constroem territorialidades, as quais se materializam na fronteira de disputa entre espaços públicos e privados.

A pesquisa proposta teve seu desenvolvimento nos moldes de um estudo de caso, privilegiando principalmente os elementos qualitativos. Entretanto, buscamos alargar a perspectiva do estudo de caso ligando-o a outras metodologias no intuito de construir metodologicamente uma visão plural, possibilitando, nesse sentido, uma leitura mais ampla e diversificada dos territórios das peladas.

Para desenvolver a pesquisa pretendemos, além do estudo de caso, realizar um cotejamento com escalas maiores do fenômeno, de maneira que as variáveis do lugar em que se realizará a pesquisa serão indicativas para se pensar a totalidade do fenômeno. E noutro pólo, o sentido universal que acomete o sentido social e histórico do futebol será uma baliza para fundamentar o olho que mirará a singularidade do jogo de bola dos peladeiros de Aparecida de Goiânia. Outro recurso do qual lançamos mão foi a análise do discurso com base em textos poéticos e de crônicas pertinentes ao assunto tratado.

O desenvolvimento da pesquisa constou de duas etapas: o trabalho de interpretação teórica e o trabalho de campo. O primeiro constituiu-se em levantamento de informações em fontes secundárias e leituras de bibliografias referentes à corrente teórico-metodológico escolhida, sendo também indispensável o uso daquelas relativas à temática específica sobre futebol, metrópole, periferia e cultura. Concomitantemente a toda essa parte de levantamento e leitura de bibliografias, refletimos e estruturamos nossas incursões ao campo.

Foram realizadas observações *in loco* nos territórios das peladas da periferia da região metropolitana de Goiânia, que proporcionaram a possibilidade concreta de contato direto com a realidade estudada. Devido a amplitude espacial, realizamos, a título de amostragem, os trabalhos de campo no setor Mansões Paraíso, em Aparecida de Goiânia, com o objetivo de identificar e mapear os territórios das peladas. Esse trabalho de campo foi realizado no primeiro semestre de 2006, durante uma semana, todos os dias à tarde e sábado e domingo também pela manhã.

Entre os meses de julho e setembro de 2007 fomos até os campos de peladas do setor Mansões Paraíso e bairros vizinhos, participando de diversas peladas que se realizam

naquele espaço. Em tais trabalhos de campo colocamos em prática o que denominamos “experiência vivencial”, com o intuito de capturar os mais singelos e diminutos movimentos e significados da pelada. E, com essa amostragem do sutil pudéssemos, posteriormente, alinhavar compreensões mais densas e complexas do fenômeno.

Em nosso entendimento, a metodologia experiência vivencial consiste em algo que possui a função de informar sobre o objeto, sendo essa informação de duas naturezas: quantitativa ou qualitativa. Demo (1995), ao discorrer sobre avaliação qualitativa, expõe a existência de duas dimensões da realidade social: a qualidade formal, cuja leitura prima pelo aspecto numérico ou qualitativo do fenômeno; e a qualidade política, que se aplica aos horizontes de dimensões tipicamente humanos enquanto manifestações da capacidade criativa e busca capturar os elementos subjetivos da realidade. O mesmo autor acrescenta, ainda, que a avaliação qualitativa está dentro do paradigma da pesquisa participante. Portanto, se contrapõe a análise clássica da ciência de cunho positivista, a qual apregoa a neutralidade científica, a ditadura do método, separando o sujeito do objeto etc., e desprezando os horizontes existenciais mais complexos dos fenômenos situados no campo da subjetividade.

Deve salientar que é próprio da experiência vivencial se apresentar como algo situado nas proximidades da pesquisa participante, constituindo-se em uma técnica que permite ao pesquisador estabelecer uma relação de maior proximidade com o fenômeno. Em suma, ela abre a possibilidade de sentir o pulsar, de perceber os significados mais sutis dos momentos e movimentos do fenômeno, por um olhar situado em um ângulo privilegiado – o olhar de dentro do próprio fenômeno. Experienciar o acontecimento da pesquisa é como vivê-lo não apenas com o pensamento mas com a sensibilidade.

No caso específico da pesquisa que se propõe, mediante a experiência vivencial acompanhamos e participamos da pelada “por dentro”, como um legítimo peladeiro. Esse olhar localizado no interior dos territórios das peladas, carregado de sensações, emoções e sentimentos emanados diretamente da pelada, articulado com as observações realizadas fora do campo de jogo e das conversas com os peladeiros, nos permitiu uma leitura mais ampla de seus territórios. Assim, casar as informações provindas das descrições de observação extra-campo, das conversas com os peladeiros e com o relato da vivência direta na pelada possibilitou uma análise mais próxima do real.

O presente trabalho de dissertação apresenta-se disposto em três capítulos: no primeiro delinaremos as categorias e os conceitos que recontarão todo o trabalho; no segundo abordaremos questões relativas à difusão do futebol até a chegada na metrópole, assim como introduziremos uma reflexão acerca dos territórios das peladas na periferia proletária; no terceiro e último, analisaremos o aspecto político das peladas, a pelada enquanto rebelião alegre do corpo.

Capítulo I

**A GEOGRAFICIDADE DO FUTEBOL: A PELADA NA PERIFERIA E A
PERIFERIA NA PELADA**

Neste capítulo objetiva-se mapear as principais categorias e conceitos que irão nortear todo o trabalho. Consideramos que para uma pesquisa alcançar seus objetivos a contento torna-se imprescindível ter clareza dos conceitos a serem utilizados. Além disso, para uma leitura satisfatória do fenômeno estudado, faz-se necessário o uso consciente e preciso das categorias, lembrando que estas demarcam o lugar da ciência por onde o pesquisador vê o mundo. A identidade de cada uma das diversas ciências está nas categorias, que possibilitam identificar se a pesquisa é desta ou daquela área.

Pretendemos empreender um estudo sobre o futebol de pelada. Para tanto, utilizaremos o aporte teórico e metodológico da Geografia. Nesses termos, buscaremos realizar uma leitura das peladas sob a perspectiva da ciência geográfica. Interessa-nos lançar um olhar sobre tal fenômeno, de modo que o vislumbre se dê em sua espacialidade. Entendemos ser as categorias território e territorialidade os instrumentos teóricos que nos municiarão na empreita de realizar uma leitura geográfica do futebol de pelada.

O presente capítulo apresenta-se dividido em três partes, respectivamente: um dia de futebol: o peladeiro da periferia; um bate-bola sobre a categoria território; e a dispersão do futebol e os territórios das peladas. O primeiro item é uma narrativa feita sob a ação própria do pesquisador, em que é possível verificar o quanto o futebol se encontra presente no cotidiano da periferia proletária, lançando diversos elementos para serem refletidos sobre o futebol e a pelada nesse mundo em particular.

No segundo item, buscaremos elencar alguns conceitos importantes sobre as categorias território e territorialidade ao longo da história da Geografia, além de procurarmos esboçar um conceito, para elas, que mais se aproxime do tipo de estudo que iremos desenvolver acerca das peladas. Finalizando o capítulo, discorreremos sobre a dispersão do futebol pelo mundo, a importância que toma no Brasil, além de definir e explicitar os elementos mais significativos do mundo das peladas na periferia.

1.1 - Um dia de futebol: o peladeiro da periferia

Cedinho, em torno de seis horas da manhã, toca o despertador de minha irmã. É só o tempo de saltar da cama e ela chega à porta do meu quarto e grita “tá na hora”, ou seja, é

hora de levantar, aprontar as coisas e ir para o trabalho. Logo ao despertar me deparei com os quadros dos meus times de coração (Vila Nova-GO e São Paulo) pendurados na parede do quarto. Abro o guarda-roupa e rapidamente decido que irei para o trabalho de calça jeans, tênis e camisa amarela da seleção, a número nove com inscrição de Ronaldo, uma réplica que comprei em clima de Copa do Mundo há quase dez anos no Camelódromo de Campinas em Goiânia.

Rapidamente eu e minha irmã tomamos o café da manhã, escovamos os dentes e organizamos o necessário para partirmos para o trabalho. Ela atua como secretária em uma confecção em Goiânia, vai e volta de transporte coletivo, e só chega em casa lá pelas seis e meia da noite. Seu trabalho dista cerca de dez quilômetros de casa, deslocamento que leva mais de uma hora. Eu, meio adepto de Lafargue¹, me recuso a trabalhar o dia todo, cumpro o período matutino na escola. Levo mais ou menos dez minutos no trajeto casa/trabalho com minha motocicleta azul, ano 98. A escola fica em Aparecida de Goiânia, a uma distância de oito quilômetros de casa.

Por conta do meu trabalho e do meio de transporte que uso, saio de casa pela manhã com vários apetrechos – blusa de frio e luvas, capacete e minha inseparável mochila, onde carrego os livros, caderno de anotações, planos de aula, trabalhos e provas dos estudantes, caneta, lápis e borracha para uso próprio e para os “esquecidinhos” que nunca levam esse material para a escola. Entre uma aula e outra e no recreio rola sempre “umas conversas” e brincadeiras com os estudantes sobre a rodada do fim de semana do Brasileirão, dos Estaduais² e dos campeonatos internacionais, compra e venda de jogadores, jogadas e gols mais bonitos, erros do juiz etc.

Esse papo a respeito de futebol se dá praticamente com os estudantes, pois contando comigo existem apenas três homens trabalhando nesse turno na escola, sendo os outros dois pouco ligados ao esporte. Em termos de Brasil, a imensa maioria das mulheres não gosta de futebol³ e, na escola onde atuo, não é diferente, pois minhas colegas de trabalho

¹ Paul Lafargue (1841-1911) foi uma das principais figuras do movimento revolucionário internacional. Em sua obra *O direito à Preguiça*, o autor faz profundas críticas ao padrão capitalista emergente que explorava cada vez mais a força de trabalho, causando um aumento crescente de miserabilidade e pauperização de grande parcela dos segmentos sociais. Para ele, o proletariado deixou-se dominar pelo dogma do trabalho. Contudo, considera a preguiça uma virtude, um elemento fortalecedor do corpo e do espírito dos operários, que denunciaria a maldição do trabalho assalariado, expressando a necessidade de sua superação.

² Brasileirão é o termo pelo qual o Campeonato Brasileiro de futebol é popularmente conhecido; e Estaduais são os Campeonatos Estaduais de futebol.

³ É corrente, na sociedade brasileira, o discurso de que mulher não gosta de futebol, assim como é visível que esse esporte possui maior aceitação e é mais praticado entre os homens. No entanto, como tal discussão não

nunca conversam sobre futebol, salvo a professora de Educação Física que vez ou outra emite sua opinião sobre o assunto.

Ao fim de minhas cinco aulas diárias tomei o rumo de casa. No deslocamento contemplo a paisagem. Vi o retrato do recanto pobre da cidade, vi o pulsar da vida no mundo penoso, solidário e criativo da periferia, recortado por ruas de terra, barracões e casas humildes, pequenos comércios em algumas avenidas, vizinhos conversando na calçada de casa, pontos lotados de pessoas esperando ônibus para ir trabalhar, carroças de frete trafegando de um lado para outro, catadores de papel com suas carrocinhas improvisadas, homens bebendo e jogando sinuca no botequim, crianças soltando pipa e jogando bola na rua.

Postado no banco da moto, usei a percepção para fotografar a paisagem da periferia. As formas, as nuances, o movimento das pessoas, os gestos sutis e singulares de jovens, a vagareza dos idosos, as casas de comércio, as vias, as árvores urbanas me respingavam como exigindo que pensasse que o geógrafo é aquele que decifra a sociedade mediante o espaço; e este se apresenta fenomenicamente pela paisagem. Essa, por sua vez, é o campo possível para se extrair empiricamente objetos, formas, eventos e situações para, posteriormente, em um jogo mental teórico e metodológico, ser deslindada como certo ordenamento espaço/temporal do modo de produção no cruzamento com a vida.

Pois bem!

Observei inúmeras crianças batendo bola em um campinho de terra batida à beira da avenida por onde sempre passo. Mesmo debaixo do sol escaldante, os meninos apresentavam um semblante alegre, risonho e feliz. Os materiais escolares postavam silenciosos ao lado do campo de jogo. Pela distribuição espacial dos jogadores, a modalidade que praticavam é a conhecida como “cu-de-boi”.

No campo usavam apenas um gol, na verdade o que estava em pé, feito por duas estacas de madeira, não muito retas, servindo de traves, e um bambu por sobre as estacas como travessão. O goleiro pegou a redonda no meio do capim atrás do gol, veio até o campo e deu um balão, aí virou aquela correria atrás da bola. Eram duas equipes, ambas chutando no mesmo gol. Nessa modalidade de pelada ganha quem fizer mais gols e muda-se o goleiro ao fim de cada partida, sendo, geralmente, um jogador da equipe derrotada que troca de posição como o goleiro. Além desse campinho, até chegar em casa contabilizei mais cinco espaços

figura entre os objetivos deste trabalho, não fizemos nenhuma pesquisa acerca da relação entre mulher e futebol.

que os sujeitos da periferia usam para se divertir jogando pelada. Perguntei-me silenciosamente: a pelada é uma modalidade múltipla de se jogar bola pela improvisação?

Além dessa pergunta, questionei-me imaginando a tarefa que haveria de cumprir, ou seja, seguir a pesquisa sobre os peladeiros. Então indaguei: quais são os significados, para aqueles sujeitos, desse exercício de brincar de bola tão livremente?

Chego em casa, guardo a moto e o capacete, ponho a mochila em cima da mesa da sala e, com um golpe de olhar, vejo as horas no relógio de parede: eram exatamente onze horas e trinta e dois minutos. Já perdi dois minutos do programa de esporte. Então, rapidamente, ligo a televisão. Ao mesmo tempo tenho que cuidar do almoço, mas só faço uma salada, o restante é sobra da janta que requeento.

Coloco tudo no fogo e corro para a frente da televisão. No intervalo do programa fui à cozinha e desliguei o fogo; coloquei comida no prato e retornei à sala. Assisti a três programas esportivos, um na sequência do outro, todos em um canal diferente. No terceiro, havia visto todas as notícias locais, nacionais e internacionais por duas vezes, sabia tudo de cor e salteado. Sempre me concentro nas informações de futebol e, em especial, dos meus times de coração. Entretanto, vejo e me interesso pelos esportes como um todo.

Ao fim de tais programas, restava-me trabalhar. Organizei uns diários da escola, preparei aulas e deixei o material do trabalho organizado. Passei a mão em um texto que há muito precisava ler. Leitura feita, deu-me uma fome gigantesca. Preparei um pão assado e, para acompanhar, um copo de leite achocolatado. O barulho do vai-vem dos veículos se tornara intenso, eis o primeiro sinal. Saí no terreiro de casa, olhei para o céu e o sol já pendia para o lado do horizonte, eis o segundo sinal. Da rua ouvia a agitação da molecada, o terceiro sinal. De repente, ouvi gritos do portão. Era o Nivaldinho dizendo “vamo joga bola, a galera já tá aqui”. Era a confirmação, chegara a hora do jogo de bola. Algo se pronunciou dentro de mim, comunicando um pertencimento além da minha razão e incorporando-se à minha taquicardia como se do rito fizesse a vida. E a vida, esse jogo...

Dirigi-me até o quarto, vesti meu calção vermelho com listas brancas e escudo do Vila Nova, botei uma camisa velhinha, a número dez do São Paulo, e calcei um tênis de solado gasto, meio rasgado, que sempre uso sem palmilha e cadarço por ser apertado. Minha vestimenta, que por sinal repito sempre pelo valor simbólico, além de povoar minha alma inspirando-me nos grandes craques que vestiram o uniforme dos meus times, servem para

afirmar minha identidade clubística diante do mundo. Quanto aos meus calçados, preferi colocar o tênis em função de um corte com caco de vidro no pé esquerdo, ainda não totalmente cicatrizado, ferimento herdado de uma pelada que me deixou por duas longas e intermináveis semanas sem poder bater uma bolinha.

Saí à rua, olhei à esquerda e vi a galera se aglutinando. Quando cheguei, já haviam se apresentado para o jogo: Fernando e Gigante da rua de baixo, Carlos, Baratinha, Luizinho, Zezinho, Nivaldinho e o JP. Estavam chegando o Nelson e o Faísca. Os golzinhos foram feitos com pedaços de tijolos da construção da casa do pastor, que pegamos emprestados, mas sem ele ver, é claro. Ainda faltava a bola. Então fizemos o Baratinha ir chamar os irmãos Rodrigo e Roberto, pois este último é o dono da bola. A “redonda” o Baratinha trouxe, Rodrigo e Roberto viriam depois.

Decidiu-se que formaríamos três equipes de três jogadores, sendo dois maiores e um menor – Baratinha, Luizinho, Zezinho, JP e Nivaldinho. Eu, Gigante e Fernando tiramos “dois-ou-um” para formar os times. Gigante ganhou e eu acabei perdendo no par ou ímpar para o Fernando. Por ordem de escolha ficou Gigante, que indicou o Carlos e o Nivaldinho, depois o Fernando montou seu time com Faísca e Zezinho, e, por último, eu escolhi Nelson e Luizinho. Estava tudo pronto, faltava apenas sortear as duas equipes para sair jogando. Novamente perdi no “dois-ou-um” e no par ou ímpar. Resultado: fiquei de próximo buscando bola⁴.

Entre uma bola e outra que buscávamos, observei atentamente o jogo. Aquilo era uma festa de confrades, uma verdadeira reunião de amigos. Todos, mesmo os mais extenuados pelo cansaço do longo dia de trabalho e de estudo, estão correndo atrás da bola, sorrindo de si e do outro, tudo é brincadeira e diversão...

Sentados na calçada e no meio-fio estão os que esperam a sua vez de entrar no jogo – os coitados do JP e do Baratinha, que sempre ficam de fora, e os atrasados Roberto e Rodrigo, além do meu time que estava buscando bola. Na calçada, alguns vizinhos põem-se a observar a pelada, vez ou outra dão um “pitaco” no jogo e, quando a bola sai do campo e vai ao encontro deles, para demonstrar intimidade com a “redonda”, dominam-na, fazem duas ou três embaixadinhas e, com um chute cheio de estilo, a devolvem para o jogo.

⁴ Na pelada, os jogadores que esperam sua vez de jogar participam dela buscando a bola quando esta é atirada para fora do campo.

Contudo, na pelada, como em todos os lugares, há alguns conflitos. Quando a bola cai no quintal da Abadia ou do Zé, tudo bem. Mas foi cair logo na casa do Paraíba. Bola caída do outro lado do muro já não é mais alçada do próximo, me safei dessa. Na verdade quem se lascou foi o Gigante, pois quem joga busca. Com a ajuda do Fernando e do JP para distrair os dois cachorros, Gigante, em fração de segundos, pulou o muro e pegou a bola. O jogo recomeçou.

De vez em quando acontece um desentendimento com os que passam a pé, de bicicleta, moto ou carro por ali durante as partidas de futebol. Passavam duas senhoras todas certinhas pela calçada – acho até que iam à igreja que fica logo ali na frente – e, em um lance do jogo, a bola acertou um delas. Resultado, na galera alguns rindo e outros sem graça, já as senhoras saíram falando um monte. Depois dessa aconteceu outra, apontou um carro lá na esquina e a turma avisa “parou que vem o carro”. Todos param e o carro, em alta velocidade, passou sobre um dos tijolos que demarcava o gol. Em uma revolta geral, o motorista foi achincalhado. No momento pós-ira, amontoamos os pedaços do tijolo para refazer a trave e o jogo prosseguiu.

O time do Fernando fez o segundo gol, vencendo a partida. Agora é minha vez de abandonar o posto de gandula e assumir um lugar dentro de campo. Nós éramos a equipe sem camisa. Eu, Nelson e Luizinho logo levamos o primeiro gol – acho que ainda estávamos frios no jogo. Numa linha de passes entre Carlos e Fernando que envolveu nossa marcação a bola acabou sobrando para o Zezinho, que sozinho teve tempo para dominá-la e, com calma, abriu a contagem para o time deles. O jogo estava muito truncado. Todos se aplicavam na marcação. Os espaços foram encurtados. Enfim, desencantamos. Num contra-ataque rápido, passei o pé por sobre a bola três vezes na frente do Faísca, puxando-a para a direita, em seguida passei-a ao Nelson, que na tentativa de se livrar da marcação dividiu-a com o Marcos e a bola chegou até o Luizinho, que de primeira empatou o jogo. No fim, acabamos vencendo por dois a um, com um gol meu. Na jogada recebi a “redonda”, saí em velocidade e, com uma meia-lua no Zezinho, passei a bola entre as pernas do Fernando e com o gol escancarado chutei de canhota para liquidar a partida.

Na seqüência ganhamos mais uns seis jogos. Estávamos tocando bem a bola, marcando as principais jogadas dos adversários e com a pontaria calibrada. Nas últimas partidas, fazíamos o primeiro gol e começávamos as firulas. Chegávamos na boca do gol

adversário e driblávamos para traz, tentávamos sempre um toque ou drible a mais, buscávamos dar chapeuzinho, meia-lua, caneta e pedaladas, além de embaixadinhas.

Os últimos raios de sol se vão. A noite começa a cair. A galera foi se dispersando. Uns pregados de cansaço de tanto correr atrás da bola, outros lamentando terem perdido todas as partidas. Há aqueles que vão embora após a mãe os chamarem para tomar banho. Os derradeiros a se dispersarem são os chamados “fominhas”, ou seja, aqueles que, onde tem uma bola, lá estão. A pelada efetivamente acabou quando não havia nenhuma possibilidade de prosseguir em função de que não enxergávamos mais a bola. Quase me esqueci, na última partida houve um acordo de que quem perdesse retirava os tijolos que demarcam os gols. Como vencemos novamente, não fomos premiados com essa tarefa.

Fiquei na calçada da casa do JP, jogando conversa fora com o Roberto, o Rodrigo e o Fernando. Falávamos a respeito do Brasileirão, analisávamos as últimas e realizávamos projeções para a próxima rodada do campeonato, debatemos a atuação dos times pelos quais torcemos, apontamos os candidatos ao título e ao rebaixamento etc. Depois de mais ou menos uma hora de papo fui embora.

Tomei um bom banho, jantei e assisti ao telejornal. De repente me lembrei, hoje é quarta-feira, o que significa que é dia de jogo na televisão. Nem sabia qual seria transmitido, mas no fundo não tem muita importância, afinal, futebol é futebol! Porém, se a transmissão for do meu time de coração é melhor ainda. Jogaram Flamengo e Palmeiras. Na contagem final ficou dois a dois. Após o término do jogo, organizei meu quarto para dormir. Não tive sonhos nem pesadelos em função de meus times só jogarem na quinta-feira.

As paisagens de nossas vidas cotidianas estão cheias de significados. Algo que me fascina na Geografia é o ato de decodificá-las. No entanto, é tarefa que qualquer pessoa com certo nível de compreensão e discernimento apropriado pode realizar, “Porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós.” (COSGROVE, 2004, p. 121). Nesse sentido, se cada um de nós produz e reproduz a cada instante as paisagens, interpretá-las nos diz muito sobre nós mesmos. Torna-se importante para que nos entendamos, enquanto seres construtores da geografia do mundo que nos cerca.

Como diria Cosgrove (2004), não sou vinte e quatro horas por dia, conscientemente, um geógrafo. As atividades corriqueiras do meu dia-a-dia – deslocamento casa/trabalho, bate-papo nos intervalos com estudantes, pelada com a galera da rua, e muitas

outras –, não têm relação direta com minha formação geográfica e com minha atuação profissional. No entanto, mesmo em tais situações, ainda sou um geógrafo, pois “a geografia está em toda parte”.

Esta breve narrativa aparece como pontapé inicial na tentativa de demonstrar algumas categorias que recortam o empírico do mundo da pelada na periferia. Dentre elas pode-se destacar: território, ritos, temporalidades, conflitos, territorialidades, emoções, sujeitos sociais, arte, resistência, paisagem, incerteza etc. Estas serão retomadas direta ou indiretamente ao longo deste trabalho.

A narrativa, verdadeira, segue também o propósito da metodologia qualitativa que ampara o nosso trabalho: estamos desenvolvendo a pesquisa municiados pelo que chamamos de experiência vivencial. Isso significa dizer que entraremos no jogo acadêmico como no jogo da pelada para vivenciarmos, de dentro, o campo relacional do objeto de pesquisa, sentindo a vibração, anotando pequenos atributos, observando o que ocorre.

Como a narrativa exalta, a pelada é um fenômeno simples na forma pela qual se dá, mas faz referência a elos profundos e complexos que envolvem a alma da nação, o uso dos espaços, as condições sociais dos sujeitos, o tempo, os símbolos, o prazer, o desejo, a dissidência, a disputa. É sobre isso que vamos chutar a bola.

1.2 - Um bate-bola sobre a categoria território

Há uma reviravolta na Geografia pós-década de 1970, o que proporcionou a abertura de um vasto leque de possibilidades para novos estudos, ou seja, novos objetos apresentam-se à ciência geográfica. Isso ocorreu em função de uma demanda do mundo e do movimento interno da própria Geografia, visto que a ciência propõe-se a refletir e analisar a realidade, na medida em que esta muda, aquela deve capturar e acompanhar tal mudança. A contemporaneidade, arquitetada por um conjunto de elementos e fenômenos distintos do mundo de ontem, lança à ciência novas demandas para investigação.

Nesse turbilhão de acontecimentos, os temas ligados à cultura despontam como campo aberto e profícuo de investigação para a Geografia. Dentre estes, o que nos desperta maior interesse é o futebol, mais especificamente a pelada. Dito isso, um questionamento que bate à nossa porta é a forma como a ciência geográfica deve olhar/analisar o futebol/pelada de

modo que venha a contribuir para elucidar esse fenômeno. De fato não temos uma resposta pronta e acabada. Entretanto, elencaremos alguns pressupostos importantes no campo metodológico que entendemos serem imprescindíveis para tal empreitada.

Segundo Gomes (2001), há alguns anos vem ocorrendo um movimento interno de conscientização na Geografia de que para compreender o que anima, dá vida e sentido ao espaço é preciso ultrapassar o exame baseado apenas em sua morfologia, isto é, ao descrever a paisagem e considerar apenas os objetos materializados no espaço sem uma minuciosa análise dos complexos processos sociais, estamos desconsiderando a instância vivida, valorizada e simbolizada. Esta possibilitaria um entendimento do espaço em sua totalidade.

Considerando que para o geógrafo manusear com habilidade qualquer tema, em especial a cultura e o futebol, é necessário ter plena consciência do objeto geográfico, o espaço. Este nunca deve ser pensado fora de um contexto social e vice-versa. Tal raciocínio, de acordo com Corrêa (2005), foi uma das grandes contribuições de Milton Santos, a formulação teórica da estrutura sócio-espacial.

Este explica, teoricamente, que a sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, este só é inteligível através da sociedade. Nesse sentido, o espaço é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, ou seja, reprodução da sociedade. A História não se escreve fora do espaço e não há sociedade sem espaço. O espaço, em si mesmo, é social. (SANTOS, 1996).

O autor considera que o espaço é constituído por um conjunto articulado de um sistema de objetos e um sistema de ações, sendo os primeiros as materialidades constituintes do espaço, e os segundos se realizam em torno desses objetos. O arranjo espacial dos objetos condiciona as ações e estas, por sua vez, dão sentido/conteúdo aos objetos.

Nesta tese é possível identificar que o espaço é formado por duas instâncias, uma material e outra intangível. Isso significa dizer, segundo Gomes (2001), que o geógrafo deve olhar tanto a configuração física quanto o das práticas sociais que nele se desenvolvem. Desse modo, é de fundamental importância apreender o espaço como sendo um conjunto indissociável de formas e vivências, como é o caso da pelada que narramos para introduzir essa reflexão.

Tese semelhante e complementar encontra-se diluída nos textos de Chaveiro (2004). Ao discutir a urbanização do sertão goiano, o autor delinea a idéia de que é um equívoco pensar que a economia, o território e a sociedade não possuem um alicerce na subjetividade, assim como é errôneo considerar a existência da subjetividade sem a estrutura, sem a história ou sem o espaço. Sendo assim, pode-se dizer que não é possível pensar a cultura e, dentro dos elementos do universo cultural brasileiro, o futebol apenas como adorno, pois estrutura e subjetividade se enfeixam para constituir a realidade.

Outra questão de extrema importância para o estudo do futebol na Geografia, até mesmo em função das esparsas contribuições dessa ciência em relação ao tema, é o rigor e o cuidado teórico e epistemológico. Machado (1997) afirma que a Geografia não tem demonstrado, desde suas origens, pelo menos na maior parte do tempo, uma preocupação referente ao campo teórico, mais propriamente ao epistemológico.

Diante do quadro, a autora salienta que os estudos que cuidam de questões epistemológicas contribuem para o rigor teórico, conceitual e metodológico, de modo a fortalecer a ciência: “Pensar a epistemologia, portanto, requer refletir, fundamentalmente, sobre o método e a metodologia, assim como sobre a evolução e aprofundamento dos conceitos” (MACHADO, 1997, p. 20).

O uso das categorias espaciais é imprescindível no tratamento geográfico de qualquer tema, uma vez que as categorias atribuem identidade a cada ciência. De acordo com Silva (1986, p. 26):

O ponto de partida do método é, inicialmente, a abstração, as categorias se põem desde logo como universais abstratas. [...] À medida que o projeto avança, as categorias vão se pondo ainda como conceitos abstratos, mas já como mediações do concreto. [...] As categorias tornam-se entidades concretas momento em que se chega à síntese fundamental do fenômeno em sua essência [...].

Daí a importância de refletir acerca das categorias, a fim de elencar qual(is) possibilita(m) uma melhor análise da realidade. A partir disso, outro passo é identificar qual conceito nos permite ler os objetos do mundo. É necessário, também, definir com clareza os conceitos centrais e periféricos que figuram no trabalho, ou melhor, dos quais estou me servindo para realizar o estudo, como bem lembra Santos (1997). Isso é ainda mais necessário no campo da cultura em que as coisas são movediças.

Pensando em tais ponderações, considerou-se que diante do ângulo pelo qual se pretende abordar o futebol peladeiro na periferia da metrópole, a categoria geográfica que permitirá a melhor leitura de tal fenômeno é o território. Desse modo, a fim de iniciar uma discussão mais apurada sobre o tema iniciar-nos-emos realizando uma incursão no campo da Geografia com o propósito de delinear o debate epistemológico acerca da categoria território, assim como da territorialidade, que figuram como ferramentas centrais nesse trabalho, na medida em que se buscará, com o seu auxílio, compreender a geograficidade das peladas.

De acordo com o dicionário etimológico, território deriva do latim *territorium* (CUNHA, 2001, p. 766), cujo significado é terra pertencente a alguém. Partindo-se do que traz o dicionário e da afirmação de Silva (1994, p. 259), “o território é o domínio de um evento natural ou humano”, percebe-se que um elemento central é o domínio, que resulta do exercício do poder. Este se torna algo intrínseco à discussão da categoria território.

O vocábulo território vem sendo utilizado por geógrafos desde o século XIX. Como exemplo, pode-se citar Ratzel, que estudava a relação entre Estado e território, e, também, Élisée Reclus, que procurava estabelecer as relações entre classes sociais e os espaços ocupados e dominados. A partir dos anos de 1980, com a retomada dos estudos em Geopolítica e Geografia Política, o território aparece entre os termos mais utilizados dentro do universo geográfico, concorrendo hoje com termos tradicionais como espaço e região (ANDRADE, 1994). Atualmente, verifica-se que as categorias território, junto com paisagem e lugar, são as mais empregadas nos estudos realizados na Geografia.

Ratzel (1990, p. 73) afirma que “[...] não se pode considerar mesmo o Estado mais simples sem o seu território, assim também a sociedade mais simples só é possível ser concebida junto com o território que lhe pertence”. Para o autor, o território é o espaço apropriado pelo poder que, por sua vez, é elemento exclusivo do Estado. Os humanos estão sujeitos às condições que lhe são impostas pelo solo, na medida em que a raiz da vida, nas palavras de Ratzel (idem), está unicamente nele. Os homens e as mulheres vêm-se obrigados a agir conforme imposições das condições de seu território.

Dentre os conceitos chave da Geografia, o de território foi introduzido no final do século XIX por Ratzel, que concebia o território como um espaço concreto, determinado pelo solo apropriado por um grupo e formador de uma identidade cultural. Os conceitos de solo e território são quase equivalentes e, dessa forma, o primeiro seria o alicerce para a apropriação

e manutenção do poder e a base para formação do Estado. Nessa perspectiva, o segundo seria um dado natural e exclusivo do Estado.

Raffestin (1993) afirma que em toda relação humana circula o poder que não é possuído nem adquirido, mas simplesmente exercido. O autor, em um primeiro momento, preocupa-se com a definição de poder, recorrendo principalmente às obras de Foucault, que salienta que se quisermos compreender os mecanismos de poder em sua complexidade “não podemos nos ater unicamente à análise dos aparelhos do Estado. [...] O poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canis muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder” (2001, p. 160).

Na mesma linha, Raffestin (1993, p. 52-53) advoga que o poder é

parte intrínseca de toda relação. [...] seria inútil procurar o poder na existência original de um ponto central, num centro único de soberania de onde se irradiaram formas derivadas e descendentes, pois é o alicerce móvel das relações de força que, por sua desigualdade, induzem sem cessar a estados de poder, porém sempre locais e instáveis. O poder se manifesta por ocasião da relação. [...] o campo da relação é um campo de poder que organiza os elementos e as configurações.

Os autores ressaltam a multidimensionalidade do poder em oposição à maneira unidimensional de como o poder era pensado antes. Mesmo que o poder não englobe tudo, ele vem de todos os lugares, assim como está em todos os lugares. Nesse sentido, os mecanismos de poder não passam direta e unicamente pelo aparelho do Estado, ou seja, o poder também se manifesta na escala do micro – como afirma Foucault, o micro-poder.

Com base nessa definição, para Raffestin (1993) o território é a cena do poder, o lugar de todas as relações, mas a fonte do poder está na população, já que sem esta o território se resume a apenas uma potencialidade, um dado estático a organizar e a integrar em uma estratégia. O território “se forma a partir do espaço. Ao apropriar-se de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator ‘territorializa-o’” (idem, p.143). Nesse momento, o ator irá projetar ali suas marcas de poder. Portanto, o espaço é uma prisão preexistente, enquanto o território é uma prisão construída pelo homem para si mesmo.

Em tal perspectiva o espaço antecede o território e este é uma produção social a partir daquele. Os atores sociais delimitam, constroem, destroem, alteram os territórios em função de alguma intenção. As fronteiras, as redes, os recursos, são assim pensados e instrumentalizados em função do interesse de cada ator que reconhece outros atores além do

Estado. A categoria território agora não é mais vinculada única e exclusivamente ao Estado, pois o poder, em uma nova concepção, é algo difuso, é exercido por uma infinidade de atores. Os territórios são normalmente demarcados por limites de territorialidade, onde um indivíduo ou grupo estabelece relações de domínio ou controle sobre uma área.

Raffestin (1993) lembra que a delimitação de territórios é mediatizada pelas relações entre os homens, portanto inclui bem mais que uma simples relação com a área. Os homens e mulheres, em suas vivências, criam sistemas de relações existenciais e/ou produtivistas, sendo todas relações de poder. Tais sistemas intermediam o processo e o produto territoriais. Nesses termos, o autor, ao tratar da territorialidade, afirma que ela

reflete a multidimensionalidade do 'vivido' territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. [...] A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a "face vivida" da "face agida" do poder. (idem, p. 161-162)

A territorialidade é compreendida através das relações sociais e culturais que o grupo mantém no seu território, podendo este, em algumas instâncias, ser confundido com lugar quando se referencia à apropriação simbólica identitária e afetiva do espaço, que constituem uma das temáticas abordadas por geógrafos humanistas.

Dessa forma, Raffestin (1993) concebe territorialidade como um conjunto de relações que se originam em um sistema tridimensional sociedade-espço-tempo, o que implica analisar a territorialidade em função da apreensão das relações recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal. A territorialidade, então, corresponde às ações desenvolvidas pelos agentes sociais em um dado momento histórico e em um específico recorte espacial. Essas relações apresentam-se vinculadas ao conjunto dos elementos constitutivos e fundantes do mundo vivido de um grupo social.

Souza (2005) realiza uma análise da forma com que, ao longo da história, o conceito de território foi tratado. Na maior parte da literatura científica, assim como no senso comum, a noção de território vem sendo associada à figura do Estado, portanto, normalmente evoca território nacional. Contrapondo essa visão reducionista, o autor (2005, p. 81) ressalta que o território "não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado".

O entendimento do conceito de território, na perspectiva de Souza (2005), deve-se à compreensão e à importância de se conhecer o espaço como instrumento de conquista, dominação e exercício do poder. O território é definido e delimitado por relações de poder. Para o autor, o conceito de território dado por Ratzel distorce o verdadeiro sentido e finalidade estratégica do território quando o reduz apenas à escala nacional. Na realidade, o território existe e deve ser analisado nas mais diversas escalas: desde uma rua até os territórios que ocupam os países que formam blocos econômicos.

Com relação à Raffestin, apesar de reconhecer grandes avanços na elaboração teórica acerca da categoria território, Souza (2005) faz algumas críticas e, dentre elas, aparecem duas principais: a de que Raffestin incorpora o substrato material ao conceito de território, coisificando-o, e a de que, mesmo fazendo a proposição de uma abordagem relacional, não a explorou o suficiente. Na distinção entre espaço e território, praticamente denomina ao primeiro como espaço natural e, ao segundo, como espaço social.

Na acepção de Souza (2005, p. 87), o território é delimitado por e a partir de relações de poder que operam sobre um substrato referencial: “Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (os quais são apenas os substratos materiais das territorialidades)”. Estes são, portando, as relações sociais projetadas no espaço que podem formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido, apresentando estabilidades e/ou instabilidades, ou mesmo ter existência regular ou periódica. Contudo, o substrato material ou espacial permanece ou pode permanecer o mesmo.

Para Souza (2005), tanto as grandes metrópoles modernas de “primeiro mundo” quanto as de “terceiro mundo”, com todas as suas complexidades, parecem conter os exemplos mais interessantes e variados de “territorialidades flexíveis”, como os territórios da prostituição feminina ou masculina, territorialidades do tráfico de drogas nas periferias etc.

Quanto ao conceito de territorialidade, Souza salienta que remete a

algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é [...] relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial. [...] Territorialidade é um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço. (2005, p. 99)

Compreende-se que a territorialidade é o que atribui a uma determinada porção do espaço o *status* de território. As territorialidades são criadas a partir da projeção no espaço das relações humanas – relações de poder. Isso se apresenta como uma estratégia territorial que delinea as fronteiras e permite a manutenção do território.

Corrêa (1994, p. 251), por sua vez, relaciona a criação do território à apropriação de determinados segmentos do espaço. Tal apropriação pode advir de duas naturezas:

De um lado associa-se ao controle de fato, efetivo, por vezes legitimado, por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço. [...] a apropriação, por outro lado, pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, sexo, idade ou outros atributos. [...] O território é o espaço revestido da dimensão política, afetiva ou ambas.

Para este autor (*idem*, p. 251-252), territorialidade “refere-se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um dado território por um determinado agente social, o Estado, os diferentes grupos sociais e as empresas”. As estratégias territoriais utilizadas para o exercício do controle de uma dada extensão espacial podem se dar pela implementação de limites ou fronteiras através de marcas simbólicas.

Conforme Lameco (1996), o poder é uma dimensão que define o território e concebe a territorialidade como estratégia de controle. Avançando na discussão sobre territorialidade, a autora (*idem*, p. 121) afirma que ela “[...] deve ser reconhecida fundamentalmente como uma ação, uma estratégia de poder e manutenção, independente do tamanho da área a ser dominada ou do caráter meramente quantitativo do agente dominador”.

Em uma revisita a Sack, Machado (1997) salienta que na perspectiva do autor a territorialidade humana é uma forma espacial de comportamento social. É uma estratégia utilizada por um indivíduo ou grupo para delimitar e manter uma determinada área geográfica/território. Essas estratégias territoriais ou territorialidades podem existir em diferentes escalas.

De acordo com Cara, a territorialidade é “a qualidade subjetiva do grupo social ou do indivíduo que lhe permite, com base em imagens, representações e projetos, tomar consciência de seu espaço de vida.” (1994, p. 262). Para o autor, a territorialidade enfatiza a capacidade das sociedades de criarem suas representações e símbolos, como um modo de

compreender e conferir significado a sua própria história e meio ambiente, expressa numa identidade social e comunitária.

Esse passeio pelo embate teórico-conceitual sobre território e territorialidade nos possibilitou um maior discernimento de tais categorias. A partir de então, entendemos que seria importante formular um conceito que mais se aproximasse do fenômeno o qual procuramos elucidar, as peladas. Nesse sentido, concebemos território como uma parcela do espaço apropriada por indivíduos ou grupos sociais, que se dá mediante relações sociais (leia-se relações de poder) projetadas no espaço, as quais apresentam estabilidades e/ou instabilidades, podendo formar-se e dissolver-se rapidamente.

Quanto à categoria territorialidade, a maioria dos autores citados acima não apresenta grandes divergências. Assim, com base principalmente em Corrêa (1994) e Cara (1994), compreende-se territorialidade como um conjunto de práticas/estratégias materiais e/ou simbólicas utilizadas por um determinado agente social, com o intuito de garantir a apropriação e a permanência no território. A territorialidade está vinculada à dimensão afetiva construída pelas relações advindas do grupo social com o território, permitindo a esses agentes sociais, por meio das representações simbólicas, atribuírem significado às coisas que compõem o seu meio.

Realizado este rápido preâmbulo sobre a geograficidade do futebol⁵, assim como uma leitura das categorias território e territorialidade, adentrar-se-á no debate em torno do futebol e da pelada. Para tanto, será apresentada uma visão de como ocorrera a difusão do futebol pelo mundo, a chegada dele ao Brasil, sua relação com o povo brasileiro, assim como nosso entendimento acerca dos territórios das peladas.

1.3 - A dispersão do futebol e os territórios das peladas

O futebol tem sua origem vinculada à evolução de práticas lúdicas muito remotas. Entretanto, a versão que conhecemos hoje é uma invenção dos ingleses. Segundo

⁵ Para Dardel, citado por Holzer (2001), geograficidade refere-se à relação de cumplicidade entre o homem e a Terra, ou seja, a totalidade do ser humano e suas ligações existenciais com a Terra. Sendo assim, a geograficidade se confunde com a ontologia da espacialidade ou da Geografia. Conforme Lacoste (1988), geograficidade refere-se à questão do que é ou não geográfico, ou melhor, que fenômenos são considerados dignos de receberem atenção dos estudiosos da Geografia. Neste trabalho, a expressão “geograficidade do futebol” figura no sentido de indicar o modo como o futebol se territorializa no espaço. Em outras palavras, geograficidade do futebol envolve laços de pertencimento, e implica ressignificação da paisagem.

Mascarenhas (2002), o futebol moderno nasce nas escolas públicas inglesas por volta de 1830. A partir de meados do século XIX esse esporte encontra grande difusão pelas redes internacionais de comércio e pela dominação imperialista. Ao longo do século XX, a expansão do chamado tempo livre e do consumo de serviços de lazer propiciou seu constante crescimento.

No Brasil, o futebol chegou por volta de 1900, tendo sido introduzido em nosso país por filhos da elite brasileira que estudavam na Inglaterra. Os primeiros exemplos de territorialidades do futebol em terras brasileiras são os das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Charles Miller, no ano de 1894, e Oscar Cox, em 1907, foram os responsáveis por organizarem as primeiras partidas de futebol nessas cidades (ALENCAR, 1970, p. 69). Isso significou o início da construção dos territórios do futebol no Brasil.

Ao chegar ao Brasil o esporte depara-se com um território fragmentado e uma diminuta infra-estrutura urbana. Essa configuração territorial condiciona, nas primeiras décadas do século XX, sua estruturação. Nesse sentido, “diversas localidades mantiveram-se em relativo isolamento com relação aos grandes centros urbanos nacionais, mantendo o tradicional localismo. No âmbito do futebol, tal situação propiciou o surgimento de rivalidades locais (os chamados ‘clássicos’)” (MASCARENHAS, 2004, p. 4).

Em outras palavras, a realidade territorial do Brasil imprimiu sobre o futebol a característica do localismo, que pode ser facilmente percebida nas rivalidades clubísticas, largamente valorizadas pelas torcidas locais. O localismo, então, tornou-se uma estratégia que possibilitou construir, manter e ampliar os territórios do futebol.

Algum tempo depois da chegada ao Brasil o futebol foi popularizado e, desde então, vem ganhando espaço no cotidiano brasileiro. A partir dos primeiros resultados expressivos em copas do mundo e torneios internacionais, o esporte alarga seu horizonte, caindo nas graças do povo. Por ser o grande alvo da paixão do brasileiro, o futebol tornou-se um ícone da nossa cultura. Há, então, além de um gosto cada vez maior, e até em função disso, a construção de uma imagem que vincula o Brasil ao futebol, fazendo com que sejamos (re)conhecidos como o “país do futebol”.

É inegável a relação entre o futebol e o Brasil. Ao que parece, existe um elo que liga esse esporte à alma do brasileiro, o que pode ser facilmente percebido pela presença constante que ele tem no dia-a-dia do nosso povo. A esse respeito, Castro (1962) afirma que o

futebol é a maior atividade coletiva do país e, portanto, coisa essencial contida no centro da existência cotidiana.

No Brasil, o futebol é, efetivamente, como afirma Silva e Votre (2005), um dos grandes eventos, aglutinador de emoções e participe da construção do espírito nacional. No mesmo sentido, Machado (2005) salienta que ele se faz presente em inúmeras cenas do cotidiano do brasileiro. Em virtude disso, torna-se evidente a pujança que conquista ao longo de sua história nesse território.

O esporte planetário criou suas raízes no Brasil e transformou-se em um dos principais cartões de visita do país (FÁVERO, 2004). O vigor do futebol como fato social é uma construção histórica. De acordo como Mascarenhas,

a montagem deste amplo cenário é fruto dos processos articulados de formação de uma nação (e toda a sua carga simbólica) e de estruturação de um território em acelerada urbanização. Inicialmente funcionando como apenas mais um modismo importado dos ingleses, prática restrita aos poucos jovens da elite republicana, o futebol se popularizou rapidamente. Sua difusão espacial expressiva permitiu que se tornasse uma poderosa instituição nacional. (1998, p. 93-94)

No início de sua história no Brasil, o futebol enfrentou alguns obstáculos até espalhar-se pelo território nacional: “As partidas eram mais encontros sociais [de jovens bem-nascidos que quase sempre estudavam na Europa, principalmente na Inglaterra e Suíça] que competições esportivas” (ALENCAR, 1970, p. 77). Nos primeiros anos, não consegue romper o círculo fechado da elite. Dessa forma, mesmo quando o número de participantes se amplia, os territórios para sua prática ainda são restritos, principalmente por estarem fixados nos grandes clubes da alta sociedade.

Dois dos maiores empecilhos à rápida difusão do futebol eram o valor e a dificuldade em se conseguir o material para se praticar. Os apetrechos necessários à sua prática tinham um custo alto e não eram fáceis de serem encontrados por se tratarem de materiais importados (ALENCAR, 1970).

Os clubes de futebol dinamizam a vida, principalmente a das grandes cidades. Aqueles imprimem sobre estas um movimento que supera a antiga monotonia das paisagens diárias; esta se movimenta em função dos treinos, dos amistosos, dos jogos de campeonato, de um jogador descoberto, da derrota do outro etc.: “A metrópole, o grande mundo de milhões de indivíduos, se divide pelos vários clubes, e, aos sábados e domingos, às vezes mais, retempera-se na torcida do quadro favorito” (CASTRO, 1962, p. 117).

O futebol no Brasil não interessa apenas às grandes aglomerações humanas, mas, igualmente, aos pequenos núcleos, que vão desde as fazendas até as pequenas cidades, sedes de município, lugarejos e outros. Conforme Castro (1962, p. 114), “a capela e o campo de futebol são os seus elementos substanciais. O campo de futebol inverteu a história das povoações. Antes, os lugarejos nasciam em redor da capela”. No mesmo sentido, Alencar afirma, ainda, que “a paisagem das pequenas cidades e vilas sertanejas já não se limitava ao prédio velho da cadeia e a pracinha com a igreja fazendo de zagueiro líbero. Agora o gramado com balisas passaria a integrá-la em definitivo.” (1970, p. 79).

Contudo, a força com que o futebol se projeta no âmbito do vivido do brasileiro se dá também no nível do futebol amador ou não profissional, vide a enorme quantidade de campos, ou melhor, de espaços destinados à sua prática, e o grande contingente de indivíduos que jogam bola somente por prazer. Os campos espalham-se tanto pelas cidades como pela zona rural, pelo centro da urbe e, principalmente, pela periferia, em locais voltados especificamente à sua prática ou improvisados. O futebol pode e é praticado em quase todos os lugares, no colégio, na fábrica, no exército, na penitenciária, na rua etc.

Na prática informal/amadora do esporte acontece com frequência o processo de refuncionalização dos espaços, termo utilizado por Santos (1997). Os peladeiros, na construção de sua territorialidade, imprimem uma transformação aos espaços, edificando, assim, os territórios das peladas que, às vezes, são possuidores de um horizonte espacial e temporal efêmero como, por exemplo, um jardim, uma calçada, uma rua, um lote baldio (ilustração 1) etc.



Ilustração 1 - Futebol de pelada em lote baldio - Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

A rua, por exemplo, tem como função principal servir ao tráfego de veículos e pessoas, todavia, nas tardes dos finais de semana e feriados, principalmente, é apropriada pelos amantes da bola, passando a figurar como espaço para a prática das peladas. Ganha, portanto, temporariamente, nova função, passando a se constituir, também, em um território das peladas (ilustração 2).



Ilustração 2 - Futebol de pelada na rua - Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

Do ponto de vista histórico, como já foi dito, as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo conheceram o futebol via um jovem brasileiro de ascendência inglesa que estudava na Europa. Charles Miller, no ano de 1894, trouxe algumas bolas e apetrechos para a prática do futebol quando veio ao Brasil. Na cidade de São Paulo, “conseguiu arregimentar alguns rapazes e realizar encontros amistosos sob o patrocínio não muito entusiasta de clubes granfinos” (ALENCAR, 1970, p. 69).

Em 1897 regressa ao Rio de Janeiro e São Paulo outro jovem brasileiro de origem inglesa, Oscar Cox. Traz consigo uma bola de futebol e logo convoca seus colegas para jogar futebol, “[...] realizando encontros (hoje se chamariam de peladas) que tinham pelo menos a vantagem de tornar conhecido o novo esporte, conquistando aficcionados para a sua prática” (ibidem, p. 69). Sobre as primeiras peladas, Castro (1962, p. 14) salienta que “são sempre de caráter amistoso, ainda sem espírito especialmente competitivo”.

As primeiras peladas disputadas em terras brasileiras, conforme Castro (1962) e Alencar (1970), aconteceram em São Paulo e no Rio de Janeiro já nos primeiros anos do

século XX. O futebol dessa época era apenas amador, entretanto, logo adentra os clubes da elite, tornando-se profissional. Por outro lado, as peladas continuam como reduto dos amantes da prática do futebol, que resistem às representações advindas da globalização.

Lovisoló e Soares (2005), tratando do futebol varzeano (praticado em lotes baldios por times amadores) salientam que no terreno mitológico da várzea teria ocorrido o acontecimento extraordinário da apropriação criativa, a re-criação, portanto, do esporte – originalmente inglês e de elite – pela imaginação do povo brasileiro. Nesse contexto, os autores demonstram um sentimento de saudosismo com relação à forma natural e simples com que era praticado e que hoje teria se perdido no crescimento agitado e perverso das cidades.

Nos últimos anos, entra no futebol a lógica da tecnocracia e dos resultados que elevam-no ao posto de espetáculo. Galeano também manifesta o mesmo sentimento: “a história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar.” (2004, p. 10).

Percebe-se, pelas colocações tanto deste quanto daqueles, que o futebol simples, praticado de maneira informal e amadora, era melhor e mais alegre. Resta saber se essas manifestações afirmativas são apenas um saudosismo apaixonado ou se realmente existe certa razão. No entanto, esse não é o objetivo deste trabalho.

Entende-se, aqui, que na contemporaneidade se pode vislumbrar, grosso modo, duas grandes territorialidades do futebol: a do profissional, ou seja, aquela do futebol-espetáculo, dos grandes jogos transmitidos pela TV, dos estádios lotados, dos craques do mundo da bola (ilustração 3), e a amadora, praticada a qualquer hora e lugar pelos amantes do futebol, que jogam pelo simples prazer proporcionado pelo lúdico do futebol - os peladeiros.



Ilustração 3 - Jogo do Vila Nova na Série B do Brasileiro / 2008 - Estádio Serra Dourada
 Fonte: <www.vilanova.esp.br/galeria_de_fotos.asp>

Ao que parece, existem pelo menos dois grupos dentro do futebol considerado como não-profissional/amador, o que estaria no pólo extremo do amadorismo e no qual, na construção do território da pelada, tudo pode ser e quase sempre é improvisado, e outro que se localizaria em um meio termo entre o profissional e o amador, o amador-profissional, relativo aos campeonatos de futebol amador (ilustração 4). Apesar de não serem profissionais, tais peladas contam com uma certa institucionalidade – juiz, jogos de camisa, torcida, espaços específicos etc.

O agir dos peladeiros no espaço para construir o território das peladas expressa sua territorialidade, que se faz mediante a projeção da cultura futebolística em um determinado espaço, de maneira a conferir-lhe a condição de território. Os territórios das peladas apresentam-se à margem da visibilidade global, ou melhor, são pouco visíveis. Ao se falar de futebol, em geral são lembradas – inclusive pelas poucas produções acadêmicas –, somente as grandes partidas do futebol-espetáculo.



Ilustração 4 - Torneio de futebol amador / Vila Mutirão - Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2008. Fotografia: José Paulo Teixeira

As peladas se constituem um fenômeno sociocultural muito presente na periferia dos centros urbanos. Seus atores, ou seja, os peladeiros, apropriam-se, mesmo que temporariamente, de determinado espaço para prática do futebol (não-profissional), construindo, assim, seus territórios. Os peladeiros territorializam-se temporariamente em um determinado espaço, imprimindo as marcas de sua cultura futebolística, sendo esta entendida como toda uma gama de práticas materiais e/ou simbólicas que lhe permite conhecer-se e ser conhecido como diferente do outro.

Torna-se necessário, neste momento, elucidar o conceito de pelada, principalmente por esta figurar como elemento central neste trabalho. A palavra pelada vem de *pêla*, que significa bola, objeto usado em jogos e brincadeiras; e *pêla*, por sua vez, origina-se do latim vulgar da palavra *pilella*. Atualmente, o termo é utilizado para designar uma vertente mais “periférica” do futebol, ou seja, o jogado entre amadores e, geralmente, em campos improvisados. O peladeiro é, então, esse jogador amador que participa da pelada (HOUAISS, 2001).

Pensando para além da origem etimológica e do significado que o dicionário traz, talvez exista uma relação entre a pelada no sentido do jogo e a nudez, pois o jogo informal do futebol apresenta o caráter do improviso e, com relação ao uniforme, quando há necessidade de uma diferenciação entre os times, costumeiramente uma das equipes joga sem camisa. Não esquecendo também que, geralmente, os peladeiros atuam com os pés descalços. Enfim, pode ser que o caráter da nudez tenha influenciado o nome atribuído a essa instância do futebol.

Neste trabalho entende-se a pelada como a instância mais amadora do futebol e, por isso, esta apresenta em seu *ethos* constitutivo o improviso (ilustração 5), pois furta as regras do esporte profissional, acontece em qualquer lugar e a qualquer hora do dia ou da noite e suas regras são flexíveis.



Ilustração 5 - Peladeiros de pés descalços jogando com uma bola quase redonda e um golzinho de pedaço de tijolo e pedra. Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia.

Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

As peladas ainda podem apresentar várias modalidades – golzinho, golzão, gol dentro da área, soldadinho, primeirinha, cu-de-boi e outras⁶, sendo que a escolha de uma ou outra se dá em função de dois elementos principais: o primeiro diz respeito às dimensões do espaço onde se realizará a pelada e ao número de peladeiros dispostos a jogar; o segundo está ligado à simpatia dos peladeiros por uma das modalidades de pelada.

Um elemento que acaba por enlaçar o futebol de pelada à categoria território é o poder, que mora na essência do futebol, pois há uma disputa territorial em que as equipes, mediadas pela bola, objetivam adentrar no campo do outro, até fazer com que ela ultrapasse a meta adversária, fazendo o gol. Desse modo, as relações de poder se espacializam no campo de jogo. Geralmente, o time mais forte consegue sufocar o outro no seu campo, dominando, assim, todas as ações durante o jogo. Entretanto, algumas equipes se compactam, de modo estratégico, em sua metade do campo a espera de uma falha do adversário, para contra-atacar e, dessa maneira, decidir a partida. Sendo assim, em determinados casos, ceder território ao seu oponente pode ser uma forma de induzi-lo a pensar que tem o controle da situação. Ao se

⁶ O golzinho, como o próprio nome diz, é um gol pequeno, portanto não existe a figura do goleiro; no golzão, o gol é grande e já aparece o goleiro; o gol dentro de área utiliza também traves grandes e somente é válido o gol se o arremate final ocorrer dentro da área próxima às balizas; soldadinho e primeirinha utilizam somente uma baliza grande, defendida pelo goleiro e dois jogadores de linha. A diferença entre as duas modalidades é que no soldadinho só é válido o gol quando um jogador recebe a bola do parceiro sem que ela toque no chão e sem deixar cair/chutar ao gol (pode-se tocar na bola quantas vezes quiser), já na primeirinha, os jogadores de linha devem tabelar entre eles, ajeitando a “redonda” para o arremate ao gol, tocando-a sempre de primeira.

desguarnecerem na defesa, no afã da circunstância, acabam por oferecer terreno para o contra-golpe, o que muitas vezes é “mortal”.

Em se tratando dos territórios das peladas, o poder se apresenta em diversas situações. Um caso muito peculiar é o do dono do time e/ou da bola. A posse da bola lhe concede, perante os demais peladeiros, certo poder. O dono da bola sempre joga, pois ele pode, a qualquer momento, em função de uma situação que o contrarie, pegar a bola, colocá-la debaixo do braço e ir embora, acabando com a pelada na falta de outra “redonda”. Além disso, no calor das circunstâncias no desenrolar do jogo, sempre ocorrem discussões, xingamentos, ofensas, diálogos ásperos etc., entre peladeiros das equipes que se enfrentam ou até de um mesmo time.

Com relação à disputa por espaços na cidade e, em particular, na periferia, a pelada figura como um fenômeno que participa desse jogo. Ao ser praticado na calçada, o jogo de bola entra em conflito com os pedestres; quando ocorre num lote vazio, trava-se um embate com o proprietário no momento em que este resolver construir naquele espaço; já as peladas praticadas na rua disputam espaço com os veículos (ilustração 6). Isso sem falar nas desavenças que quase sempre acontecem com a vizinhança por conta, principalmente, de bola, que vez ou outra quebra uma vidraça, cai em algum quintal ou acerta um passante.



Ilustração 6 - Peladeiros disputando a rua com os veículos / Mansões Paraíso
Ap. de Goiânia

Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexander B. e Silva

O poder circula nas mais variadas dimensões relacionais da pelada. Desde a posse da bola, passando pelos embates no campo de jogo, até a disputa por espaço com outros atores sociais. Em nosso entendimento, esse último merece destaque. Em decorrência do aspecto do

improviso com relação ao local para sua prática – a refuncionalização dos espaços –, a pelada cria situações conflituosas com os demais atores sociais que ocupam os mesmos territórios.

Até aqui a tentativa foi de apontar as principais, categorias e conceitos que irão permear toda a dissertação. Como o mirante a partir do qual olhamos o mundo é a Geografia, identificou-se que as categorias geográficas, território e territorialidade, seriam as que melhor atenderiam nossas necessidades dentro da pesquisa. Desse modo, buscou-se realizar uma discussão sobre essas categorias dentro da ciência geográfica, pois ao nos situarmos diante do debate em torno destas categorias foi possível delimitar os conceitos que possibilitariam uma leitura mais ampla do fenômeno a ser estudado.

Neste capítulo, também apresentamos o que seriam as peladas, assim como algumas de suas características. No capítulo seguinte iremos levantar uma tese para delinear os caminhos que o futebol percorreu até chegar ao sertão do Planalto Central brasileiro; apontar algumas das relações que se estabelecem entre a metrópole goianiense e o futebol; além de apresentar elementos que nos auxiliem a compreender a riqueza do futebol de pelada na periferia proletária.

Capítulo II

**O JOGO DE BOLA NO ESPAÇO DA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA: A BOLA
É DA PERIFERIA**

Pretende-se, neste capítulo, refletir acerca de algumas questões que possam nos auxiliar na compreensão de como o futebol se materializa no espaço da metrópole – mais especificamente na periferia proletária, que envolve Aparecida de Goiânia. Para tanto, em um primeiro momento, apontaremos alguns elementos importantes na direção de elucidar os caminhos trilhados pelo futebol até chegar ao sertão brasileiro; em seguida discorreremos sobre a região metropolitana de Goiânia (ilustração 7); e, posteriormente, adentraremos os meandros da periferia proletária e sua íntima relação com o futebol de pelada.

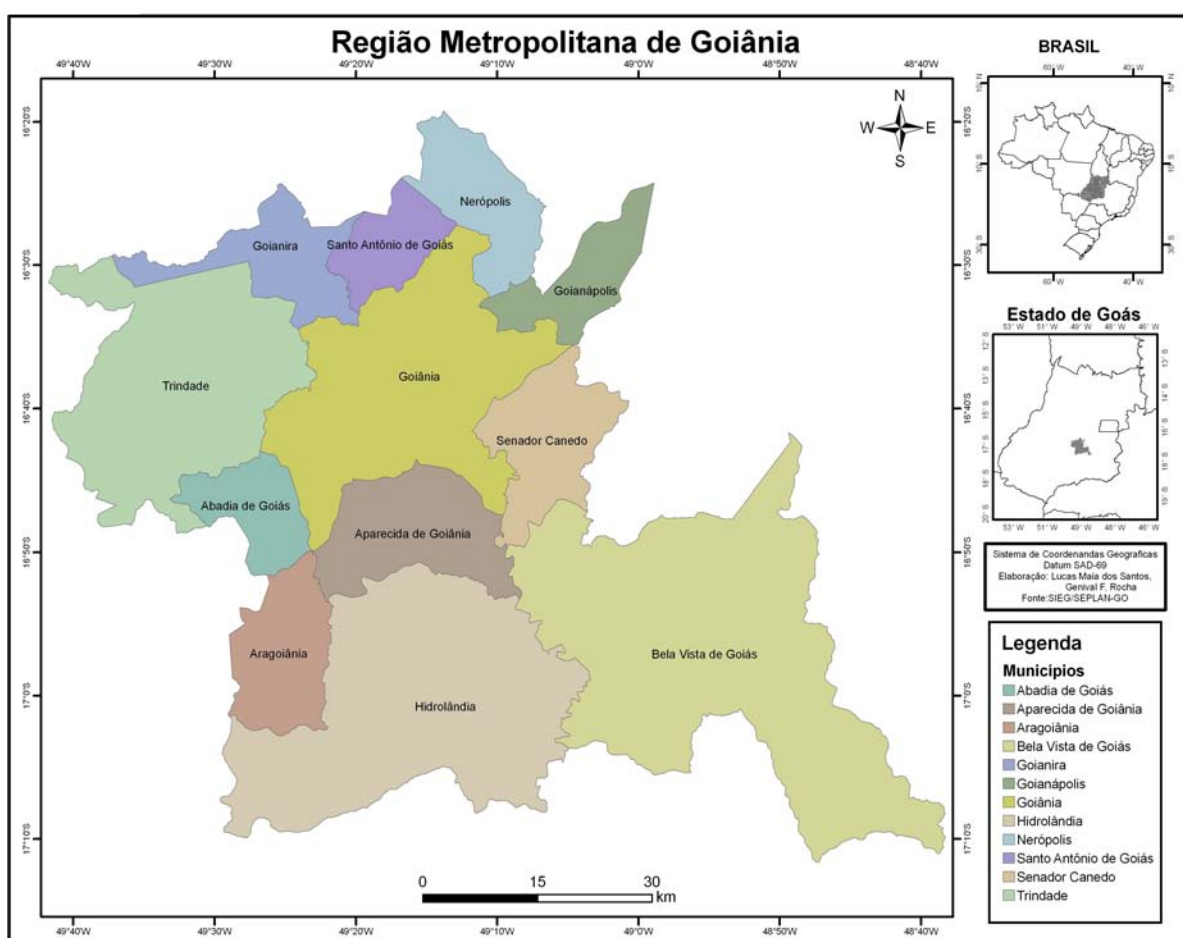


Ilustração 7 – Mapa de Localização da Região Metropolitana de Goiânia

Partimos do pressuposto de que há uma lógica territorial do futebol, envolvendo poder, classes sociais, espacialização, lazer e, especialmente, sociabilidades. Nesse sentido é que desenvolvemos os seguintes questionamentos: será que há uma relação entre a história de um território, sua organização espacial e o desenvolvimento do futebol? O modo como o futebol ocorre em Goiás acompanha a divisão regional do trabalho? Como se dá a prática do

futebol na metrópole goianiense? Qual a especificidade do futebol de pelada praticado na periferia proletária?

Devido à brevidade do tempo, à complexidade escalar do tema e ao longo trajeto histórico do fenômeno, corre-se o risco de atropelar e não atribuir a devida atenção a alguns elementos que figuram nesse meio-campo. Entretanto, almeja-se contribuir para a compreensão dos processos que possibilitaram a disseminação do futebol pelo interior do Brasil, assim como do modo e do significado que a prática da pelada assume na periferia proletária. As idéias que nutrem o texto transitam por diversas escalas, que vão desde a mundial – redes internacionais das ilhas Britânicas –, passando pela nacional – litoral e sertão –, até a local – quando argumenta-se sobre a periferia da região metropolitana de Goiânia.

2.1 A cultura do futebol e o futebol como cultura: a bola rola no solo da pátria

Vale retomar uma importante contribuição das análises que os geógrafos têm feito sobre a cultura: não há prática social fora do espaço, assim como não há prática espacial eximida das práticas culturais e simbólicas. O encontro do sujeito social com o espaço é mediado por signos culturais, materializados em sistemas de significação que remontam aos pleitos culturais.

Se envolver-se com a cultura é estabelecer significações, quais são os significados da prática do futebol, mais precisamente das peladas, no sistema de vida dos vários grupos sociais? Cabe, pois, remontar os quadros espaciais e históricos nos quais essa prática tornou-se ativa.

Os chapadões centrais do Brasil são cobertos por um domínio fitogeográfico e morfoclimático conhecido como cerrado. Esse complexo arranjo paisagístico constitui-se no segundo maior bioma do Brasil, estendendo-se por 22% do território nacional, ou cerca de 2 milhões de quilômetros quadrados. Conforme Barbosa e Nascimento (1993), os primeiros registros de ocupação da região do cerrado brasileiro datam de cerca de 11 mil anos – tradição itaparica, que possivelmente tinha ligações de parentesco com o tronco lingüístico Macro-Gê.

Nos sertões do Brasil Central também habitaram vários outros grupos humanos até a corrida pelo ouro. Teixeira Neto (2002), percorrendo sobre o território goiano de ontem, aponta que nessas terras viviam os índios Kayapó, na porção sul-sudoeste goiano; os Karajá,

no Vale do Araguaia; os Akwê-Xavante, que habitavam preferencialmente o grande interflúvio que separa os rios Araguaia e Tocantins e o vale deste último e, posteriormente, foram se refugiar no Vale do Rio das Mortes; os Canoeiros, descendentes dos Tupi do litoral, que deslocavam-se constantemente ao longo dos vales do Maranhão, Tocantins e Paraná; os Apinagé e Kraô, na região do Bico do Papagaio; os Xerente, os Akroá e Xakriabá, que viviam do lado oriental do Rio Tocantins; e, por fim, os Goya, que espalhavam-se pelas proximidades das nascentes do Rio Vermelho.

É importante ressaltar que a maioria das tribos indígenas que existia em Goiás migrou do litoral pelo avanço da colonização que, durante os dois primeiros séculos, ficou restrita à faixa litoral do Brasil. Durante esse período, se desenrolaram os ciclos econômicos do pau-brasil e da cana-de-açúcar.

O primeiro marco significativo dentro do processo de ocupação mais intensa das terras do sertão do Brasil se deu a partir da virada do século XVII para o século XVIII. Segundo Castro (2004), a coroa portuguesa, com a finalidade de controlar o déficit da balança comercial, principalmente com a Inglaterra, empreende expedições ao interior do país em busca de ouro e outros metais preciosos, sendo o primeiro encontrado em Minas Gerais (1696), em Mato Grosso (1719) e em Goiás (1722).

Para o autor, a pecuária foi outro fator importante no processo de apropriação e produção do território brasileiro, no início próxima às áreas açucareiras e, posteriormente, se expandiu pelo sertão nordestino, favorecida por condições naturais e econômicas. Mais adiante, com o ciclo da mineração, passou a interiorizar-se cada vez mais. Do sertão nordestino, através do Rio São Francisco, dirigiu-se em direção ao sul; e do pampa do Rio Grande do Sul, através da Depressão Periférica, tomou a direção norte, chegando à área de mineração, onde as duas correntes se encontraram.

Enfim, o surto da mineração e a formação do espaço pastoril tiveram grande contribuição para a unificação do território brasileiro, além de impulsionar a ocupação do sertão. Foi mediante esses arranjos espaciais que o território goiano e o do sertão do Brasil passaram a ser apropriados e construídos de modo mais intenso, esboçando o que se denomina cultura sertaneja.

Com a mineração, houve uma mudança no panorama populacional e urbano do Brasil, pois as vilas libertaram-se da orla litorânea e passaram a instalar-se no interior do país.

Em função do ouro, no ano de 1748 Goiás é elevado à condição de Capitania, sendo a atividade mineradora a responsável pelo início da urbanização no estado.

No entorno das minas formaram-se pequenos aglomerados populacionais, que posteriormente se tornaram cidades e/ou desapareceram com o fim da mineração. A maior concentração de minas localizava-se em torno da Serra Dourada e da Serra dos Pirineus, originando, respectivamente, os arraiais de Sant'Ana e Meia-Ponte – hoje Cidade de Goiás e Pirenópolis.

Nas últimas décadas do século XVIII a atividade mineradora entrou em decadência e, com isso, houve uma estagnação da economia goiana, gerada, principalmente, pelo isolamento da capitania com relação ao centro dinâmico da colônia. Também ocorreu um refluxo populacional, pois grande parte dos que se dedicavam à mineração migraram para outras províncias ou para o campo. Desse período até fins do século XIX, a atividade econômica que prevaleceu em Goiás foi a pecuária e a agricultura de subsistência.

Nesse momento da história, como está o futebol? Encontra-se em sua versão moderna, a que conhecemos hoje, por volta de meados dos anos de 1800 nas escolas da Inglaterra. Logo extrapola as atividades curriculares e adentra também os clubes, formados tanto pela elite quanto pela classe média urbana inglesa. Em seguida, se espalha pelo mundo pelas redes internacionais do Império Britânico. Lembremos que a Inglaterra vitoriana foi a grande potência mundial do século XIX, tendo um quarto do mundo sob seu domínio e que das Ilhas Britânicas partiu mais de um terço da volumosa onda migratória europeia entre 1850 e 1890. De acordo com Mascarenhas (1998, p. 95):

O futebol, como produto importado do Reino Unido, não se espalhou pelo mundo senão pela ação quase sempre involuntária de trabalhadores ingleses e escoceses que preenchiavam seu tempo livre em terra estranhas praticando seu esporte preferido. Nesta dinâmica, o futebol foi “semeado” prioritariamente nos locais de maior conexão com os interesses do imperialismo britânico.

Internacionalmente, no último quartel do século XIX, o modo de produção capitalista se sedimentava. No Brasil, a produção agrícola, em crise, toma novo fôlego com o café e ocorre, por pressão do capital industrial inglês, a abolição das relações escravistas. O capital inglês adentra o país via empréstimos a particulares e ao Estado, que investe em transportes e comunicações, em serviços públicos, em energia elétrica. Na mesma época houve um superávit que possibilitou ao país comprar ferrovias, aços e máquinas, além de

artigos de luxo da Inglaterra. Enfim, nesse período, nas palavras de Castro “o Brasil girava na órbita da Inglaterra” (2004, p. 78).

É justamente nesse momento, virada para o século XX, que o futebol chega ao Brasil. A tese central de Mascarenhas (1998, p. 97) com relação à disposição espacial do futebol em terras brasileiras é a de que tanto a introdução como a disseminação do esporte estão intrinsecamente enlaçadas na configuração do território nacional: “De um modo geral, a introdução e a difusão espacial do futebol no Brasil obedeceram à heterogeneidade da base territorial: à distribuição e à estrutura do sistema urbano, às conexões com o exterior e particularmente à geografia do Imperialismo Britânico”.

A adoção do futebol, uma invenção inglesa, [...] está associada à natureza e intensidade da ação do imperialismo britânico em determinados pontos do território brasileiro no início do século XX, bem como a singularidade da economia urbana e outras motivações de ordem local. (MASCARENHAS, 2005, p. 62).

Para o autor, a importação das práticas socioculturais inglesas, dentre elas o futebol, foi possível mediante a presença das embarcações, associadas à implantação de ferrovias e outros equipamentos. No início dos anos 1900, o recém-chegado futebol ficou durante algum tempo restrito a algumas localidades no litoral do Brasil. Sevcenko (1994) acrescenta que houve dois vetores de difusão do futebol em nosso país: um foi os trabalhadores das estradas de ferro, o quais deram origem aos times de várzea, o outro foi através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos da elite.

Até fins do século XIX o sertão brasileiro vivenciou uma situação de fronteira estabelecida em função da mineração, juntamente com o gado. Posteriormente, em uma nova fase, a economia nacional estruturou-se em torno da produção cafeeira. Com a expansão da cultura do café em São Paulo, a ferrovia Mogiana chegou ao Triângulo Mineiro. Tal localidade passou, então, a exercer grande influência na região. Dada sua posição geográfica privilegiada, o Triângulo Mineiro servia de ponto de junção entre o centro dinâmico, São Paulo e Rio de Janeiro, e as regiões mais isoladas, no caso Mato Grosso e Goiás.

Na virada do século o processo de apropriação do território goiano ainda era bastante difuso. O sudoeste mantinha intercâmbio com Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, via exportação de gado. Nesta região predominavam as grandes fazendas, onde se realizava a pecuária extensiva. Já o Centro e o Norte de Goiás não participaram dessa inserção na economia nacional mediante capital comercial desenvolvido no Triângulo Mineiro.

Os trilhos da Mogiana são prolongados, adentrando lentamente pelo sul do território goiano: Goiandira (1913), Ipameri (1913), Vianópolis (1924), Bonfim / atual Silvânia (1930), Leopoldo de Bulhões (1931), Anápolis (1935), e chegou a Goiânia em 1950. Quando a estrada de ferro adentrou o estado de Goiás, a região do Triângulo Mineiro perdeu importância, pois os negócios passaram a ser realizados diretamente com o mercado consumidor. Houve, também, um fluxo migratório proveniente de São Paulo e Minas Gerais para o sul do estado de Goiás (CASTRO, 2004).

O interior do Brasil, a partir da década de 1930, com as políticas integracionistas do Estado Novo, vai ser objeto de seguidas intervenções, que visavam completar a ocupação territorial, modernizar e expandir a economia nacional, articulando-a às redes mundiais. Em termos econômicos, isso desencadeou a expansão da fronteira agrícola, a especialização da produção – marcada pela substituição de uma policultura de subsistência e pecuária extensiva para a monocultura e a pecuária intensiva – e uma valorização da propriedade rural.

A grande bandeira encampada pelo Estado Novo nos anos de 1940 foi a idéia de Marcha para Oeste. A conquista deste seria a maneira pela qual iria promover a ocupação e a integração das grandes lacunas demográficas, primeiro do Planalto Central para, posteriormente, alcançar a Amazônia. Há, em consonância com as mudanças estruturais no Sudeste, um movimento da fronteira agrícola território adentro.

Concomitantemente, estimula-se um deslocamento demográfico rumo a oeste para preencher os espaços vazios do interior do Brasil. Toda essa dinâmica social, econômica e territorial interessava ao governo da época, tanto do ponto de vista geopolítico e de segurança nacional, quanto com relação à formação de mercado e fonte de riquezas (BORGES, 2000).

No bojo dessa onda de integração nacional os olhares se voltaram para oeste, as principais políticas foram: a construção de Goiânia e prolongamento da ferrovia entre as décadas de 1930 e 1940; a implantação das Colônias Agrícolas nos anos de 1940, a construção de Brasília e da BR-153 na década de 1950; além da criação de vários programas (Sudeco, Proterra, Prodoeste, Fundação Brasil Central etc.) que visavam, entre outras coisas, dinamizar a economia nos anos de 1960.

Uma série de oito Colônias Agrícolas foi implantada no oeste do país, sendo a primeira delas em Goiás. A Colônia Agrícola de Goiás – CANG – foi instalada em um terreno bastante fértil, localizado na zona do Mato Grosso Goiano, ao norte de Goiânia,

impulsionando substancialmente a migração para o Estado. Conforme Estevam (1998, p. 122), “O germe do movimento migratório surgiu quando alguns projetos governamentais, na década de 1940, promoveram assentamentos de colonos na região do planalto central brasileiro”.

Com relação às vias de transporte, temos como marco importante a ferrovia Mogiana, que com o passar do tempo declinou enquanto meio de transporte de mercadoria. Para Estevam (1998), nas décadas de 1940 e 1950, junto aos projetos de colonização, o Centro-Oeste brasileiro foi contemplado por um pacote rodoviário que acelerou a sua integração nacional. Ao lado do delineamento de um novo Distrito Federal para o país havia a necessidade de um programa de construção de rodovias capaz de assegurar intercâmbio nacional com Brasília. Durante a construção da capital federal foram iniciadas as rodovias BR-010 (rumo ao nordeste goiano), BR-020 (Brasília – Formosa na direção de Fortaleza), BR-040 (rumo ao Sudeste brasileiro), BR-050 (Brasília – São Paulo), BR-060 (em direção ao Mato Grosso e Paraguai), BR-153 (cortando Goiás de norte a sul), BR-452 (Sudoeste goiano rumo ao Triângulo Mineiro) e a BR-364 (sentido Mato Grosso via Sudoeste goiano).

No planejamento governamental, o planalto central do país, como um todo, foi contemplado em termos de infra-estrutura de transportes. A região Centro-Oeste, em virtude de ser a grande fronteira agrícola brasileira em expansão, foi, de longe, a que mereceu maior atenção por parte do governo federal. (ESTEVAM, 1998, p.129)

No que tange às construções de Goiânia, Brasília e Palmas, Teixeira Neto (2002) salienta que elas foram arquitetadas a partir de questões de três naturezas: geopolítica – sediar o centro de poder; urbanística – imperativo de modernidade; político-administrativas – estratégia de ocupação espacial. Quanto ao caso de Brasília, para o autor sua construção foi por excelência um gesto geopolítico, rompendo com incoerência da geometria geográfico-administrativa brasileira, visto que o novo Distrito Federal goza de uma condição de centralidade. Enfim, sua construção no Planalto Central objetivava “fazer com que a Nação, voltada unicamente para o mar, enxergasse de vez o Brasil sertanejo escondido por detrás da Serra do Mar” (idem, p. 35).

O Estado Novo, mediante sua política territorial de integração comercial, vertida para o interior e favorecida pelos meios de transporte, liga o centro-sul de Goiás ao eixo paulista. Isso alavanca a urbanização goiana na porção sudeste. A estrada de ferro impulsiona a conexão de Goiás à economia nacional, ao mesmo tempo em que motiva uma nova etapa da urbanização, posterior às “cidades da mineração e do gado”.

Em meio às políticas orquestradas pelo Estado surge a construção de Goiânia. Na visão de Chaveiro (2004), tal edificação sintetiza o empreendimento integracionista do Estado Novo. Goiânia, concebida como uma cidade racional e planejada, surge como um ícone da modernidade. A nova cidade, construída para ser a capital do estado de Goiás, representava o progresso que seria capaz de dissipar o atraso e sucumbir o vazio desse recanto do Brasil, de modo a consagrar a unidade sobre o regime de arquipélago que prevalecia até então.

A construção de Goiânia se deu em meio a um conjunto de políticas federais com vistas a imprimir uma modernização no território nacional. Tal empreendimento possibilitaria o encontro do sertão com o litoral. A esse respeito, Chaveiro (2004, p. 118) salienta que

Goiânia seria, entre outras obras, um mote intervencionista no território, como uma das correias transmissoras entre o sertão e o litoral; por meio dela [...] o trânsito de valores civilizatórios culminaria num aporte da idéia de nação traçada na conduta da cultura política brasileira na efigie da cidade moderna.

Enfim, puxado pelo espírito modernizador do Estado Novo, aos poucos em alguns espaços e de maneira bastante acelerada em determinados pontos do território, o sertão vai sendo integrado/capturado pelo litoral. Mas, nessa altura do campeonato, por onde anda o futebol?

O futebol – como foi dito – extrapolou as fronteiras da Inglaterra, principalmente a partir do último quartel do século XIX, aportando no Brasil por volta de 1900. Ao discorrer a respeito das vias de introdução no futebol no Brasil, Mascarenhas (2002) aponta as localidades que inicialmente acolheram a novidade esportiva - isso com base no ano de criação do primeiro clube da cidade - dentre elas tem-se Belém (1898), Fortaleza (1904), Recife (1905), Salvador (1901), Rio de Janeiro (1902), São Paulo (1898), Porto Alegre (1903), Rio Grande (1900) e Livramento (1902).

O autor afirma que o futebol é um esporte moderno. Portanto, sua difusão ocorreu pelas diversas localidades do planeta que compartilhavam o espírito da modernidade.

Pois é somente com o efetivo advento da modernidade que tal informação [o futebol] vai adquirir a força e a ressonância necessárias para ser assimilada em nossas terras, inserindo-se no conjunto de inovações redentoras de nosso “atraso colonial”. O advento do futebol é, assim, um movimento da aventura da modernidade. (MASCARENHAS, 2002, p. 131)

O futebol, o Rugby, o pugilismo e várias formas de corrida são resultado da evolução de práticas lúdicas de origem muito remota. Entretanto, com o advento da modernidade, tais esportes se diferenciam dos que já eram praticados anteriormente. Tais diferenças são expressas pelo individualismo e pela competitividade extrema, grande estrutura jurídico-organizacional, estatuto internacional, regras precisas, busca de *records*, além de realizarem-se em espaços específicos e elaborados para tal fim com medições e formas precisas.

Há que se considerar três fatores com relação à gestão e difusão dos esportes modernos. O primeiro deles é o ambiente da primeira Revolução Industrial – o advento de máquinas, maior velocidade de produção e, sobretudo a generalização do trabalho em equipe, o que estimulou a burguesia a promover os esportes praticados coletivamente como instrumento de uma pedagogia da sociedade industrial nascente.

Em segundo lugar está a *revolução newtoniana*, responsável pela “imposição” de uma consciência da medição precisa do tempo. A quantificação do tempo conduziu à valorização dos *records*, e permitiu dotar os tradicionais jogos populares de um confinamento temporal que caracteriza os esportes modernos. Por último, os princípios fundamentais da ética protestante: a valorização do trabalho e do esforço individual em detrimento da atitude majoritariamente sedentária e contemplativa difundida pelo catolicismo (MASCARENHAS, 2006).

Partindo do pressuposto de que o futebol é um esporte moderno e signo da modernidade, será acolhido e reproduzido, primeiramente, nos lugares dinâmicos e integrados e, portanto, modernos. Como já explorado aqui, a onda de modernização toma corpo no Brasil, efetivando-se no território a partir da década de 1930. O espírito modernizador parte do litoral rumo ao sertão. As redes tecidas entre as zonas luminosas alcançam as zonas opacas, ou seja, os caminhos integracionistas colocam frente a frente dois mundos, um tido como moderno e o outro como atrasado. Nessa relação fronteiriça, elementos da modernidade instalam-se no território arcaico, ocorrendo, assim, a captura do sertão pelo litoral.

Entende-se que o futebol, atuando em conjunto com outros inúmeros jogadores, compõe o time da modernidade, pois, sem dúvida, se apresenta articulado aos demais campos do quadro social, operando na frente pioneira para vencer o atraso e emplacar o moderno. Tal frente pioneira, segundo Martins (1997), compreende implicitamente a idéia de que na

fronteira se cria o novo, e é, também, a situação espacial e social que convida ou induz à modernização.

Combinado às demais instâncias constitutivas das frentes modernizadoras, o futebol se desprende do litoral, seguindo o caminho do sertão. Tendo em vista que no início do século XX o centro dinâmico do país era São Paulo e Rio de Janeiro, nos quais o futebol já se reproduzia de forma acelerada, é daí que parte o esporte. Em texto sobre a urbanização da cidade de São Paulo, Seabra (2000) aponta duas práticas modernas que desde os primeiros anos do século passado já se irradiavam pela cidade: o futebol e o cinema. Conforme a autora (2000, p. 14), “uma febre invadiu todas as ruas, quintais, portas de fábrica, terrenos baldios, e o que mais houvesse. Era o futebol. Esta foi a primeira grande festa do povo, fora da perspectiva da Igreja”.

Antes de chegar à Região Centro-Oeste do Brasil o futebol passa por Minas Gerais. Conforme a Federação Mineira de Futebol (2007), os clubes mais antigos do estado são o Atlético Mineiro (1908), Vila Nova (1908), América Mineiro (1912) e o Cruzeiro (1921)⁷.

Na região Centro-Oeste o futebol chega em 1934, com a criação do Mixto Esporte Clube (MT), conforme a Federação Matogrossense de Futebol (2007), e em 1943 com o Esporte Clube Comercial (MS) e o Operário Futebol Clube (MS) em 1938, de acordo com a Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul (2007); já no estado de Goiás o futebol chega em 1931, com a criação do Clube Recreativo e Atlético de Catalão – CRAC, dados da Federação Goiana de Futebol (2007).

Explicitando um pouco melhor o caso do Estado de Goiás, de acordo com a Federação Goiana de Futebol (2007), os primeiros times criados no estado foram, além do CRAC (1931), o América Futebol Clube de Morrinhos e o Atlético Clube Goianiense em 1937, o Goiânia Esporte Clube um ano depois em 1938, o Vila Nova Futebol Clube e o Goiás Esporte Clube no ano de 1943, o Anápolis Futebol Clube e a Associação Atlética Anapolina em 1943 e 1948, respectivamente.

⁷ Como essa discussão não é o foco central da pesquisa, e devido a pouca produção e dificuldade de reunir outras fontes de dados, estamos utilizando dados das Federações de Futebol sobre os registros de fundação dos times profissionais. Entretanto temos a consciência de que, possivelmente, existiram futebol de pelada e equipes amadores antes da criação dos times profissionais.

Se sobrepusermos esse mapa de fundação dos times de futebol de Goiás ao cartograma da chegada da estrada de ferro no estado e à criação de Goiânia, é possível perceber certa coincidência de informações. Veja que os trilhos adentram o estado pela região sudeste, mais precisamente em Goiandira e Ipameri, no ano de 1913. Já em 1931 funda-se o CRAC na sede do município de Catalão, que se limita tanto com Goiandira quanto com Ipameri. No ano de 1937 é criado o América em Morrinhos, município situado nas proximidades da linha férrea.

Os trilhos seguem rumo ao centro do Estado, chegando a Leopoldo de Bulhões em 1931 e a Anápolis em 1935. Na década seguinte ocorrem as criações do Anápolis e da Anapolina, respectivamente, em 1946 e 1948. Em Goiânia os dois primeiros times surgem ainda no fim dos anos 30. A cidade de Goiânia tem como marco de construção o ano de 1934, vê, três anos depois, surgir o Atlético (1937) e, em seguida, a criação do Goiânia (1938). Por quase duas décadas esses clubes foram os grandes rivais e as grandes estrelas do futebol goiano (GOMES, 2002). Para o autor, o Atlético é um patrimônio da comunidade campineira, cujo passado

[...] se mistura com a própria história da gente da Campininha. Uma história que retrata a sua caminhada rumo à edificação do futebol goiano. Possui um passado plasmado pelos filhos da terra na própria terra, por todos aqueles que aqui nasceram, que aqui chegaram e que aqui viveram. (2002, p. 207).

Na década de 1940 surgem as duas atuais potências do futebol goiano, Goiás e Vila Nova, ambos criados em 1943. Somente em 1971 o Goiás afirma-se como um dos líderes permanentes do goianão, conquistando vários bicampeonatos, até sagrar-se pentacampeão goiano (1996/2000). Por ter sido formado por trabalhadores, em sua maioria da construção civil, o Vila Nova possui uma linhagem operária. A partir de 1961, afirma-se como clube profissional e obtém o tricampeonato na sequência (1961-63), atingindo sua fase áurea com o tetra em (1977-80) (GOMES, 2002).

Conforme Menezes (2004), juntamente com a formação do bairro Vila Nova surge o time de futebol com o mesmo nome do setor e de representação popular. O Vila Nova Futebol Clube nasce das peladas disputadas aos domingos pelos jovens operários em um lote baldio ao lado da igreja católica do bairro. Desse modo, a autora afirma que a história do Vila Nova Futebol Clube remonta aos anos da construção da cidade de Goiânia e está presente na memória dos migrantes pioneiros, fundadores do bairro e do time.

A Vila Nova, território de migrantes expulsos das fronteiras do Plano Atílio Correia Lima (ilustração 8), uma vez que estes poderiam “manchar” a intenção dos códigos urbanísticos e criar um sistema urbano controlável pelo planejamento, torna-se espaço da molecagem, da prostituição, da sociabilidade festiva e também das peladas. O código de marginalização do espaço vai para a pelada; essa vai para o time que é, até o momento, um fiel representante desse quadro espacial e histórico.

Observa-se que por mais que houvesse a tentativa de manter o plano intacto, a cidade, com rapidez, se expandiu. Os denominados espaços marginais iam, no dizer de Pelá (2008), mostrando a força da vida contra e junto às normas. Em se tratando do objeto de estudo, uma questão central é saber como a estirpe social, histórica e espacial que comanda o enraizamento de uma prática cultural, como o nascimento do Vila Nova no espaço marginal, encarna, posteriormente, a história do time, a sua identidade, o seu poder de resistência à institucionalidade, inclusive o estilo alegre de seu futebol e a flâmula apaixonada de seu torcida.

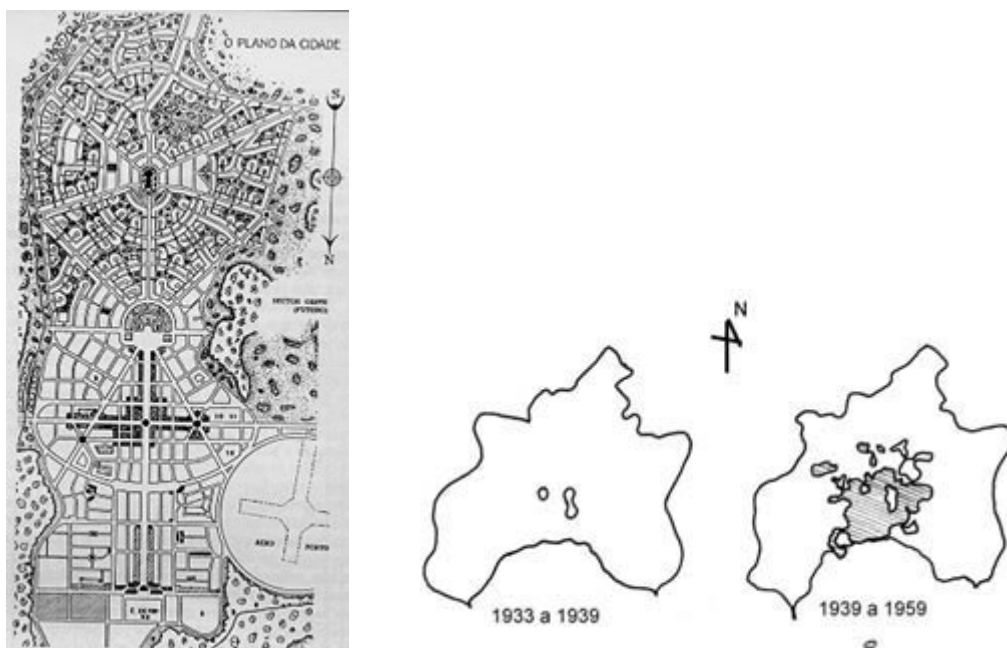


Ilustração 8 - Plano de Goiânia e a expansão urbana.

Fonte: VAZ, M. D. A. C. Transformações do Centro de Goiânia: Renovação ou Reestruturação? Dissertação (Mestrado em Geografia) – IESA/UFG, Goiânia, 2002.

Ao realizar um passeio pela história do futebol em várias de suas escalas, desde a mundial à local, verifica-se que sua expansão, desenvolvimento, popularização, enfim toda sua evolução, seja na Inglaterra, onde foi criada a versão moderna do esporte, ou em qualquer parte do planeta, está condicionada à instância do real.

Isso significa dizer que os sujeitos sociais, em suas práticas espaciais, constroem cultura, e esta direciona as práticas materiais. Tal direcionamento é complexo, cheio de contradições, pois envolve a ação dos símbolos costurando a realidade, dando a ela sentidos difíceis de serem apreendidos.

Assim, não é possível pensar a cultura e, dentro dos elementos do universo cultural brasileiro, o futebol, apenas como adorno, pois estrutura e subjetividade se enfeixam para constituir a realidade. É um equívoco pensar que a economia, o território e a sociedade não possuem um alicerce na subjetividade, bem como é um engano considerar a existência da subjetividade sem a estrutura, sem a história ou sem o espaço, quase se efetivando como um adorno (CHAVEIRO, 2004).

O futebol, considerado como um fenômeno sociocultural, se apresenta conectado à dinâmica da realidade social tanto local quanto global:

Além disso, [o futebol] penetra nos circuitos concretos da vida cotidiana de forma ainda mais seletiva, condicionada pelas características materiais e socioculturais de cada localidade. Afinal, os pontos de uma rede não são meras abstrações geométricas: eles possuem uma espessura social e geográfica. (MASCARENHAS, 1998, p. 128)

Em síntese, entendemos o futebol enquanto um elemento enlaçado nas tramas da modernidade, que aporta em pontos do território brasileiro que, na virada para o século XX, se encontravam conectados às redes internacionais. Ao chegar aqui, encontra um território em movimento, uma configuração e uma dinâmica territoriais às quais vai submeter sua difusão espacial. De um lado tivemos a pujança do Império Britânico e, de outro, o sistema de ações e objetos que compunham o território brasileiro viabilizaram a importação de práticas socioculturais inglesas, dentre elas o futebol.

O esporte citado chega primeiramente aos lugares mais dinâmicos e modernos. Desses *locus* de modernidade se irradia o futebol para o resto do país. Em muitos casos, são exatamente nos lugares marginalizados que ele cumpre a função de resistência e seus efeitos de simbolizar a vida, trançar a sociabilidade, escalar sentidos no tempo.

Isso ocorreu a partir da implementação do projeto de conduzir a expansão capitalista à periferia, pautado no discurso político que coloca como núcleo a criação da nacionalidade via modernidade. O pacote de estratégias empreendido pelo centro dinâmico, sediado no litoral, visara modernizar o território do interior do Brasil, ou seja, fazer com que o

sertão, isolado, vazio e atrasado, superasse tais condições, tornado-se integrado, ocupado e moderno, estabelecendo laços efetivos com o litoral. Na aglutinação econômica entre o centro e a periferia há o encontro do sertão com o litoral.

Na contemporaneidade o futebol em Goiás, assim como no Centro-Oeste brasileiro, devido ao rápido e intenso processo de modernização do campo e da instalação de pólos industriais, recorta as paisagens dos mais diversos e longínquos espaços. O esporte imprime mais cor e movimento às paisagens das grandes cidades. O futebol mexe com as urbes. No dia dos jogos há uma intensa agitação de cores, sons, movimentos. No entanto, ela respira futebol diariamente. Não é somente em dia de jogo que o esporte recorta a paisagem das cidades, pois durante toda a semana constitui-se como tema principal das rodas de conversas – são as piadas sobre o rival que foi derrotado, compra e venda de jogadores, os apoios e protestos das torcidas organizadas etc. O campo de futebol une-se ao velho prédio da cadeia e à pracinha com igreja para compor a paisagem das pequenas cidades, vilas, povoados, fazendas e aglomerados rurais. Outrossim, é produzido e reproduzido como jogo informal em praticamente todos e quaisquer espaços.

Para finalizar, neste rápido desenho das situações de fronteiras que compõem o complexo processo de captura do sertão pelo litoral, procuramos demonstrar que o futebol figura junto a tais situações por encontrar-se preso aos nexos sociais e históricos constitutivos da teia da realidade. Desse modo, se desprende do litoral e, puxado pela locomotiva da modernidade, adentra no sertão brasileiro. Em suma, a geografia da modernização acaba por delinear a cartografia da difusão do futebol no território brasileiro.

2.2 - O futebol na metrópole globalizada: a bola do mundo

Os elementos constitutivos do espaço se distribuem de maneira diversificada e articulada. Isso se deve à diversidade, mas, principalmente, à materialização de tempos desiguais. A sociedade contemporânea é cada vez mais marcada pela desigualdade, característica que, por consequência, integra também o espaço, pois este e a sociedade são indissociáveis. Assim, o espaço é produto e produtor da sociedade. Ora, isso em se tratando do território goiano, enxerga-se uma rede de fatos cuja matriz central é a modernização do território goiano, responsável por substituir a troca simples pela troca acumulada. Esse processo é bem explicado por Santos (2008, p. 61):

É desnecessário dizer que não se trata de partes ou elementos estanques e isolados uns dos outros. A partir do processo de metropolização de Goiânia, que é uma rearticulação global do território goiano e também da região Centro-Oeste do Brasil, encadeia-se um conjunto de transformações intra-urbanas capitaneadas pelas classes dominantes possuidoras do poder de valorização e organização dos lugares no espaço urbano. Isto é comprovado quando se observa a grande criação de loteamentos, todos com registro, ou seja, regulados pela instituição estatal. Trata-se de um crescimento muito acelerado, não diria desordenado, pois segue uma ordem bem estabelecida no que se refere à produção do espaço urbano de um ponto de vista capitalista.

Nas atividades cotidianas se podem observar as diferenças contidas no espaço, seja na cidade ou no campo, centro ou periferia, residências ou comércios e indústrias, na rapidez ou lentidão das pessoas etc. É bastante visível a distinção entre as paisagens dos diferentes lugares. A heterogeneidade faz-se presente na espacialização dos objetos e das ações. A produção do espaço, entranhada na assimetria, irregularidade, desigualdade, gera o que poderíamos denominar de heterotopia.

Os sujeitos sociais, como elementos do espaço, também se distribuem de forma desigual pelo território. A ocupação ou não de determinadas áreas pode depender de algumas variáveis, como afeto, acessibilidade, cultura e outros. No entanto, no mundo pensado e organizado nos moldes do capitalismo, nada pesa mais na ocupação dos espaços do que a renda e a divisão social do trabalho. As cidades, principalmente as médias e grandes, são exemplos emblemáticos. A imensa maioria da população não tem a possibilidade de escolher onde morar. As pessoas de baixo poder aquisitivo são impelidas a se fixar em determinados locais da cidade, onde o preço da terra é compatível com suas condições financeiras. Santos explica o processo por uma via totalizante:

As desigualdades regionais presentes no estado de Goiás tem neste processo de industrialização do campo um importante catalisador no que se refere à acentuação de desigualdades já históricas, como também o surgimento de novas formas espaciais, como entorno de Brasília e a RMG. Este crescimento acelerado e incontrolável das cidades, produzindo estas duas regiões⁸ dentro do estado de Goiás imprimiu marcas profundas no território. A Região Metropolitana de Goiânia só pode ser compreendida dentro deste conjunto de transformações globais do estado de Goiás. Sendo metrópole regional, ou seja, importante centro que polariza uma considerável região do Brasil: Centro-Oeste, parte da Região Norte e uma pequena parcela da Região Nordeste tornou-se naturalmente um centro gravitacional fortíssimo de atração de migrantes. O crescimento populacional já analisado atesta esta afirmação. (2008, p. 73)

⁸ Para uma interpretação de todas as regiões do estado de Goiás, ver Moraes (2005), Estevam (2004), Arrais (2002). A atual divisão regional do estado de Goiás consiste nas seguintes regiões: Noroeste Goiano, Norte Goiano, Centro Goiano (à qual pertence a RMG), Leste Goiano (à qual pertence o Entorno de Brasília) e Sul Goiano.

Se o autor mostra o processo totalizante e diferenciado de acordo com elementos da escala espacial, para Milton Santos, com a modernização contemporânea, todos os lugares se mundializam, mas há lugares globais simples e complexos. Estes últimos coincidem com as metrópoles. Nas palavras do autor (2006, p. 322), “[...] a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar. Nos tempos de hoje, a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir”.

O processo de urbanização, no Brasil, é recente e acelerado se comparado com os países da Europa Ocidental. Aqui, somente na década de 1970 a população urbana ultrapassou a rural. Para se ter uma idéia, na década de 1940 apenas de 31% da população vivia nas cidades, em 1970 esses números evoluíram de modo que a população urbana já superava a rural, representando 55,92% da população total, percentual que subiu para 67,59% em 1980 e para 78,36% em 1996.

Desde as primeiras décadas do século XX o Estado brasileiro empreendeu políticas para modernizar o território. Discorrendo sobre tal questão, Almeida salienta:

O Brasil é hoje de fato um país industrial, urbanizado e moderno, mas apenas em parte e em benefício de parte (pequena) da sociedade. Trata-se de uma modernização conservadora de uma indústria dominada, financeira e tecnologicamente, por interesses estrangeiros, e de uma urbanização que amontoa milhões de miseráveis em torno de arranha-céus e condomínios de luxo, lembrando (num paralelo não muito entusiasmante) os burgos da Idade Média, que se formavam ao redor de castelos e abadias. (2002, p. 124)

São duas as principais estratégias para buscar a modernização: investir maciçamente na industrialização e fomentar a urbanização. Sobre esta, o autor aponta nitidamente o abismo social existente nas grandes cidades. O intenso e rápido processo de urbanização acaba por concentrar grandes contingentes miseráveis. O espaço da cidade se torna um palco em que residem, trabalham, e, de certa forma, vivem, convivem e se relacionam (não de maneira harmoniosa e pacífica) ricos e pobres – um reduzido número de abastados e um gigantesco contingente de desprovidos.

Tal como no Centro-Oeste e no Brasil, a população de Goiás só passou a ser predominantemente urbana na década de 1970. Em 1940, a imensa maioria dos goianos, quase 83%, vivia na zona rural. Em 1950, a população urbana de Goiás mal passava de 20%, e em 1960 superava de pouco os 30%, atingindo 42% em 1970. No decorrer da seguinte,

tornou-se majoritariamente urbana, alcançando 67,55% em 1980 e 80,81% em 1991. Em 1996, pela estimativa do IBGE, 84,42% da população goiana moravam na em cidades.

Ao longo da história, a urbanização brasileira apresentou um padrão de concentração crescente e elevado em cidades cada vez maiores. As grandes cidades, via de regra as capitais, articulam um conjunto de fatores, exercem a função de pólos indutores de desenvolvimento e recebem, por consequência, os mais importantes fluxos migratórios.

No caso específico do Estado de Goiás, as cidades que exercem a função de pólo são Brasília e Goiânia, e, por isso, são também os principais destinos dos migrantes. Nesse sentido, nos últimos anos verificou-se um crescimento das regiões metropolitanas Entorno de Brasília e mesorregião de Goiânia. Conforme Almeida (2002), os migrantes, atraídos pela prosperidade, mais aparente que real, de ambas, rumam para essas cidades e acabam em suas periferias inchadas:

[...] à medida que o estado de Goiás assume um posto importante na economia agrária modernizada, Goiânia se estrutura para atender as demandas dessa economia. Além disso, o estilo de funcionamento da modernização seletiva, especialmente a proletarianização do campesinato, motiva uma migração rural-urbana, cujo destino é a capital do Estado. (JESUS JUNIOR, 2005, p. 30)

Ao analisar os dados demográficos do Estado de Goiás observa-se uma distribuição desigual de seus habitantes. O Norte goiano é composto, principalmente, por espaços pouco povoados e cidades pequenas. Já a Região Metropolitana de Goiânia e o Entorno de Brasília contam com várias cidades com população acima de 50.000 habitantes. Diante de tal quadro, Arrais (2004, p. 35) salienta que “[...] a globalização econômica que atinge desigualmente o território, influenciando a forma de distribuição da população, dos recursos, das empresas, no território goiano”.

No Estado de Goiás tem-se, de um lado, vários municípios cujo crescimento populacional é negativo, pois o número de pessoas que nascem já não repõe os que morrem e os que migram. Por outro lado, a mesorregião de Goiânia e, sobretudo, os municípios mais próximos (Aparecida, Senador Canedo e Trindade), vêem sua população se adensar cada vez mais. Isso acaba por gerar “[...] a multiplicação de bairros e favelas e o aumento do desemprego e da miséria” (ALMEIDA, 2002, p. 143). O autor salienta, ainda, que os migrantes pobres e pouco esclarecidos vêm para Goiânia em busca de trabalho e melhores condições de vida, de todas as partes, mas sobretudo do interior do Estado e do Nordeste.

Acabam vivendo não em Goiânia, mas nas cidades periféricas que, devido ao crescimento desordenado, não oferecem a mínima infra-estrutura urbana.

A mesorregião de Goiânia apresentou, entre 1980 e 1991, um significativo crescimento populacional, 47,18%, passando de 863.051 para 1.270.246 habitantes. No mesmo período, o município de Aparecida de Goiânia, que tinha 46.632 habitantes em 1980, passou para 178.483 em 1991, um salto de 318,66%. De acordo com dados da Seplan-GO, no ano de 1999 Goiânia possuía 1.056.330 habitantes, o que representa um crescimento de 14,44% em relação a 1991, ao passo que Aparecida de Goiânia atingia a marca de 324.662 habitantes, com um crescimento de quase 82% no mesmo período.

A transferência maciça de um grande contingente de pessoas do campo para a cidade é, dentre outras, a principal causa do rápido e gigantesco crescimento da capital do Estado de Goiás e de seu entorno imediato. Ou seja, a migração rural-urbana é o grande responsável pela conformação da metrópole Goiânia.

Em linhas gerais há um consenso entre os autores que tratam o tema migração em Goiás no que tange aos elementos que alavancam tal movimento, assim como nos problemas gerados. A principal causa do deslocamento de pessoas do campo para a cidade é a modernização da agricultura que, em função das novas exigências técnicas, inviabiliza as pequenas e até as médias propriedades, ocasionando a concentração fundiária, além da substituição do trabalho braçal pelo das máquinas, o que provocou o desemprego rural. Dessa forma, para a maioria dos ex-proprietários e dos trabalhadores, não resta outra alternativa senão o êxodo rural e a busca de trabalho na cidade.

Com isso tem-se, hoje, de um lado, o espaço rural vazio e produtivo e, de outro, um espaço urbano superlotado, principalmente quando se trata das metrópoles. A seguir buscaremos abordar o tema destrinchando-o em itens: desemprego e trabalho informal; novas centralidades e lotes baldios; e, por fim, futebol de pelada e a subversão do cotidiano.

2.3 - As peladas em Aparecida de Goiânia: a bola gira nos territórios da periferia

A vivência na periferia tece novos contornos na relação com os símbolos do afeto, da emoção, da relação com a cultura de massa, dos modos de operar a linguagem, de desenvolver o lazer, de estabelecer pontes de contato com o mundo, de desenvolver identidades, pertencimentos, ou de disputar lugares no grupo etc. Conforme Anjos e Chaveiro (2006, p. 195), a periferia proletária é um mundo dentro do mundo, um câmbio e um intercâmbio, onde a existência humana às vezes dribla a dor com gestos de solidariedade.

Numa pulsão contínua, outros elementos aparecem, tais como a fofoca, [futebol de pelada] os jogos nos bares, o alcoolismo, a prostituição, a violência, os bailes, a formação de tribos, a inserção no mercado informal [...]. A periferia proletária mostra-se como um par antagônico daquela parte que a espolia.

Aparecida de Goiânia é, hoje, a cidade que mais espelha o conteúdo espacial da Região metropolitana de Goiânia. Marcada por elevado índice de crescimento urbano, recheada por um modo esparsos de crescer, definida por imensas e infinitas periferias proletárias, território de migrantes de diversas ordens e lugares, espaço disputado pelos empreendedores imobiliários, lócus da cobiça política de sujeitos de Goiânia, espaço timbrado por uma representação negativa como “violenta”, “pobre” e “espúria”, é testemunha dos vários conflitos sociais que se situam na região metropolitana de Goiânia.

Jesus Junior (2005), em análise sobre a metrópole Goiânia, salienta que a modernização produz consequências profundas no mercado de trabalho, visto que a “substituição” da mão-de-obra humana pela introdução de novas tecnologias agravou diferentes problemas, como o desemprego, a falta de moradia e, principalmente, a marginalização da população economicamente ativa que, diante desses avanços, não possui qualificação compatível com as novas exigências do mercado de trabalho, especialmente nos grandes centros urbanos.

Como resultado da migração rural-urbana tem-se a periferização e a crescente marginalização da população citadina. Dentre todas as dificuldades que a população da periferia enfrenta está a questão do trabalho, pois sabe-se que no modo de produção capitalista o desemprego é estrutural.

Nesse sentido, sempre haverá desempregados. No entanto, diante de todas as inovações da modernidade, aqueles que não possuem escolaridade e nem qualificação profissional terão, no campo do emprego, seu lugar ao sol bastante ameaçado. A

empregabilidade e o modo como cada sujeito se coloca na divisão social do trabalho aglutina a sociedade e o espaço mediante o desenho da periferia.

2.3.1 - Desemprego e trabalho informal

Os sujeitos da periferia – homens, mulheres e até crianças –, diante da escassa disponibilidade de empregos ou da pouca qualificação para os postos disponíveis, são obrigados a partir para o trabalho informal ou a engrossar a fila dos desempregados. Esse tipo de atividade do setor popular, típica dos países pobres, é denominado por Santos (2006, p. 324) de “setor da economia produzido de baixo”, dentro do qual “cada ator é muito móvel, podendo sem trauma exercer atividades diversas ao sabor da conjuntura.”.

Na periferia proletária as pessoas ganham a vida das mais distintas maneiras. Em um rápido passeio por suas ruas é possível observar vários tipos de vendedores, como de pamonha, picolé, polvilho, meia, tapete, travesseiro, alho, produtos de limpeza e muitos outros, sem esquecer, é claro, dos vendedores de espetinho/churrasquinho que, com seus carrinhos improvisados, muitas vezes de sucata de geladeira adaptada com pneus de bicicleta, se espalham pelas esquinas ao entardecer.

Os casos, os tipos e as ações que os sujeitos desenvolvem para promover a vida são diversas, criativas, difíceis e belas. Em muitas as situações, pirataria, minifábricas de doces, de laranjinhas, churrasqueiros, vendedores ambulantes etc., driblam a legalidade, enfrentam-na, distorcem os planos formais e criam a informalidade.

Segundo matéria publicada pelo jornal *O Popular* (13/01/2008), a região metropolitana tem uma feira para cada 2,2 bairros. Há feiras em 391 bairros e esse número não pára de crescer. Na periferia proletária elas ganham funções de atualização da cultura popular, de lugar de encontro de jovens, de lazer para os mais velhos; são verdadeiros territórios da alegria popular e de sua ação na produção da vida, o que inspira poetas a considerá-las na sua expressão cultural:

“A fome do povo é uma imensa goela
Entre tripas e vísceras voejam
esquadrilhas de moscas sobre o que fede, nelas
da eterna necessidade nascendo e renascendo”

no ciclo eterno das misérias.
Sirigüela, pitomba e manga fazem lama.
Macaxeira e mamacadela
comer e coçar é só começar.
Quando morre muito peixe cada corda de dez
leva um beijo e um caranguejo
Verdura de real é bom à beça
até besta aceita.
Mas quando tudo murcha e apodrece no chão esturricado
do calorão tudo será gritado e moído
para ser vendido a centavos de real.
Na casa da tia Fiica
um dia é de festa o outro é de fuzarca.
Bom de beijo é Severino Papa-Gerimun:
Bebe uma garrafa de cachaça de uma só talagada
[...] E assim caminha a humanidade
não sabendo ser tangida como gado al matadouro do dia”.

O poema feito pelo escritor Brasigóis Felício (2007) mostra as diferentes significações da feira popular na periferia proletária. Demonstra que, de maneira parecida com a pelada, é lugar também de catarses, ou de, no meio da coletividade, criar situações para sobrepor o superergo e, então, acender o pavio da vida. O tom estético da feira aparece em vários textos da literatura:

“Hoje acordei cedo e fui peça da procissão dominical de minha Mãe: a feira. Cheguei lá com a sacola aberta e me agraciei com as bancas dispostas numa profusão de cores, faces de vendedores simpáticos, de compradores apressados, de meninos-que-carregam-sacolinhas, carroceiros, vendedores de picolé, engraxates, pedintes, faroleiros e abusados.

E como se fosse uma ciranda de movimentos barrocos e cadenciados, a mistura de tomate, alface, pinha, guariroba, galinha caipira, tambaqui, CDs piratas, feijão verde, caqui em promoção, calcinhas caseiras, rapaduras “da pura”, brinquedinhos de madeira, currupios, giló africano, moringa, cabaça, molho de arnica, carapa-de-cana, me fez viajar dentro de mim, revigorar uma memória e reinstalar outra significação para o evento.

Na adolescência fui, junto ao meu pai e ao meu irmão, um feirante. Para a minha dor de dorminhoco tinha que acordar às quatro da madrugada. Entrava numa camionete velha e ia vender milho verde descascado. Lá para as duas horas da tarde, cansados e alegres, almoçávamos juntos, bebíamos refrigerantes para comemorar. Aquela feira nutriu a minha família.

Percebi então que a representação positiva que faço da feira é acordado com o princípio de Jameson ao analisar a DIALÉTICA NEGATIVA de Adorno: a arte não pode mentir; ela precisa ser testemunha de um tempo. É missão do senso estético ver o som das cores, observar as cores do silêncio, arrancar música e melodia dos verbos, passear na pintura e na escultura das imagens verbais e metafóricas, afortunar o real de sentido e significado, entrar nele com a sensibilidade...”. (CHAVEIRO, 2007).

A importância da feira, a leitura literária a partir do sujeito empobrecido e o seu valor quase como arte em movimento, arte real imaginada, mostram que a vida na periferia é produzida com criatividade, com emotividade, com valentia e com escapatórias do mundo burocrático e representacional. A feira não mente; a pelada não mente. São artes.

Enfim, na instância do trabalho os sujeitos da periferia proletária põem em prática sua capacidade criativa, o que acontece por força da situação, até mesmo como forma de sobrevivência. Essa criatividade figura, também, no campo das peladas. Para que possam praticar uma atividade de lazer, os sujeitos da periferia se apropriam de quaisquer espaços para transformá-los, mesmo que temporariamente, em campo de futebol.

2.3.2 - Novas centralidades e lotes baldios

Em decorrência da proximidade física que a porção sul de Goiânia apresenta com a parte norte de Aparecida e dos demais vínculos, os processos desencadeados no espaço urbano da capital acabam afetando o município de Aparecida de Goiânia. Conforme Oliveira (2005), com o processo acelerado de urbanização e o crescimento desordenado da capital de Goiás a partir da década de 1950, o município vizinho já citado, assim como outros municípios do entorno da capital, foram marcados por inúmeras transformações espaciais relacionadas com o processo de expansão do aglomerado urbano da capital (ilustração 9). Nos

últimos anos tem ocorrido, em Goiânia, o “declínio” do centro antigo e a criação de novas centralidades ou subcentros.

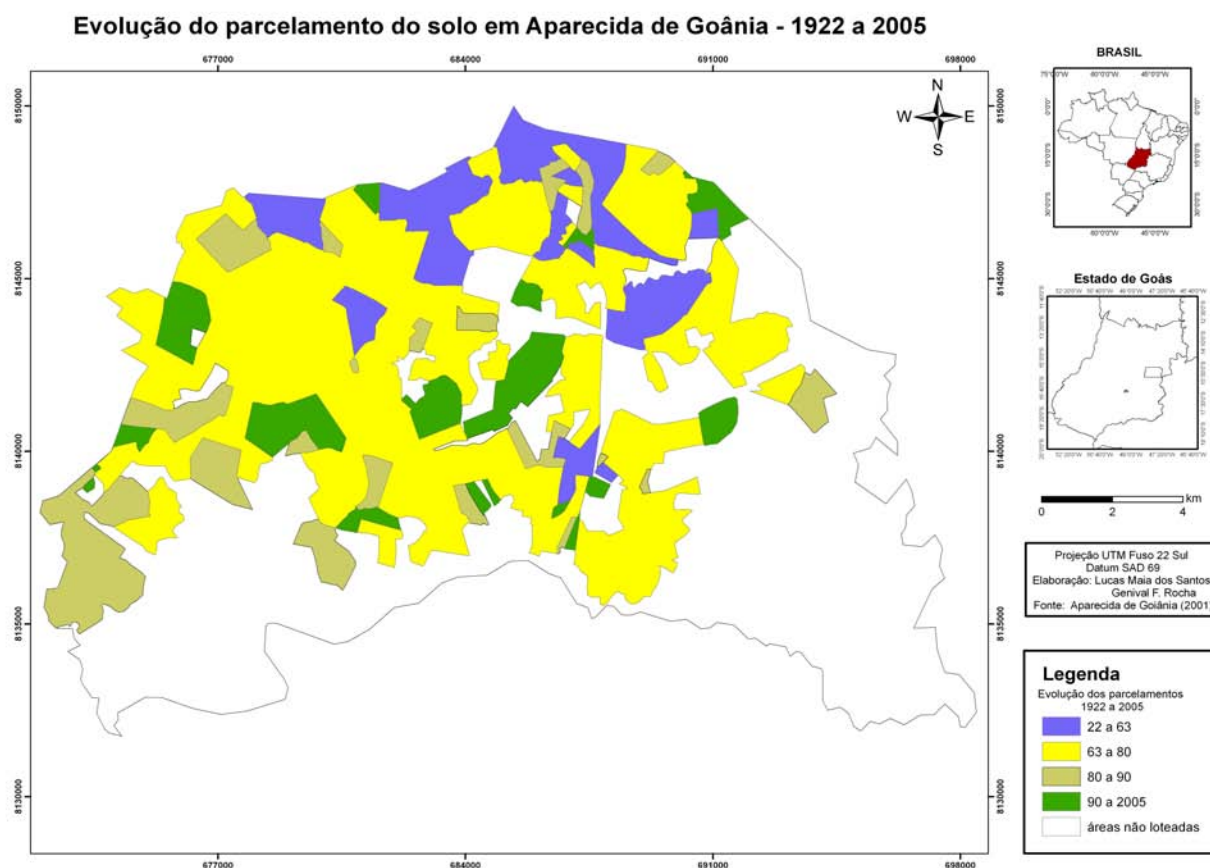


Ilustração 9 – Mapa da Evolução do parcelamento do solo.

Para Arrais (2004, p. 106), ao longo da história foram sendo construídas outras centralidades em Goiânia, além daquelas previstas no plano original: “Apesar de o centro original não ter perdido sua importância, com a expansão horizontal da cidade foram surgindo outros lugares que complementam ou até rivalizam com ele”. O processo de criação de novas centralidades ultrapassa o território da capital, alcançando os municípios limítrofes, como é o caso de Aparecida de Goiânia.

Em estudo acerca da criação de uma centralidade na Avenida Rio Verde, em Aparecida de Goiânia, Cirqueira afirma que,

mediante a ligação de Goiânia com a cidade de Aparecida de Goiânia, pode se afirmar que a descentralização goianiense incide diretamente no espaço intra-urbano aparecidense, principalmente na sua região norte. No bojo da estrutura geral do assentamento metropolitano de Goiânia, coexiste um espaço fragmentado e especializado e Aparecida de Goiânia ao expressar a consolidação de novos eixos de comércio ligados à capital do Estado demonstra que participa desta condição policêntrica. (2006, p. 29)

A valorização e a formação de novas centralidades em Aparecida se ligam ao fenômeno de “decadência” do centro tradicional de Goiânia, pois além da Avenida Rio Verde possui outras localidades que funcionam como subcentros, dentre eles pode-se citar o trecho da BR-153 com a presença de indústrias como a Mabel e o Arroz Cristal, de empresas distribuidoras, entre outras; centros comerciais que polarizam os bairros circunvizinhos – Bairro Independência, Cidade Livre e Colina Azul, Garavelo e Cruzeiro do Sul.

Mesmo com a constituição de novas centralidades e, conseqüentemente, valorização dessas áreas e maior oferta de emprego, Aparecida ainda possui muitos lotes vagos e um enorme contingente de migrantes pendulares, o que lhe dá o status de “cidade dormitório”. Com relação a tal situação, não podemos incorrer no erro de pensá-la somente a partir dessa perspectiva – uma cidade que vive à sombra da capital e se destaca apenas como “cidade dormitório” de uma população proletarizada. Nas palavras de Arrais (2004), Aparecida de Goiânia tem uma geografia complexa camuflada pelo estereotipo de cidade dormitório.

No entanto, é inegável sua estreita relação com a capital. Em artigo sobre os deslocamentos das pessoas na Região Metropolitana de Goiânia, Arrais (2006) aponta que na área estudada o maior contingente absoluto e o segundo em percentuais é Aparecida de Goiânia. No ano de 2000, partiam diariamente para outro município 69.958, ou 43,3%, das pessoas de 15 anos ou mais idade que trabalham ou estudam. Desse contingente populacional, 94,6% rumavam para Goiânia. Para o autor, a capital cumpre o papel de território de destino, ou seja, o local de trabalho, de estudo, onde as pessoas vão saldar suas demandas diárias. Por outro lado, Aparecida é um grande território de partida da Região Metropolitana, pois possui características próprias da periferização, com pouca oferta de emprego, serviços e infraestrutura.

Aparecida, assim como Goiânia, passou, nas últimas décadas, por um intenso processo de urbanização, que implicou em um grande crescimento da malha urbana. Tal crescimento se deu muito em função da especulação imobiliária, que acarretou, para ambos os

municípios, espaços urbanos salpicados de vazios demográficos, além de bairros sem infraestrutura. Segundo dados da Prefeitura de Aparecida de Goiânia, em 2003, o município possuía 141.720 lotes vagos, ou seja, 55% do universo total de lotes (ARRAIS, 2003).

Cirqueira (2006, p. 33), discorrendo sobre a cidade afirma que “[...] seu tecido urbano se “organizar” de forma desordenada devido aos vazios demográficos, aos bairros populares cobrindo uma grande maioria da cidade, como também pela existência dos condomínios horizontais [...] e condomínios residenciais verticais localizados na zona conurbada com Goiânia”. Ao se referir aos contrastes nos padrões de ocupação da cidade de Aparecida de Goiânia, expressos pela paisagem urbana, o autor pontua os enormes vazios demográficos.

Fica evidente que há uma incompatibilidade entre a rua agitada pelo ir e vir intenso dos veículos e das pessoas, a supervalorização dos terrenos e a pelada. O veículo e a pelada não podem existir ao mesmo tempo no mesmo espaço. O fluxo intenso, resultado da urbanidade, provoca a elevação dos valores dos terrenos às margens das vias movimentadas. Devido à especulação imobiliária os proprietários vendem seus terrenos que, quando baldios, são utilizados para a prática das peladas. Nesses termos, ao que parece, elas fogem do fervor intenso do urbano.

No primeiro semestre de 2006, durante uma semana realizamos uma incursão ao Setor Mansões Paraíso, em Aparecida de Goiânia (ilustração 10). Este trabalho de campo teve o objetivo de tentar mapear as peladas daquele setor. Com a confecção deste material foi possível visualizar a distribuição do futebol de pelada em um bairro da periferia proletária (ilustração 11).

Cartografamos dezesseis territórios das peladas no setor Mansões Paraíso. Dentre eles, doze são espaços refuncionalizados temporariamente em função da pelada – realizada na rua e em lotes baldios –, os outros quatro são espaços com destinação específica para a prática do futebol, sendo dois públicos – dois terreiros –, e dois privados – uma quadra de esportes e uma chácara com campos para aluguel. Ao se observar a distribuição espacial da prática das peladas no Mansões Paraíso, logo percebe-se que não existem territórios de peladas nas principais vias do setor, salvo um lote baldio na porção sudoeste do setor, divisa com o Parque Floresta.

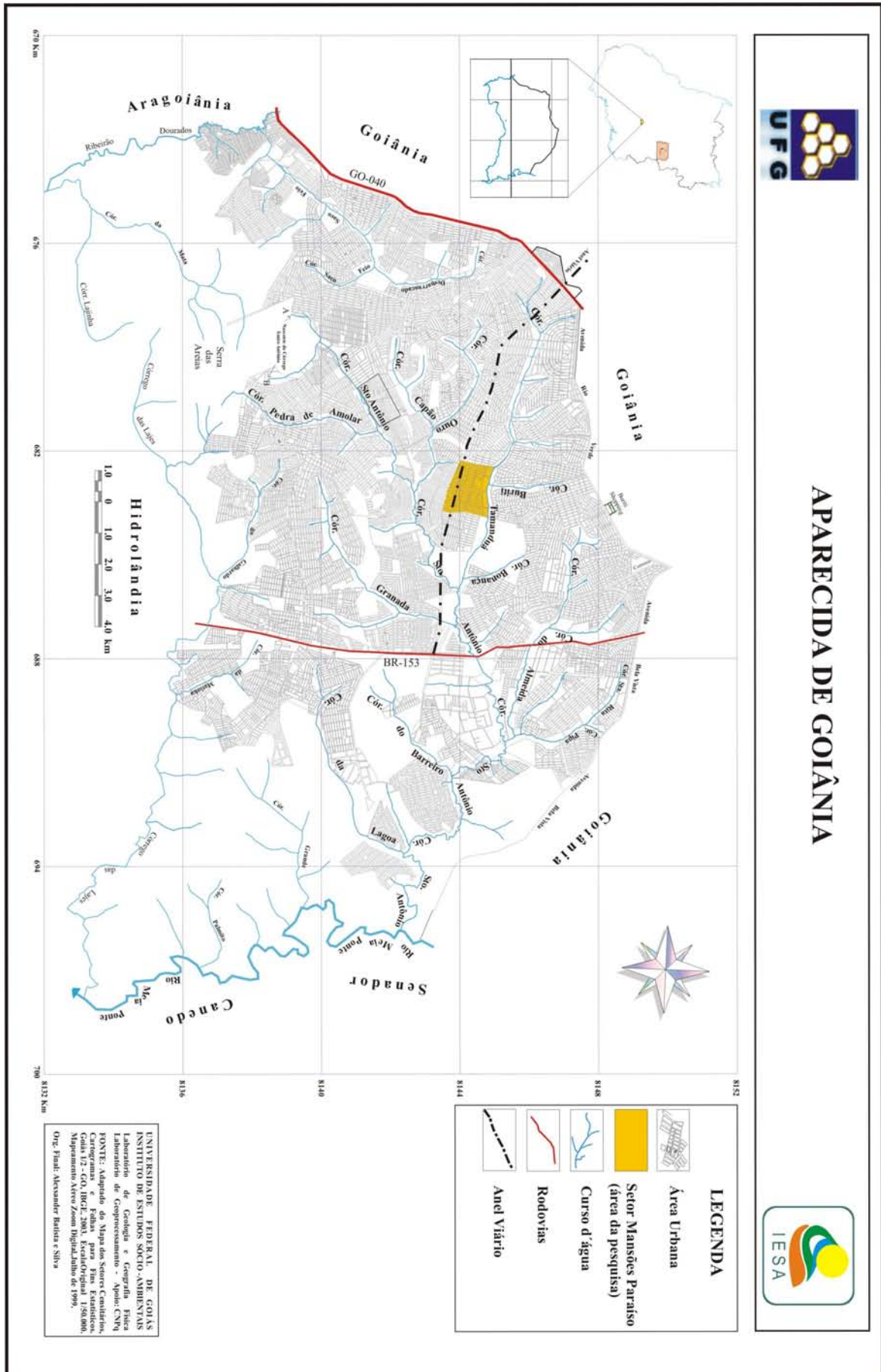


Ilustração 10 – Localização do setor Mansões Paraíso

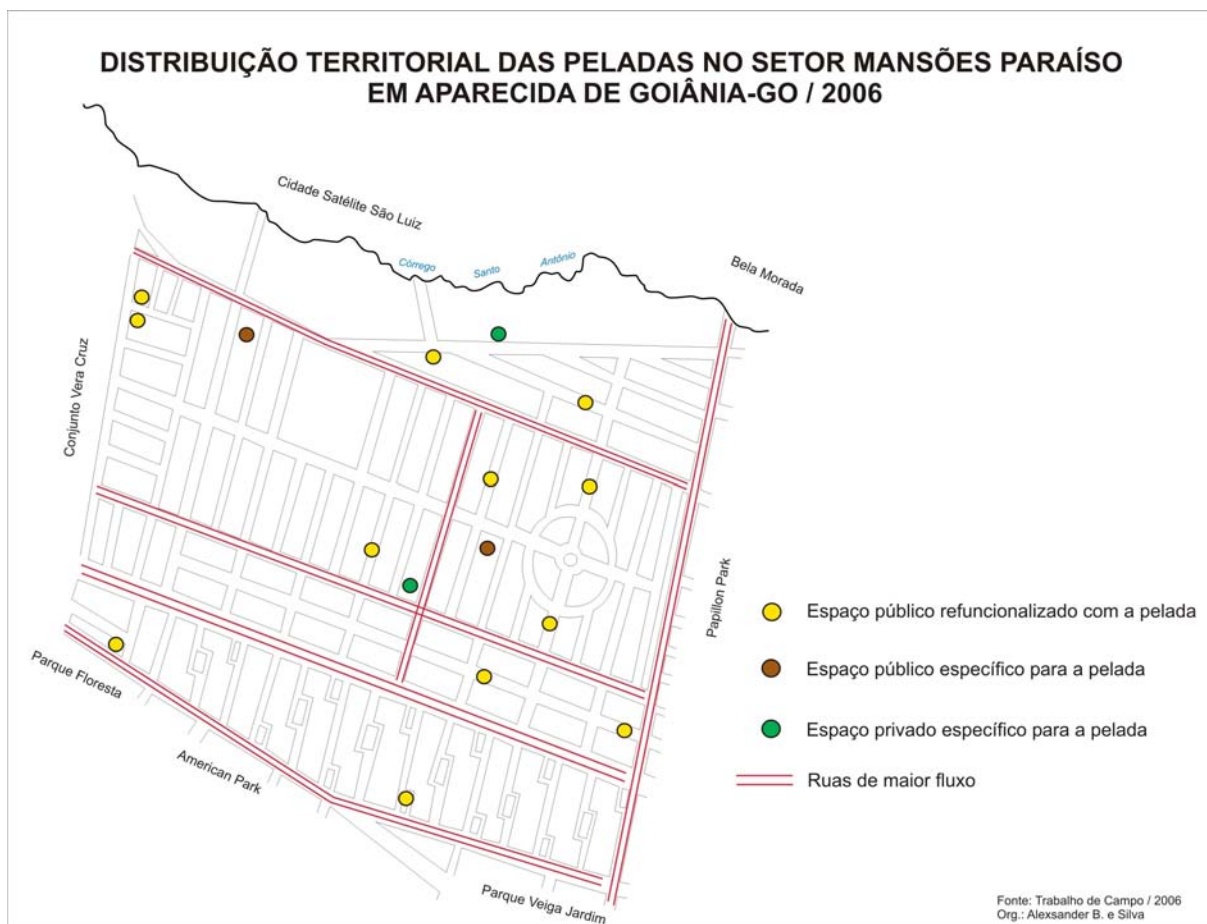


Ilustração 11 – Distribuição territorial das peladas

Quanto aos espaços privados, foram identificados dois, sendo uma quadra, alugada por hora, que funciona de domingo a domingo e onde quase sempre há uma pelada sendo disputada, e uma chácara com dois campos para aluguel. Naquela também são realizados pequenos torneios locais de futebol de salão. Existem também, outros dois espaços específicos para a prática das peladas, só que públicos, os chamados terrões.

Os demais territórios das peladas identificados são construídos a partir da refuncionalização temporária de ruas e lotes baldios. Eles representavam 75% dos territórios das peladas no Setor Mansões Paraíso, na data da realização do mapeamento. Essa territorialidade representa a vertente menos oficial do futebol e, portanto, mais improvisada, flexível, democrática e alegre. Com relação a tais territórios, em função de sua própria natureza fugaz, houve grande dificuldade para a realização do trabalho de campo e mapeamento.

A acirrada disputa por espaços no mundo urbano/contemporâneo, principalmente nas metrópoles, gera um novo esquadramento na cidade. Devido à voracidade do capital

privado em sua territorialização, como no caso de região metropolitana de Goiânia, a tendência seria do desaparecimento das peladas em espaços como ruas, calçadas, lotes baldios etc. Contudo, a paisagem que observamos ao transitar pela metrópole, principalmente na periferia e ao cair da tarde, é repleto de futebol de pelada. Ou seja, mesmo com todos esses cenários pouco propícios, os territórios das peladas acenam como uma espécie de resistência/persistência.

Tabela 1 - População total por município da RMG e taxa de crescimento anual em 1991, 1996 e 2000

Municípios	1991	1996	2000	Taxa de crescimento anual %		
				91-96	96-00	91-00
Abadia de Goiás	2.860	3.343	4.971	3.3	10.4	6.3
Aparecida de Goiânia	178.483	265.868	335.392	8.3	6.0	7.3
Aragoiânia	4.910	5.713	6.424	3.1	2.9	3.0
Goianápolis	10.716	10.191	10.671	-1.0	1.1	-0.1
Goiânia	922.222	1.001.756	1.093.007	1.7	2.1	1.9
Goianira	12.896	15.194	18.719	3.3	5.4	4.2
Hidrolândia	10.224	11.199	13.086	1.8	3.2	2.4
Nerópolis	12.987	15.241	18.578	3.3	5.1	4.1
St. Antônio de Goiás	1.988	2.437	3.106	4.2	6.2	5.1
Senador Canedo	23.905	44.266	53.105	13.1	4.6	9.3
Trindade	54.072	68.558	81.457	4.9	4.6	4.8
Total RMG	1.235.293	1.443.766	1.638.516	3.2	3.2	3.2

Fone: IBGE - Censo Demográfico e contagem populacional - Dados organizados pela Prefeitura de Goiânia/Secretaria Municipal de Planejamento/Departamento de Ordenação Sócio-Econômico/Divisão de Estudos Sócio-Econômicos

Como se vê acima (tabela 1), o crescimento de todas as cidades que compõem a região metropolitana de Goiânia é muito grande, pois a riqueza das peladas está, justamente, na aparente desordem do espaço urbano. Em outras palavras, nesse espaço recortado por lotes baldios, gestado pelos ditames do capital imobiliário, é que se produzem e reproduzem os territórios das peladas. Arquitetado pela especulação imobiliária, o espaço urbano de Aparecida de Goiânia, repleto de lotes baldios, torna-se terreno fértil para a prática do futebol de pelada.

Além disso, é comum, pela via do modelo de gestão centrífuga, própria das metrópoles e das regiões metropolitanas de países capitalistas, não haver sem infra-estrutura de lazer na periferia proletária. Ao mesmo tempo, como é o caso específico de Aparecida de Goiânia, o tipo de crescimento permite a existência de muito espaço vago.

As mesmas motivações que levam o modelo de gestão a deixar de desenvolver áreas de lazer, possibilitam que o próprio sujeito da periferia proletária as desenvolva criativamente. Assim como o lazer mais centralizado é oferecido pela via liberal, como clubes, não há lotes baldios para a pelada, dificultando a prática criativa.

É bem possível que o exercício da criatividade, o drible, a ginga, a cadência, sejam frutos desse esforço de superar o impossível e de criar fendas no que está impossibilitado. Do contrário, quanto mais mercantilizada for a prática de lazer, mais burocratizada e controlada ela é e, portanto, menos criativa será.

É, então, em espaços mínimos e improvisados, tal como as feiras, que a estética original da pelada surge. Sem o finalismo liberal e burocrático, normativo e financeirista, o peladeiro transforma o espaço marginalizado no espaço de arte e faz desta não um tento da performance e da representação, mas da vida diária, da alegria de viver.

2.3.3 - Futebol de pelada e a subversão do cotidiano

A proeminência dos chamados novos paradigmas tem colocado em cena alguns princípios para a realização das tarefas acadêmicas, entre os quais a relação entre arte e ciência, a conexão de saberes, a análise integrada de fenômenos físicos e humanos, a importância da percepção, da representação e da produção de sentido pelos sujeitos que se envolvem com a trama do saber.

Nesse rol de mudanças de atitudes, cresceu, nas últimas décadas, a compreensão de que a geografia deve compreender o cotidiano. Santos (1982) diz que o espaço é uma categoria da estrutura e da organização social, mas também da existência. O cotidiano é lugar vivo da existência, território amíúde do contato do corpo com todas as outras esferas, central nervosa da emoção e de todas as maneiras de sentir. Nessa linha, Santos (2003, p. 13) afirma que

A geografia alcança neste fim de século a sua era de ouro, porque a geograficidade se impõe como condição história, na medida em que nada considerado essencial hoje se faz no mundo que não seja a partir do conhecimento do que é o território. O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A geografia passa a ser aquela disciplina tornada mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar.

Essa “nova sensibilidade geográfica”, de acordo com as palavras de Milton Santos, dá ao campo de saber geográfico a necessidade de compreender “as manifestações da existência” ou o que tem se chamado, também, de “espaço banal”, “espaço marginal” etc.

As peladas são manifestações da existência que se inserem no espaço como um dado importante na medida em que furta o cotidiano controlado e liberal, testemunhado pela operação do trabalho e dos fluxos que são gerados para garantir a sociabilidade na metrópole. Essa importância possui outro sentido existencial: colocar os pares, os sujeitos proletarizados e empobrecidos em contato uns com os outros. Essa ação é uma das formas de se opor ao regime de violência que sujeitos de uma mesma classe social, sem perspectivas sociais e fundados no regime de fragmentação, desenraizamento e com poucas possibilidades de galgar um lugar ao solo que lhes fomentem uma vida digna, são destinados à bola. Veja a realidade de violência.

Tabela 2 - Taxa de homicídios por 100.000 habitantes – RMG

Municípios	1998	1999	2000	2001	2002
Região metropolitana	23,5	25,6	24,5	25,4	32,8
Abadia de Goiás	0	0	40,23	19,12	0
Aparecida de Goiânia	29,41	26,28	33,59	48,99	47,35
Aragoiânia	32,77	15,92	15,57	15,05	0
Goianápolis	27,56	17,85	18,74	9,05	17,55
Goiânia	21,54	26,89	22,87	18,89	28,96
Goianira	36,03	11,54	10,68	20,35	14,73
Hidrolândia	8,69	17,15	7,64	7,7	29,24
Nerópolis	35,91	5,75	21,53	5,19	15,19
Santo Antônio de Goiás	0	0	0	0	0
Senador Canedo	16,49	25,74	22,26	31,79	52,32
Trindade	29,27	16,62	17,19	19,94	24,02

Fonte: Ministério da Justiça - MJ/Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP

Percebe-se, pela tabela 2, que o território de Aparecida é profundamente violento, perdendo apenas para Senador Canedo, em 2002. No entanto a pelada, geralmente aberta ao estranho ou ao que chega desconfiado e, com os olhos, pede um lugar para jogar nem que seja por apenas dez minutos, é território onde se montam grupos ou comunidades de existencialidades territoriais com profunda liberdade, pois quando há falta de jogadores peladeiros é que há tristeza.

Porém, o que destaca mais é que o peladeiro se junta ao Outro e reconhece nele o que ele, socialmente, é. Em muitos casos, as trajetórias nos bairros e o conhecimento de seus

sujeitos ganham, nas peladas, o centro mais aglutinador, uma vez que, no regime de trabalho, há, indubitavelmente, a separação.

Ao estudar o futebol de rua na periferia de São Paulo, Tokuyochi (2006, p. 19) sinaliza que o futebol promove o lazer, assim como tece uma rede de sociabilidade. “Falar em lazer na periferia é falar em futebol”. O autor afirma ainda que “O futebol ainda é o grande responsável pelo desenvolvimento da sociabilidade nos bairros” (idem, p. 2). Tais afirmativas dão a dimensão de quão importante é o futebol de pelada para os sujeitos da periferia, pois elas são umas das poucas oportunidades de práticas de lazer, são pontos de encontros. Na periferia proletária o território da pelada constitui-se em um dos locais onde as pessoas vão rever os amigos, botar o papo em dia, alegrar o corpo jogando bola, esquecer temporariamente os problemas diários, fugir do mundo do trabalho etc.

Magnani (1998) ressalta que os torneios de futebol de várzea constituem-se em importantes acontecimentos. O entorno do campo de jogo desde cedo ganha intenso movimento: moças, rapazes e crianças circulam entre as barraquinhas de milho verde, sorvete e pipoca: “Cenas como esta repetem-se todos os fins de semana nos bairros mais afastados, comprovando a vitalidade desta forma de entretenimento” (idem, p. 122). Mais um autor que comprova o papel que o futebol amador possui na periferia, como uma festa, um lugar de lazer e diversão no qual as pessoas vão para interagirem uns com os outros.

O aspecto da sociabilidade na pelada fica evidente quanto se pergunta a um peladeiro o motivo pelo qual ele está ali jogando. É recorrente argumentações do tipo “*jogo aqui porque aqui são todos meus amigos*” ou “*o que me traz ao campo é a amizade e está no meio dos menino*”. Nos dizeres dos próprios peladeiros, a pelada é o lugar de encontrar com os amigos (ilustração 12). Em resposta a mesma pergunta aparece também a pelada como lazer e diversão - “*venho me diverti. Eu sempre gostei de jogá bola*”.

Com as peladas, os sujeitos sociais, jovens, adultos e mais velhos, esculpem a noção de pertencimento. Jogar bola é exercício de edificar encontros, antecipados por chamamentos como “vamos lá, tá na hora”, ou em tipo de ameaça: “se você não for, não vai ter jogo”. Pode ocorrer, também, como brincadeira: “vamos, perna de pau, vou te dá três chapeuzinhos”.



Ilustração 12 - A galera reunida batendo papo e observando a pelada à beira do campo. Mansões Paraíso - Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

Antes de reunir para os jogos, os papos remontam aos times do futebol profissionais, às observações e análises feitas sobre os grandes ídolos mundiais e, ademais, previsões de finais de campeonatos nacionais (ilustração 13).



Ilustração 13 – Grupo de peladeiros conversando antes da pelada
Conj. Vera Cruz – Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2007. Fotografia: Alexsander B. e Silva

À beira do campo os peladeiros ficam atentos ao jogo para opinar sobre um gol, uma falta ou recriminar os estão jogando por qualquer evento que ocorra (ilustração 14). Além de observar a pelada, indicam como o peladeiro deve dar prosseguimento à jogada, tecem críticas e destilam sobre alguns um humor sarcástico. Ouvem-se as expressões: “esse a natureza marca”, “solta a bola delegado” ou “bate nele bola”. Depois dos jogos, o assunto é o próprio jogo realizado, os frangos, as grandes jogadas e, também, as gozações: “da próxima vez, seu Xibungo, vou fazê 10 gols nocê”.



Ilustração 14 - Peladeiros a beira do campo observando o jogo, enquanto aguardam sua vez de jogar. Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

O fato é que o processo comunicativo se estende e se repete criando uma intimidade que coloca em cena os pares e suas vidas: “rapaz, quando eu arrumá emprego, vou comprá uma bola novinha pra nós jogá”. O sonho subleva o cotidiano controlado e difícil, montado pelo esquema da desigualdade social que funda a periferia proletária, não apenas em seus lotes baldios, em seus casebres, mas na existencialidade de seu sujeito.

Neste segundo capítulo discorreremos sobre a cartografia da dispersão do futebol no Brasil, desde o litoral até o sertão do Centro-Oeste brasileiro. Posteriormente apresentamos questões acerca da metropolização de Goiânia e o futebol. Por fim, realizamos uma discussão do futebol de pelada na periferia, tomando como recorte para análise o município de Aparecida de Goiânia. Neste item, levantamos algumas idéias na tentativa de elucidar existência e persistência, assim como a importância dos territórios das peladas para a periferia proletária.

De acordo com o que propusemos, no próximo capítulo apresentaremos aspectos atinentes à subjetividade e à política do corpo advindos da prática do futebol de pelada. Sob esse prisma, a pelada figura para os sujeitos da periferia como um lazer possível, onde eles se encontram e festejam. Os territórios das peladas são espaços de subversão, nos quais o mundo trabalho não exerce controle e o corpo surrado pelo capital brinca e se liberta, realizando, assim, a alegria da carne.

Capítulo III

A POLÍTICA DA PELADA: CULTURA E SUBJETIVIDADE NO JOGO DE BOLA

“O meu dedão do pé rachou” – disse um peladeiro que, ao manquitolar, no ato, transladava sangue em humor, em ironia abrindo as portas para que, da dor, se servisse o sadismo coletivo dos peladeiros. Diante dos risos dos outros, ele olhava o interlocutor, sem que a bola parasse, com a mesma disposição mental anterior e retrucou: “o meu dedo espatifou, seus desgraçados.”

A trama não é um detalhe de um pé descalço que, ao invés de chutar a bola, chuta um montinho de terra compactada. O lance não marca também apenas uma certa sociolinguística da pelada, os palavrórios de boleiros em campo, mas os sentidos subjetivos da prática de jogar pelada que nos oferecem a possibilidade de compreender seus vários significados políticos ou a política de pelada no cerne da subjetividade contemporânea.

Antes, todavia, no pleito do que estamos refletindo, deve-se perguntar: de que política se fala? Ou então acertar: quais são os agenciamentos culturais da pelada que a transforma em um componente político?

Sem que haja a necessidade de teorizar o termo “política”, enfronhar-se nos estudos gregos do assunto ou até mesmo dos clássicos modernos e autores contemporâneos, ao lançar o tema no lume da política estamos seguindo o passo de Barcelos (2006) em busca de descobrir o poder transformador da pelada.

A direção específica que desenvolvemos na análise nos coloca para descortinar esse viés: a relação entre espaço e política mediada pela pelada e no qual, diante da tradição geográfica, encontra-se o próprio sentido do conceito de território. Por conta disso, a questão pode ser recolocada: quais são os sentidos de poder que emanam da pelada no exercício que faz de uso, vivência e percepção do território?

3.1 - A subversão do espaço: a rebelião alegre da pelada

Não é somente o dedão do pé que racha, mas é o vidro da casa da vizinha que, freqüentemente, é quebrado, são os joelhos ralados, muitos dos quais se transformam, eternamente, em memória do corpo. Ocorre também de o short cair diante de um movimento mais brusco, de um peladeiro ter que abandonar o tênis que deu o ultimato de vida útil, assim como há disputas com veículos que trafegam ruas de “golzinhos” etc.

Os gritos trançados, especialmente desferidos pelos “bocas de papagaios”, o dedo em riste apontado com palavrões para um adversário de jogada, os insultos diante de quem foi driblado ou de quem recebeu o drible, pequenas rusgas disputando se o gol foi ou não válido, a discussão interminável sobre se a bola passou ou não passou sobre a baliza do gol, ou se foi “bola alta” – e tantos outros eventos e fatos pertinentes ao jogo e à trama do jogo –, poder-se-ia atestar que a pelada, sim senhor, é um jogo de risco e de uma processualidade em conflito.

Nesse risco certamente envolve-se o corpo despreparado físico e instrumentalmente para o jogo – como é o caso do peladeiro que viu o seu dedão rachado –, embora compatibilizado com todo o cenário peladeiro em termos de flexibilização do tempo, condições para jogar, lugar de sua realização etc. Nisso entra junto a subjetividade, pois o peladeiro, como outro jogador qualquer, precisa desenvolver, ao jogar, a percepção do espaço, criar com rapidez intuições em movimento e sobre o movimento da bola, se antecipar nas jogadas, usar os olhos, o ouvido e o pensamento num enlace único, e rápido.

Essa subjetividade vai além dos sentidos e do pensamento. Envolve componentes da emoção, como a paixão, a agressão, a cólera, o sentimento de intolerância, a desconcentração ou o contrário, a ternura, o sentimento de tolerância, a solidariedade. Mais importante: essa subjetividade sai da entranha de vida do peladeiro para um agenciamento coletivo, rente e instantâneo que, no calor do jogo e ao sabor das jogadas, a desenvolve culturalmente desenhando um quadro específico, que longe de ser isolado, diz a subjetividade escondida do ser social que age naquele território.

O essencial na força mobilizadora dessa subjetividade é sua corporeidade ou seu poder de corporeificação, uma encarnação de signos e símbolos da cultura em movimento, ou seja: os sentidos, a emoção e o pensamento se juntam aos músculos, às pernas, aos joelhos, aos pés, aos peitos, ao corpo inteiro.

Como não há subjetividade eximida da cultura sobre a qual se funda (CHAVEIRO, 2008), o corpo que joga, que dribla malandramente, que nega, furta a bola, a equilibra magistralmente ou deixa-a derrapar na frente do adversário, domina o espaço pelos pés, descortina o tempo pelos olhos, concatena motricidade, força, controle e símbolo. É um corpo cultural, de fato uma síntese entre genética e cultura. É um bios atravessado de linguagem. É a linguagem, e seus tentáculos, invadindo as células.

Pode-se dizer, por isso, que o corpo entranhado de signos da cultura tem como extrema singularidade as trajetórias do indivíduo jogador, suas heranças, suas memórias, seu inconsciente, seus desejos. A ação singular é tradutora de signos universalizantes, é a nação que joga no jogo do corpo que age.

O estilo de jogar, por exemplo, à brasileira, é, de alguma maneira, uma memória profunda vivificada na corporeidade em movimento. São signos da cultura que se desemboca em chapeuzinhos, em dribles da vaca, em pequenas e sutis puxadas de calções.

Seguindo a interpretação de Bosi (1992), pode-se criar uma síntese: não existe subjetividade fora da cultura e essa, apesar de possuir uma especificidade, não existe sem a sociedade que a cria e a recria em um devir ininterrupto, de transformações, de intercâmbios, de cruzamentos e endocruzamentos.

Por conta disso, o jogo de pelada assimila o que é, também, da vertente autoritária, patrimonialista, mandonista. O jogo encena, na vivência de seu acontecimento, disputas, assimilações de covardia, descarrego de neuras, como se importasse do explorador o seu código para ajustar as condutas entre os explorados (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

A relação sociedade e cultura, ao implantar-se em um jogo dialético entre colonizador e colonizado, como quis Bosi (1992), emana-a para as relações sociais de diferentes estirpes. Por este raciocínio, o corpo-que-joga é igualmente um corpo construído social e historicamente, que tem no espaço a condição de se produzir e se reproduzir.

Por essa via de interpretação deslinda-se, ou pode deslindar-se, o sentido político da cultura e da subjetividade. E mais: cabe colocar o peladeiro no seu mundo social concreto, destacar que sua vida, e seu espaço de produzir a vida, se faz num embate de forças e de conflitos. Isso permite retirar da interpretação da cultura, o mesmo seria com a arte, uma visão idílica e ingênua, a-histórica e a-social (VIANA, 2007).

O craque brasileiro de um time europeu ou um ator de um veículo midiático, a partir das figuras da subjetividade contemporânea que aliciam a vontade e o desejo dos sujeitos, como status, sucesso, narcisismo, vitória a partir do dinheiro e da acumulação, entregam o legado da memória cultural a um processo mercantil.

Cabe, pois, assegurar que a enunciação da cultura e da arte produz, então, ideologia, não se colocando, portanto, em um patamar superior relativo à comunidade de

sujeitos sociais. O jogador de pelada da periferia proletária é, por isso, produto dessa contradição. A pelada é o espaço possível, pois os outros pertencem apenas a um índice muito pequeno que pode ser assimilado pelo processo mercantil. Nesse campo exíguo de possibilidade joga, geralmente, livre dos preceitos mercantis, por isso é um jogo alegre, divertido, infantil, compatível com a cultura que o possibilitou (ilustração 15).



Ilustração 15 - O drible como ícone maior da liberdade e alegria da pelada.
Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. Silva

Desta feita, tanto o produto cultural como o processo que gera, por exemplo, um quadro de um pintor cubista, um romance regionalista, um filme comercial, uma peça de barro artesanal, um estilo musical, um jogo de futebol profissional ou uma pelada estão inclusos de valores sociais, de possibilidades intelectuais, pecuniárias, comunicativas e subjetivas.

Se o produto e o processo têm a chancela social, sua recepção, seu consumo e seu desdobramento também o têm. Cada quadro, cada romance, cada peça teatral etc., desenvolvem, fundados na sua espécie ou gênero e, de acordo, com os atributos culturais e estéticos que lhes enformam, uma mensagem de mundo, de tempo, de natureza, de ser humano, de perspectiva de mundo, de sonho.

Essa mensagem que Viana (2007) chama de “figurativa” nem sempre resulta de um projeto ou de um programa do ator ou autor que a desenvolve, pois o sujeito que a realiza encampa a memória coletiva na circunstância de sua trajetória sociocultural. Portanto, o inconsciente age criando, mediatizado pela trajetória do sujeito tecida no mundo real. Mas nem por isso deixa de enunciar valores e/ou ideologias.

Se a criação coloca em cena a memória coletiva e a voz do inconsciente, nem sempre o próprio criador sabe explicar o que criou – e por que criou. Entra aí a mensagem figurativa. Qual é a mensagem figurativa da pelada?

3.2 O dizer político da pelada

“Tava em casa, era cedo demais... chegou o Carlão. Opa, sô, vamo! Ele me acordou, ficou mei com vergonha da minha mãe. Falo pra nós ir jogá lá no campim do Prego. Eu lavei o rosto, peguei a bicicleta e fui com o Carlão chamar o Cabecinha. Acordou o Cabecinha, ele montou na minha bicicleta, fomo pegá o Adãozinho. Acordamo ele...Chegamo atrasado no campim do Prego. Eles tava jogano. Ele falo: “ocês num chegava, nós começamo com esse timinho”. O Prego sabe que nós é doido por causa de bola, então deu um jeitim. O time dele jogou primeiro, quem ganhava jogava cum nós...”

A pelada ocorre de várias maneiras, em diversas ocasiões, em múltiplos espaços e suscitando as mais diversas situações. Ela envolve sujeitos que são arrebatados na hora do jogo, muitas vezes dependendo de uma liderança sutil e livre que seja capaz de juntar peladeiros e definir um momento para se jogar.

O caso narrado ilumina algumas mensagens essenciais da pelada: a capacidade de se formar, a partir de um esforço partilhado de atores, mediante poucos recursos, ou quase nenhum; o engendramento de sujeitos proletários que, por meio dela, se comunicam na realização de um lazer possível; a possibilidade de, em um campinho de terra feito em um lote baldio, mas sob a organização de um sujeito – o Prego –, poder ajustar o espaço para os jogos.

Essas propriedades demonstram, primeiramente, a subversão do tempo controlado, ordenado, agendado, instituído. Posteriormente, ao usar o lote baldio de que desconhece o proprietário, para a realização de um evento coletivo e alegre, distende, pelo menos no momento do jogo, a tirania da propriedade privada e das funções urbanísticas da renda fundiária urbana (ilustração 16).



Ilustração 16 - Subversão do tempo e do espaço no lazer possível da pelada.
Lote baldio - Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

Espaço e tempo subvertidos no enlace da pelada ressoam como enunciação política. A alegre rebeldia pacificadora – o grupo de peladeiros no giro da bola na manhã dominical –, faz justaposição ao que Pelbart (2000), lendo Deleuze, chama de ação da “sociedade de controle”. Afirmo o autor que

O onipresente controle tecno-social tornou-se nosso novo meio ambiente. Resultado: esse misto de extrema velocidade, extrema paralisia, extrema desmaterialização, extremo controle, extrema serialização. A subjetividade vê-se presa de uma inércia petrificante, de uma hipnose telemidiática, de uma infantilização maciça, de uma homogeneização sem precedentes. (idem, p. 25-26)

As palavras com força explicativa do autor (2000, p. 26) ganham uma síntese quando, mais à frente, ressalta que “A vida é uma prisão, quando não a construímos, e quando o tempo da vida não é apreendido livremente”. A explicação da vida como prisão segue quando evidencia a essencialidade da sociedade de controle: “[...] a lógica que antes estava restrita à prisão abarca agora o campo social inteiro, como se a própria sociedade se tivesse tornado uma prisão” (PELBART, 2000, p. 29).

A interpretação da Sociedade de controle, última face do capitalismo, parece indicar um triunfo total dos intentos dessa sociedade que arrebatou tudo, e todos, para as suas estratégias economicistas. O regime técnico, os mecanismos de vigilância, a mercantilização da cultura e da natureza, a força da imagem e de sua industrialização, a burocratização do tempo livre, a privatização do espaço, a institucionalização da política, parecem não deixar

nenhum espaço para a mudança, para a insurgência. Mas é o peladeiro que narra a sua situação:

“Eu trabaio oito hora, mas tem o preparo para ir pru trabaio. Tem tamém a viagem no ônibus – é uma viagem, viu! Então não sobra tempo, né? Não sobra tempo pra lazer: é ver uma televisãozinha, fazer umas coisa em casa. Eu não posso jogá em time nenhum, até já passei da idade, mas quando era novo era a mesma coisa. Mas a pelada é bom, a gente se adverte, encontra os amigo, bebe uma depois, aposta, faiz gozação, conversa...é assim”.

De fato, o controle pela via do trabalho e o que é dispendido para exercitá-lo envolve uma ligação subordinada do sujeito com o espaço. Nessa subordinação entra o seu corpo inteiro, mas a pelada se coloca como um interstício sobre o qual não se tem controle. É o momento de liberdade e da vida livre, do encontro e do festejamento (ilustração 17).



Ilustração 17 - A confraternização dos peladeiros ao término do jogo.
 Conj. Vera Cruz – Ap. de Goiânia
 Fonte: Trabalho de campo / 2007. Fotografia: Alessander B. e Silva

Essa subversão do tempo e do espaço construídos socialmente culmina com o que Barcelos (2006) chama de “fazer política na fresta” por meio de “devires-moleques”. Esse processo, segundo a mesma autora, é da possibilidade de cada um. O importante é criar um agenciamento para “inventar artimanhas na fresta”, possibilidades reais de sujeitos sofridos, vilipendiados, explorados, golpearem o sofrimento, distender dores, criar espaços de comunicação e de prazer onde o controle parece reinar. Nisso entra o papel de brincar – e da brincadeira. Diz a autora:

Embora a brincadeira e o jogo sejam dois tipos de políticas indissociáveis da existência ou dois vetores complementares da subjetividade, há uma tensão necessária entre ambos. O problema é como se instalar na tensão entre jogar e brincar ou na fronteira entre a repetição do jogo e o experimental da brincadeira; como ativar o devir-criança da subjetividade – que não implica infantilizá-la ou imitar uma criança – e afirmar a potência do brincar como resistência e criação. Isso não significa promover reencontros com a infância como um lugar privilegiado da invenção, mas ir além da obediência cega aos mapas estabelecidos. (2006, p. 53-54)

Rabiscar os “mapas estabelecidos” com a brincadeira ou jogar brincando, como é o caso da maioria das peladas (ilustração 18), traz para a codificação interna e subjetiva do sujeito outros componentes que não apenas o da exploração burguesa, como o controle, a violência social, o medo, a dor, o economicismo.



Ilustração 18 - O peladeiro brinca com o adversário, fazendo firula antes de empurrar a bola para dentro do gol. Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

A mundialização do capital ou globalização que marcam o mundo contemporâneo, entendido por alguns como pós-moderno, mexe, chacoalha, abala, estremece, balança, altera as referências do tempo e do espaço que, apesar de estarem sempre enlaçados, são instâncias distintas. O tempo se desenvolve no espaço, mas não é do espaço, e vice-versa, de tal maneira que é impensável tempo sem espaço e espaço fora do tempo. Ambos existem como elementos primordiais à vida. Eles são constituídos e constituidores dela. Nesse sentido, a tríade espaço/vida/tempo estabelecem relações de fluxos contínuos. Sendo que a vida é tempo e espaço que palpitam em um presente vivo.

Na tentativa de um entendimento dessa realidade, uma categoria preciosa é a de espaço. Para Santos (2006), o espaço é um conjunto indissociável e solidário de um sistema de objetos e um sistema de ações. Como espaço e tempo estão sempre acoplados, então, este é

algo que reside nos objetos e ações. Dessa maneira, cada objeto e cada ação guarda uma temporalidade, o que faz com que em todo e qualquer quinhão do espaço existam e coexistam diferentes temporalidades, que relacionam-se, conjugam-se, conflitam, vivem e sobrevivem de modo simultâneo. Assim como, em um mesmo tempo existem espaços distintos, em um mesmo espaço convivem tempos variados.

No que concerne à categoria tempo, Maldonato (2001) advoga a existência de dois tempos: um relativo à vida, outro ao mundo. O primeiro é o tempo do espírito, do interior, que está relacionado aos elementos intangíveis da subjetividade; o segundo é o tempo da civilização, do exterior, que se vincula à materialidade do mundo objetivo. Esse tempo é instrumentalizado pela tecnociência e orquestrado pelo capital.

Ao pensar o tempo enquanto um elemento político surge uma indagação: que política faz o futebol? Política da vida ou do capital? Isso vai depender de que futebol estamos falando, mas, de toda forma, o futebol, de maneira geral, acaba por se tornar algo que participa do tempo da vida e do capital simultaneamente.

Em termos de futebol profissional, a política do capital é mais do que visível, em todos os sentidos, que vão desde os jogadores enquanto mercadoria, passando pela venda dos jogos como mercadoria, até os patrocínios e parcerias milionárias entre times de futebol e grupos financeiros e/ou empresariais. Entretanto, isso não exime de forma alguma que o tempo da vida atue, em diversas intensidades e nuances, no meio do futebol profissional.

O certo é que a pelada afina-se enormemente com a vida e expurga o tempo produzido pelo capital. A vida na pelada pulsa em variadas intensidades, revelando-se no grande leque de emoções pronunciadas. Nesse jogo de bola aparecem a alegria, a tristeza, a realização, a frustração, a paixão, a raiva etc. O ser da pelada produz bons encontros, os quais Barcelos (2006) anuncia como sendo imprescindíveis à vida de fontes de criação. Enfim, o fazer político da pelada, com a negação do tempo do mundo, privilegia, rega, cultiva e valoriza a vida.

Na seara do brincar livre, peladeiros – na fresta do tempo e do espaço – se encontram com outra possibilidade de vida, descortinam virtualidades, sonhos. A vida pode aparecer com timbre de esperança e com insígnia de resistência – e de liberdade porque alegre.

3.3 - O corpo alegre do peladeiro

“É bão. Jogá bola é uma das melhores coisa que tem. Isso vem de famia. Todos nós. Lá na bairro é assim. Quando morava na roça nós jogava também. Até hoje a gente conserva essa tradição de jogá bola quando dé. Tem uns amigo que chama a gente. A gente chama eles. A gente volta aliviado, alegre. Cansa o corpo. Mas é bão, fica mais relaxado”.

Seguindo a mesma vertente de análise de Barcelos (2006) ao perceber “as alegrias da carne” do corpo sambista, ao avaliar a fala do peladeiro, perguntamos “que alegria decorre do corpo peladeiro”. A pergunta ganha um matiz mais questionador: que agenciamento político a alegria peladeira desenvolve?

Ora, se o corpo-que-joga é um tradutor carnal da cultura da nação, e de suas mudanças e lugares no mundo social, pois o jogo é revelador de uma memória coletiva, a pelada tal como samba, sabe transformar o que é pathos, preconceito, gueto, espaço marginalizado, dor, em ethos, identidade, emblema de resistência pelo viés da alegria.

Para jogar pelada não há compulsão, obrigatoriedade. O peladeiro é um pedinte de bola na beira dos campinhos da periferia. Por isso, ela une diferentes cores, tamanhos, propriedades físicas e idades da multiplicidade de trabalhadores da periferia proletária em uma única enunciação, em que o que motiva é o sabor de jogar-brincar (ilustração 19).

É pela vontade e pelo regime de liberdade que o jogo vira brincadeira, razão pela qual o corpo desfruta de seu poder de invenção, de seu malabarismo, a proeza de criar, suscitar o inusitado, o incauto e o improvisado. Essa ação corporal, por certo, ajuda o sujeito a defender-se da neura do trabalho explorado e mais: “[...] o corpo se vê obrigado a decifrar sensações que desconhece, e o pensamento é levado a escapar do regime de representação” (BARCELOS, 2006, p. 32).

Esse timbre original do corpo, essa comunicação com o desconhecido que mora dentro como potencialidade, ao sair do “regime de representação”, próprio de uma sociedade de controle que tenta padronizar todos os aspectos da vida, inclusive, a imagem-de-vida, é um restituente da essencialidade. Ou seja, o corpo do peladeiro escapa de um regime de representação duro e rígido e adentra em outro, com códigos e referências mais livres próximas do tempo da vida.



Ilustração 19 - No jogar brincando vale até a tentativa da bicicleta no campo de golzinho. Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

É lógico que essa alegria, tal como aconteceu com o Samba, é assediado pelas instituições que representam a elite. Se o samba se tornou um produto de exportação, o peladeiro é assediado com jogos de camisa em épocas eleitorais, com troféus, campeonatos varzeanos. E também com olheiros de times profissionais.

O importante é destacar e perceber que se a dor da exploração social advinda das relações sociais do modo de produção capitalista e o que desdobra em termos de subordinação do tempo do trabalhador, humilhação social, alimentação precária e educação deficiente, manobras ideológicas dos seus gostos, violência ao seu corpo são peças centrais da produção social da vida pelo viés da desigualdade social e do empobrecimento, a alegria da pelada é um signo, e um documento, de resistência, ou de experiência, de outras condutas do corpo.

E é também uma declaração de potencialidade inesgotável, assim como de uma vitalidade irredutível que, por isso, asperge esperança que não se dobra. Ao agir na fresta consolida-se um benefício para o corpo e para a mente fora dos padrões de controle.

Em decorrência desse pensamento, jogar é quase sambar com a bola. E sambar é próximo de jogar com síncope, remelexos, breques, cadência pubiana. Ambos, o jogo de bola e o dança do samba⁹, dizem o Brasil por dentro, interior e profundo; diz também o que pode vir, a potência de ser.

⁹ Fazemos essa aproximação entre futebol e samba, que são dois importantes elementos da cultura do nosso país, conscientes de que o samba é restrito a algumas partes do Brasil, enquanto o futebol figura em todo o território nacional. Este sendo, de acordo com alguns autores o maior fenômeno humano do Brasil.

Exatamente por isso que, desde Chiquinha Gonzaga, na música popular brasileira, passando por Donga até Bezerra da Silva e desde Garrincha, passando por Pelé até Dener, no futebol, o sujeito pobre, negro, periférico, podem, pela arte, serem ícones que representa os timbres profundos da brasilidade.

Semelhante fato ocorre com a feijoada, com a farofa, com a capoeira. O que foi criado fora dos escudos do controle e da ambição de status dos dominantes acabou por lograr uma marca de timbre forte que enuncia a memória da nação e seus símbolos de maiores expressividades.

Na pelada, a periferia ri, jubila-se, comemora, satiriza, ironiza, transforma o humor em dádiva do encontro, põe o corpo no giro do espetáculo livre de câmeras, máquinas fotográficas, pose, performance. O espetáculo é livre, sem bilheteria, sem contrato. Mas também é lugar dos nervos aflorarem-se, de soltar as amarguras nas pontas dos dedos, de reclamar. O peladeiro diz:

“Foi difícil. A minha mãe tinha que me buscá quase todos os dias na quadra do colégio, que era aberta, assim.. .pobrezinha, de cimento batido. Ela vinha com uma vara apontada. Os colega já sabia: fazia gozação. Eu ficava com vergonha. No outro dia era a mesma coisa. A minha mãe sabia que se não pegasse no pé, eu nem ia pra escola, gostava demais de bola. A mãe de um amigo meu fazia uma gritaria danada, um escândalo...”

A alegre rebeldia, no caso relatado, demonstra o que é bastante comum: os filhos, apaixonados por futebol, juntam-se com amigos da vizinhança e arrumam peladas antes das aulas. Os adolescentes da periferia proletária, ao se colocarem diante do poder e do afeto maternos, tinham que driblar a mãe também, que, no seu papel de educadora, teria que ficar vigilante com os horários. O jogo não possui relógio, desmente o tempo, o ignora.

Mas o mais importante do fato narrado é a paixão pela bola. A luta entre o dever de se ir à escola e a vontade de continuar brincando, sob o controle da mãe, é uma marca do sentido de adesão ao jogo. Um ex-peladeiro que se tornou professor universitário afirma que:

“O meu pai ia para o trabalho e a minha mãe ficava em casa cuidando das vasilhas, da casa e dos filhos. Ela era quem nos enxergava com mais proximidade e, diante da divisão sexual do trabalho, a educação ficava por conta dela, assim como a casa. O meu pai teve uma ligação efetiva com o futebol em sua família, tinha mais com a música popular. A minha mãe

entendia que jogar bola era um dos poucos tipos de lazer que, diante das nossas condições sociais, tínhamos condição de exercitar. Mas ela tinha que nos enfrentar: saíamos escondidos dela. Ela ficava teatralmente furiosa. Fazia um jogo-de-abre-e-fecha conosco. Quando ficávamos tristes, ela nos deixava jogar antes das aulas. Aí nos deixava ir negociando as notas da escola. Era um negócio inteligente dela: o gol pelo dez. Ou pela aprovação... Os colegas passavam perto de nossa casa, e também com inteligência, salpicavam a bola no chão. Nós ouvíamos aquele barulho contagiante. A bola batida no chão era um chamamento irrecusável a um amor indescritível. Ali o jogo tinha começado: 1 a 0 para nós contra a minha mãe. Mas no fundo ela entendia: a nossa alegria era uma jogada do afeto dela também”.

A trama social, posta na narrativa do informante, revela vários aspectos do jogo – e da situação do jogo da pelada na periferia proletária: jogar bola não era um ato social isolado de uma condição e de uma situação de vida. O jogo, e seus atores, envolviam mãe e pai juntamente com componentes do trabalho, da moradia, da economia doméstica, dos valores e da subjetividade. O mesmo informante declara que,

“Somente na terapia descobri a importância da bola em minha construção. Eu indagava aquela paixão toda por futebol acima de tudo, sendo que não havia, na minha família, uma tradição com o futebol. Nem o meu pai e nem a família da minha mãe tinham uma ligação direta com a cultura do futebol. Descobri, em terapia, ao dizer que sou, junto com Chico Buarque de Hollanda, um frustrado feliz, que a minha adesão ao futebol é parte significativa do meu processo de socialização. Disse certa vez ao terapeuta que tive um único sonho na vida: ser jogador de futebol. E disse que aquilo não tinha importância. Ele parou e disse “êpa”. Pois é, a paixão pela bola foi de início o modo que, na minha situação de migrante rural pobre, tímido, medroso, raquítico, doente, encontrava para socializar no novo espaço, para, então, criar uma convivência e construir a minha identidade perante o Outro. Ali, jogando razoável, o que era o meu caso, eu era um igual, era aceito. E sendo quase uma estrela dos campinhos de terra batida, a minha adesão ao lugar estava resolvida, tinha uma razão de viver. A pelada era o contraponto alegre que me sustentava, gerando um fiapo de vitalidade que alimentava nobres e altíssimas esperanças de futuro: ser jogador de futebol profissional”.

Sonhar em ser jogador de futebol, especialmente entre meninos oriundos das camadas pobres do campo e da cidade, no Brasil, é uma marca recorrente da subjetividade

adolescente. Parece que, de fato, há um itinerário: a criança nasce no seio de uma família empobrecida, logo ganha uma bola de presente dos pais, ouve-os e aos amigos deles falarem de futebol, vai para a escola começa a jogar, reconhece sua situação diante da desigualdade social, vê o sofrimento da família, mete o pé na bola sonhando com nuvens.

Por isso que o futebol, em nível de pelada, e o sonho de ser jogador de futebol são, certamente, um acontecimento próprio da psique dos sujeitos pobres da nação e deve, em razão disso, ser um acontecimento rotineiro em sessões de terapia do homem brasileiro, especialmente dos que tiveram ascensão social e desejam manter viva a memória de exploração e de dor como sintomas vencidos, mas importante em suas trajetórias.

Se a adesão ao jogo não é tão simples, pois depõe a ligação entre cultura brasileira e condição social, o jogo em si cria um conteúdo especial: quando a criança, o adolescente, sonha com alegria, revitaliza o desejo de viver, torna possível o enfrentamento diário, pode criar um rubor de resistência, enlaça-se ao futuro com a bola nos pés. Na verdade é a subjetividade do sujeito sofrido que se põe no turno da catarse e da alegria e desdobra-se em vários sentidos. Assim ressalta o ex-peladeiro,

“A minha vontade era de jogar bola até quando o corpo permitisse. Mas tive uma fratura no joelho que me aconselha a criar outras compensações. Na verdade, temos um grupo de amigos que formam um time de frustrados que, na adolescência, sonhavam em ser jogador de futebol. Há ainda os que jogam – e há os que não podem jogar, como é o meu caso. Nesse grupo, me incluo. Conversamos sempre e dissemos que agora temos que jogar bola com a alma. Eu creio que de alguma maneira, eu transporto para a minha profissional, a ludicidade da pelada. Sou um peladeiro simbólico. Isso é tão sério que certa vez conversando com um amigo sobre o “tema existencial”, disse a ele que o meu é brincar. Estou no mundo para brincar. Outros amigos dizem que precisamos, ainda, acertar conta com a bola, talvez escrevendo a respeito, sendo técnico de times na periferia depois de aposentarmos...”

A representação do futebol na cultura brasileira e o modo como crianças e adolescentes empobrecidos se colocam perante ele, não deixa dúvidas que este pertence ao rol dos sonhos mais recorrentes e das pretensões mais íntimas, especialmente dos garotos do sexo masculino no Brasil. A narrativa acima revela um pouco da consciência do valor deste sonho: diante da frustração, mas contente com o que faz, consciente ou inconscientemente, as raízes

do jogo acompanham o sujeito em seu estilo. Porém, há outras subjetivações que parecem mais dramáticas e profundas. O informante conta que:

“Eu tinha um amigo, o J..., que era de uma família de oleiros. Todos da família dele trabalhavam numa olaria. Ele era um viciado total por futebol, acompanhava tudo por rádio, dizia que se não fosse jogador de futebol se tornava louco. Ele foi para o Atlético goianiense, jogou um pouco, de lá foi para o Itumbiara, de lá para o Goiatuba, para o América de Morrinhos. No final, a carreira não foi para frente. Ele era semi-analfabeto. Certa vez o reencontrei e vi que ele não estava certo: ele de fato havia se enlouquecido. Perguntei ao irmão dele, o irmão foi rápido ‘foi a bola’”.

A bola, ao rolar na sociabilidade da criança ou do adolescente pobre brasileiro e ao pertencer às suas pretensões mais elevadas, mobiliza a subjetividade inteira. O enlouquecimento por não jogar, ou por não apetecer um sonho, pode ser fragilidade emocional, todavia reveladora da importância e da dimensão significativa do sonho. É um sonho cultural, um registro de brasilidade profunda no escopo do desejo.

É claro que, especialmente com a espetacularização do futebol profissional e o seu controle feito pela grande mídia, os significados deixam de ser apenas lúdicos. Os jogadores que são ídolos mundiais, que namoram com musas, andam de carros importados, são tratados como reis em outros países, saem em jornais e em TVs todos os dias, acabam sendo um ponto de atração do desejo de quem é pobre e de quem também não é. São referências midiáticas, figuras que representam a subjetividade capitalística, como riqueza, fama, status, poder.

Apesar de a oportunidade para um adolescente pobre da periferia proletária consagrar o posto de ídolo é reduzido, em número e em possibilidade, pois se a condição de classe não elimina o talento de jogar, as oportunidades para se estabilizar em um time oficial é mediado por vários aspectos que envolvem a condição de classe. Diz um informante:

“O meu pai não assuntava muito, não. Mas a minha mãe dava uma força. Ela sabia que eu quiria jogá. Tinha amigo nosso, que falava assim, “ele joga muito, então temo que levá ele pra treiná num time profissional”. Maisi foi passando, passando. Eu ajudava o meu pai no trabaio. Nem tinha tempo para fazer preparo, né? O serviço era duro, era o dia inteiro, começava na madrugada. Eu... pra falá a verdade, não tinha nem tempo para estudá. A vida é assim...”

Como se observa, as condições sociais atravessam o caminho da carreira, pois ela envolve comunicação, liderança dos pais, disposição para procurar um time, sentimento de iniciativa e, inclusive, dinheiro para custear a passagem do ônibus que o levará da casa ao time.

Além desses elementos objetivos, há outros subjetivos, como o medo, a timidez, a baixa estima, a dificuldade de se comunicar. Percebe-se que muitos jogadores que se tornaram conhecidos e reconhecidos no futebol profissional foram descobertos e incentivados por alguém de fora de sua comunidade. O fato é que as condições sociais de vida repercutem em suas condições subjetivas que amealham as possibilidades de galgar a escalada no futebol.

As narrativas demonstram que o sonho de ser jogador de futebol acompanha grande parte dos adolescentes brasileiros da periferia proletária, mas as condições efetivas de se colocarem na profissão são dificultadas por suas condições sociais.

Lidar com a frustração não é fácil para nenhum sujeito. A pelada, sua abertura para a diversidade de condições físicas e idades acabam se tornando uma compensação alegre. Em muitos casos, ou em alguns deles, mediante ela uma consciência de que o “sonho é para ser sonhado”, acaba se efetivando:

“Hoje eu sei que foi melhor não ter ido para a carreira do futebol profissional, não apenas pela limitação do tempo que a faz encerrar numa idade muito jovem. Mas no vazio que vem posterior: se o jogador é badalado, ganha muito dinheiro, aglomera glória e títulos, quando terminam a carreira tem dificuldade em manter uma vida exilada dessa badalação; e os que não conseguem se firmar na carreira, também tem as dificuldades de, posteriormente, reconstruir um caminho para a sua realização humana e profissional. Há sempre o perigo de se perder e não construir bases que potencialize a individualidade de um ser”.

As palavras do ex-peladeiro são esclarecedoras: a pelada ultrapassa as décadas, vence a fraqueza dos músculos e permite que o indivíduo desenvolva outros campos de adesões societárias e de seu senso de participação na vida social. O jogador profissional tem um limite; o peladeiro, não.

É essa possibilidade de readaptação que faz da fascinação da brincadeira com a bola um sentido de vitalidade. Por ser assim, pode se tornar peça de intervenção da alegria nas células, e na mente, do peladeiro. Cabe, portanto, compreender a inserção da subjetivação

peladeira nos espaços capitalistas contemporâneos ou o conflito simbólico em que a alegria-de-jogar se depara.

3.4 - Aspectos da subjetividade capitalística: as dores do mundo e as peladas

A análise do capitalismo contemporâneo é fundamentada por diferentes óticas, vertentes e paradigmas. No caso específico da geografia brasileira que reina atualmente, essa análise freqüentemente tem saído do rompante economicista, mas tem corrido o risco de sofrer, tal como ocorreu na década de 1980, um rompante culturalista. Observa-se hoje um grande ecletismo nos estudos geográficos.

Estamos de acordo com Chaveiro (2007) de que tudo que é subjetivo tem ligação com as condições sociais e históricas do espaço; e tudo que é objetivo tem uma ligação com a cultura e com a subjetividade. Interessa-nos, todavia, valer-se do que apresentou Rolnik (1997), segundo o qual não se crê em nenhuma mudança substancial que relega a subjetividade dos sujeitos envolvidos nos pleitos do que se quer mudar.

E mais: as mudanças na subjetividade humana, os valores, a formação da consciência, o desejo e o afeto não acontecem na mesma velocidade das mudanças da economia ou da política, por exemplo. A par disso, a pergunta é: existe uma subjetividade própria dessa fase do capitalismo que se expressa nos espaços contemporâneos?

Ora, se os espaços são diferenciados, apesar de terem uma articulação através das diferentes redes do turbocapitalismo (PELBART, 2000), a subjetividade também o é. Tal como enunciou Chaveiro (2007), poder-se-ia falar, então, em uma subjetividade metropolitana em concatenação com a sociodiversidade de cada metrópole.

Em decorrência de a metrópole contemporânea, especialmente as brasileiras, serem estruturadas por uma lógica espacial própria, que inclui condomínios fechados, objetos sofisticados, diferentes tipos de feiras, sujeitos envolvidos com narcotráfico, com mídia, com cultura, eventos, burocracia, negócios, assim como shoppings, espaços segregados e periferização constante etc, a subjetividade da metrópole se multiplica e se implica em diferentes faces e conteúdos sociais.

Componentes como o narcisismo, o hedonismo, o sexismo e as novas doenças da alma, como a neurose, a fobia, os diversos transtornos, a depressão, a ansiedade, a anomia e tantos outros são efetivados pelos meios agenciadores dos símbolos que advém das novas tecnologias, das novas maneiras de exercitar a sociabilidade, assim como o fanatismo religioso, o corpo top model, as alimentações *diet* e *light*, o esoterismo, a literatura de auto-ajuda, o consumismo etc.

A par dessas formas de agenciamento, encontram-se instituições como o mercado, as igrejas, a ciência, o Estado etc. Essas instituições, por mais diferentes que possam ser entre si, respondem pela procura de símbolos do sujeito contemporâneo diante da vulnerabilidade identitária do mundo contemporâneo, especialmente no espaço metropolitano e em suas cercanias.

Ora, servindo como linha de fuga por efeito de miragem (Rolnik, 1997), ora servindo como filiação voluntária aos novos regimes do mercado, essa subjetividade amalha a cabeça do indivíduo que, perplexo diante das mudanças sociais rápidas e da falta de garantia de futuro, se colocam como cenas contemporâneas de possibilidade de vida.

Todavia, sem poder de insurgência à medida que pode não questionar as raízes dos vários sentidos dessas filiações. Chaveiro, ao empreender uma leitura de estudiosos da subjetividade contemporânea e lançá-la na análise da metrópole goianiense, destaca que,

além da fusão metrópole-mídia, constitui-se o plano de criação subjetiva, hoje, o boom da literatura de auto-ajuda, juntamente com o boom evangélico e de um sem-número de terapias que são encadeadas, tendo como objetivo duas pautas: a promessa de extinguir o mal-estar espiritual que reina e a necessidade de ensinar o exorcismo contra os abalos das figuras pulverizantes. A força subjetivadora dos componentes esotéricos e da gama de livros de auto-ajuda que se popularizam entre as camadas de rendas baixas, geralmente ancoradas em paradigmas tradicionais como o behaviorismo e setores da neurolinguística, ao atuar num setor de população, acomoda-se os expõem a medidas salvíficas e individuais, despolitizando-os e derivando a sua substância potencializadora às instituições que não operam uma percepção sobre a realidade social de seu lugar e de sua cidade. (2007, p. 39).

As palavras do professor sintetizam que decorre das condições sociais atuais o sujeito fragmentado. Este mesmo sujeito é convidado a partir da subjetividade capitalística, que lhe oferece uma acomodação pacífica e sem leitura do real.

Pode-se perceber com facilidade que os símbolos, os objetos e os discursos da subjetividade capitalística incendeiam os lugares da metrópole, enfronham-se na mente dos

sujeitos, entram em seu regime de percepção, ajudam a definir seu desejo, inserem-nos em um plano de consumo de imagens, de modo de vida (PELBART, 2000).

É próprio da metrópole lançar, no lugar, o que é inovação no mundo, assim como extrair do lugar o que pode ser valorizado pelo mundo. Desta feita, a subjetividade metropolitana, com todas as suas faces, é reveladora dos conflitos sociais de que emanam: se ela tem maiores condições de apresentar os novos objetos de consumo, por exemplo, é também um lugar de maior liberdade e de ação política da memória, pois está livre dos controles tradicionais. Chaveiro (2007, p. 40) explica esse processo:

Ora, cada um desses componentes subjetivadores de peso na ordem do espaço metropolitano globalizado, se liga a outros, funde-se um aos outros, de maneira que uma alma metropolitana, pulverizada, de um lado, e enrijecida do outro lado, cria um caos psíquico, interfere na produção da moral e do corpo. Mas mesmo que essas "máquinas" sejam hegemônicas e possuam forças simbólicas e financeiras enormes, não cessam as diferentes etnias, identidades ligadas aos que se tem chamado de "minorias", em reivindicar identidades e lugares que sustentem, na metrópole, a sua voz e o seu conteúdo, tornando-se resistência produtiva aos ímpetus da globalização a partir de um emolduramento de territorialidades dissidentes e criativas.

Vê-se que o espaço da metrópole, ao mesmo tempo em que é habitado por signos e símbolos capitalísticos de última geração, se apresenta como um lugar de possibilidade de mudança e de coletivização de força. Várias pesquisas têm dado conta de mostrar que a periferia proletária reúne empobrecidos, violência, mas, também, criatividade, insurgência.

Em termos de política de subjetividade, o que é evidenciado como pauta de mudança é o processo de criação, que consegue sair dos requisitos burocráticos de partidos e instituições tradicionais. Além disso, a ação de criar compartilhadamente, de brincar, de socializar memórias, de fundar possibilidades, de instaurar novas potências de socialização, restaura a utopia quase perdida no contexto da exploração social. Isso exige o sentido de comunidade fora da padronização, da serialização, da delinquência social e subjetiva.

3.5 - A pelada e o sentido de comunidade

“Deixou a mulher nua por causa da pelada”
Joaquim Pedro Barbosa

A peça humorada do poeta mineiro em forma de *hai-kai* expressa, no trocadilho e na aglutinação de sentido das palavras “nua” e “pelada”, o que é próprio do sentimento do peladeiro: jogar uma bola é tão prazeroso quanto a atividade sexual. Se os casos não devem ser comparados, uma vez que são atividades humanas diferenciadas, alguns elementos os aglutina: o engajamento físico, atividade coletiva (em ambos os casos, não é possível se praticar sozinho), desejo, além, é claro, do prazer.

De acordo com que foi colocado anteriormente, a brincadeira, a criação, a distensão do controle, a folga dado ao corpo, o exercício muscular para o relaxamento são atributos do devir-moleque da pelada. E enformam a subjetividade do sujeito para, além de enfrentar o cotidiano da periferia proletária, resistir e sonhar, ou resistir sonhando, mostrar-se vivo, criando.

Além disso, outro fator que está presente na análise de autores que interpretam a subjetividade contemporânea, especialmente diante dos que apontam os problemas da fragmentação do sujeito, pela via da mudança do mundo do trabalho com o desemprego estrutural e tecnológico; pelas mudanças na ordem dos tipos de família; com o processo migratório; e, especialmente com novos símbolos que estremecem o ordenamento simbólico que amparava o sujeito da tradição, esclarece que há uma demanda de comunidade, ou um rogo por figuras transcendentais que esmerem um enraizamento desse sujeito desenraizado.

Esse processo encontra ressonância na cultura e em suas características, uma vez que ela é que permite ao ser humano comunicar com o seu tempo, com o seu espaço, com o Outro e consigo mesmo. A comunicação é que alimenta a produção de sentido, portanto, oferece as prendas para criar significados para a própria vida. Por aqui, pode se afirmar a tese de Rolnik (1997), não há mudanças efetivas fora de uma mudança da estrutura da subjetividade que ampara o sujeito que deseja mudar. A mudança envolve, então, o desejo, ou os negócios desejantes, a economia do desejo, a micropolítica subjetiva.

O problema se nos apresenta: a pelada contribui para criar o sentido de comunidade?

Ora, de acordo com o que vimos trabalhando, nem todo ajuntamento de pessoas em torno de um tema e de uma causa garante integridade ética e opera uma resistência ou uma

insurgência ao modo de produção capitalista. Em muitos casos, há um agenciamento coletivo que pronuncia linhas de fugas, adaptação aos regimes de consumo, ou mesmo de aliciamento à ideologia que governa o atual período histórico.

O fato, todavia, é que, conforme assinala Kristeva (2002), há um conjunto de contradições e paradoxos que estimulam uma cisão do sujeito com o seu par e consigo mesmo. Pode haver uma educação narcísica, embora o indivíduo esteja na melancolia; pode haver convivência na multidão em que pese pode haver solidão; os espaços podem ser ruidosos, porém pode haver falta de comunicação.

O sentido de comunidade dos vários agenciamentos subjetivadores do mundo contemporâneo penetram os pólos dessas contradições operando, geralmente, a sua ação desenraizadora pela via da submissão. Pelbart (2000, p. 21) afirma que “O novo capitalismo em rede, que enaltece as conexões, a movência, a fluidez, produz novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias, e sobretudo uma nova angústia – a do desligamento”.

Diante dessas contradições, onde tudo parece jorrar, como produção, conhecimento, informação, mas tudo é negado, o autor questiona:

De que recurso dispõe uma pessoa ou um coletivo para afirmar um modo próprio de ocupar o espaço doméstico, de cadenciar o tempo comunitário, de mobilizar a memória coletiva, de produzir bens e conhecimento e fazê-los circular, de transitar por esferas consideradas invisíveis, de reinventar a corporeidade, de gerir a vizinhança e a solidariedade, de cuidar da infância ou da velhice, de lidar com o prazer e com a dor? (2000, p. 22).

O problema que se coloca com mais força, uma vez que neste capitalismo que vende “imagem de vida”, “forma de vida”, o invisível é, também, instrumento de seus vários negócios, como a inteligência, a afetividade, a memória, ou seja, está em curso “uma manipulação violenta da subjetividade”.

A produção do novo, muito diferente da produção da novidade, supõe, então, criar novos desejos e novas crenças, associações e formas de cooperação, a partir de outro pleito político que inclui a simplicidade do homem comum, a sua densidade afetiva, o diálogo, a luta pela radicalidade ética e pela integridade do corpo, isto é, a disposição total da singularidade como potência de vida. A vida?

A própria noção de vida deixa de ser definida apenas a partir de processos biológicos que afetam a população. Vida agora inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo... energia orgânica.

Com essa interpretação de vida como movimento total no curso das relações, a pelada se faz potência para criar elos comunitários (ilustração 20), não apenas com os campeonatinhos improvisados, com os encontros furtivos depois do trabalho, mas com a realização de afeto com o semelhante, com o companheiro de classe, com a capacidade de estabelecer comunicação na periferia proletária:



Ilustração 20 - A galera da vizinhança se encontra nas peladas.
Papillon Park / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2008. Fotografia: Alexsander B. e Silva

“Eu conheço muita gente aqui jogano bola. Conhecia os meu primo, né? A gente tem aquela vergonha, né, então tinha uns primo, divagarizim fomo para o campinho ali, de terra, ai todo mundo aceita a gente pra jogá bola. Ai jogamo uma vez, outra vez. Fizemo um timinho. Agora conheço o bairro inteiro. É muito bão, a gente cria amizade, sente mais confortado, mais em casa”.

A narrativa demonstra que a pelada cumpre a função de criar, de maneira sutil e livre, o sentido de comunidade, a partir do qual se cria as condições para partilhar a memória coletiva, reconhecer a semelhança de origem, ter mais alegria de viver e, especialmente, de ter uma razão para voltar para casa fora do lazer midiático (ilustração 21). E há outras ações:



Ilustração 21- Pelada que rola de segunda a sexta-feira pela tarde, a mais de dez anos. Os peladeiros residem nas proximidades e são todos conhecidos. Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alessander B. e Silva

“O meu pai morreu, eu tinha 16 anos. Já trabalhava. Foi muito difícil. A nossa mãe cuidou. Nós unimo muito, todo mundo. Eu trabalhava, todo mundo trabalhava o dia inteiro. A minha mãe cuidava da casa e trabalhava pra fora. A única coisa de lazer era jogar bola, tinha muitos timinho naquela época, timinho, assim, de várzea. Nós disputava esse campeonatos, cheguei a jogá no amador, mas era difícil jogá, treiná, trabalhá, então não fomo para time profissional, faltava condição. Mas tinha os amigo, muito amigo, era conversá sobre bola o tempo todo”.

Nessa narrativa, a pelada aparece como sustentação do sentido de comunidade, papel fundamental da cultura no atual período histórico. Todos os problemas que as classes de trabalhadores são compelidas a enfrentar, como o desemprego, a violência, os problemas no interior da família, o desenraizamento cultural, ao atuarem na fragmentação do sujeito, distendendo valores e criando as “novas doenças da alma” (KRISTEVA, 2002), alteram a substância simbólica que forma o sujeito contemporâneo.

Essa alteração, quando violenta, rápida e sem perspectiva tende a criar cisão na personalidade, fomentando, quase sempre, depressão, distúrbios e transtornos. O sentido de comunidade se coloca aí como plano de construção de símbolos que apaziguam o perigo das doenças.

Deve ser dito que a sociabilidade prescrita pelas instituições hegemônicas, fundado no consumo de imagens midiáticas, drogadição e adesão ao status, tende, ao invés de

criar o sentido de comunidade, de edificar cisões, pois o desejo se constitui diante do que não pode ter. Não tendo, tende a criar no malogro da imagem do insucesso.

Edificar laços de ligação fora da economia mercantil pode, então, suscitar outras portas para o desejo, efetivando o princípio fundamental de Bordieu (1996), para o qual os dominados começam a ser dominados quando usam as representações sociais dos dominantes. O contrário é sair do regime hegemônico pelo viés da cultura original e se essa saída envolve a alegria do corpo, por certo estará havendo uma insurgência.

Se jogar pelada é ir fundo na brasilidade e isso pode ser desencadeado com encanto e pela vontade dos próprios sujeitos que a realizam, pode-se dizer que esse jogo se circunscreve como uma poesia popular corporal, em cenas estéticas que mesmo não sendo agenciadas por *replays* e por edição, geram, no seio das comunidades, os pequenos heróis da várzea, esses artistas do olimpo proletário.

“Rapaz, o cara era bom demais. Todo mundo ficava doido cum ele. E ele jogava só descalço. Botava uma chuteira nele, Adeus: não jogava mais. Todo mundo falava “ele tem que ir... ele tem que ir jogar bola, profissional mesmo, faz coisa muito incrível”. Mas era pobre, né, tinha medo, ficava com vergonha. Teve gente que tentou levar ele pru Vila, pru Goiás, não adiantava, não. Hoje ele é feirante, vende verdura...”

Esses artistas quase invisíveis sentem-se dignificados diante dos próprios pares. Muitos deles, atolados na pobreza e nos desdobramentos emocionais que advém dela, mesmo com muito talento não conseguem mostrar o mesmo futebol em outras paragens, até porque é próprio da pelada ser o lugar da arte livre, da fírlula, da invenção. A bola aí representa o circo, sim senhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Está na hora de o intelectual brasileiro saber,
pelo menos, bater um escanteio.”

Nelson Rodrigues

A famosa frase de Nelson Rodrigues, soando como ironia crítica ao academicismo intelectual ou ao seu estilo pernóstico e vazio, poderia nos convocar para uma paródia: está na hora do geógrafo compreender, por meio do futebol e de suas variáveis, efeitos e situações, a cultura brasileira ou, então, está na hora de, ao analisar a espacialidade do futebol, descobrir a realidade brasileira atual em sua complexidade.

Por falar em complexidade, a referência espacial da pesquisa que se realiza é compreendida por essa predicação: a metrópole guarda uma enorme diversidade socioespacial, pois é o espaço em que as atividades de todos os capitais e trabalhos, bem como a circulação incessante de símbolos de diferentes estirpes sociais, encontram eco e se realizam.

Com tal pujança atrai e acolhe os pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços. A presença dos pobres na grande cidade a enriquece, dando-lhe um tom a mais na heterogeneidade desse espaço urbano, a qual se manifesta na materialidade dos bairros e locais contrastantes, assim como nas distintas formas de vida instituídas nos diferentes lugares da cidade. Com isso, ampliam-se as possibilidades e as vias de comunicação, interação e produção de subjetividade.

O padrão de ocupação urbano comandado pelo capital incide não somente sobre a residência, mas também no lazer e na sociabilidade. Há uma escassez cada vez maior de espaços públicos onde os cidadãos podem se encontrar e festejar. O lazer e a sociabilidade na cidade contemporânea passam a ser mercantilizados, vão se transferindo dos espaços públicos, como ruas e praças, para espaços mercantis como os shoppings. Quanto às peladas de futebol, é notório o aumento do número de chácaras e locais que locam campos e quadras para a prática do futebol. De certa maneira, as peladas no mundo hodierno entram na lógica do capital, sendo realizadas, também, em espaços privados. Isso não significa, porém, que as peladas dos espaços públicos perderam seu vigor.

A ocupação dos espaços públicos pelo futebol provoca uma alteração na lógica de seu uso. No caso da rua, por exemplo, o espaço de circulação transforma-se em espaço de

lazer e sociabilidade. Nesse sentido, as peladas, principalmente aquelas dos espaços públicos, fazem a cidade ser realmente cidade no sentido original, tida como lugar de encontro, festa e sociabilidade.

A despeito de todos os problemas que perpassam a periferia proletária, o sujeito periférico segue resistindo e/ou persistindo, driblando as desventuras do seu dia-a-dia. A vida na periferia proletária pulsa intensamente, faz e se refaz com enorme criatividade, solidariedade e persistência. Elementos esses, que ao se articularem, se sobrepõem, se enlaçam para compor estratégias de sobrevivência dos sujeitos da periferia.

Em decorrência da dureza do meio em que vivem, os sujeitos da periferia criam táticas que lhes possibilitem sobreviver. No cenário penoso em que estão imersos, grande parcela da população das cidades grandes acaba por impelir e/ou despertar nas pessoas um sentimento de coletividade/solidariedade, instiga a capacidade imaginativa, inventiva e criadora, além da resistência e/ou persistência/perseverança. A confluência de tudo isso permite que os indivíduos da periferia consigam driblar as dificuldades e os percalços que são obrigados a enfrentar em seu cotidiano.

Como o espaço não é somente palco dos acontecimentos, ele, em suas ações e objetos, condicionam e restringem determinados eventos, assim como lançam possibilidades a outros. Os eventos são, de alguma forma, marcados pelas características dos lugares que os cediam. O espaço imprime suas marcas nos fenômenos. Dessa maneira, as peladas de futebol da periferia carregam também especificidades. Entendemos que a criatividade, a solidariedade e a persistência que tanto marcam a vivência na periferia, transitam com grande vitalidade nas peladas de futebol da periferia proletária.

As regras utilizadas para a organização do território das peladas, ao contrário daquelas que permeiam o futebol profissional, são elásticas. O imprevisto é outro elemento que, além de constitutivo, está na essência da pelada. Nesta, geralmente improvisa-se tudo, desde o campo e a bola até os jogadores e o uniforme, sendo marcadas pela flexibilidade espaço-temporal. O peladeiro joga bola em qualquer lugar e horário. A partir de tais afirmativas, verifica-se que a pelada furta a institucionalidade do futebol profissional, posto que para o peladeiro as regras, as medidas, os locais e horários, os apetrechos para a prática do futebol figuram em um segundo plano.

Para o peladeiro, importante mesmo é o momento de sociabilidade, de brincadeira, da fantasia, da gozação e do prazer de estar com os amigos proporcionados pela pelada. Em suma, essa flexibilidade encontrada no território das peladas dá liberdade para o surgimento do lúdico que, então, ganha da função. Nesse sentido, o território dos peladeiros torna-se o *locus* da alegria, da imaginação, da zombaria, da malandragem etc.

Nas peladas, os sujeitos da periferia se comunicam na realização de um lazer possível. O corpo, explorado e enrijecido pela pressão do capital, se liberta e se solta. A pelada torna-se um lugar da rebelião alegre do corpo. Os sujeitos explorados e vilipendiados pelo mundo do trabalho extirpam o sofrimento e a dor, substituindo-os pelo prazer e pela liberdade. É um momento da vida livre, do encontro e da festa. Representa o intervalo espaço-temporal em que o trabalho não tem controle. Em outras palavras, a pelada aproxima-se do tempo da vida e, por consequência, situa-se distante do tempo do capital.

Esse jogo de bola atua na fresta do tempo e do espaço. O fazer político da pelada passa pela sua realização no interstício do tempo do mundo e da valorização da vida. No campo do brincar livre, os peladeiros liberam as tensões, frustrações, estresse, raiva e, ao mesmo tempo, jogam com os sonhos, a criatividade, a alegria etc. A pelada apresenta-se como um grito de vida, persistência e liberdade que ressoa no mundo da metrópole.

Em decorrência de todos os elementos levantados, podemos dizer que a pelada é algo vital para a periferia proletária. É tão importante quanto recorrente, de modo que se podem observar dezenas de pessoas jogando bola, ou mesmo à beira dos campinhos de peladas, principalmente ao cair da tarde e nos finais de semana. Isso nos induz à seguinte afirmativa: a periferia é peladeira.

Conforme Magnani (1998), as atividades de lazer são parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida, o lado mais agradável e descontraída de nossa rotina semanal. Apesar de tal importância, são consideradas irrelevantes, enquanto tema de pesquisa, pois existem coisas mais sérias, que merecem maior atenção, como o trabalho, a política. As atividades ligadas ao lazer são para serem desfrutadas, não para se refletir.

Consideramos que os geógrafos poderiam ampliar seu horizonte de atuação e interesse para além dos temas tradicionais e se debruçarem, também, em torno de inúmeras outras questões que cercam a sociedade e o mundo contemporâneo e, evidentemente, dentre elas, o futebol, que reúne multidões, mobiliza capitais, participa da geopolítica atual, fotografa

as contradições viscerais do sujeito contemporâneo, expressa a violência, a corporeidade, as condições psíquicas e desenvolve afetos, dissidências, junções, alegrias e tristezas.

Como salientam vários autores, o futebol tem sido pouco estudado pela ciência e, em particular, pela Geografia. Entretanto, ultimamente, o tema vem despertando maior atenção por parte das disciplinas acadêmicas situadas no vasto campo das ciências humanas. Dentre os geógrafos, entretanto, ainda não recebeu a atenção merecida, embora se reconheçam esforços aqui e acolá nesse sentido.

A geografia, movida por suas transformações recentes, começa a se debruçar sobre o assunto. Muitas vezes, trata-se apenas de superar um preconceito, para notar que essa disciplina pode oferecer vias de análise ricas e adequadas ao tratamento do fenômeno futebol (MASCARENHAS, 2005).

É necessário ressaltar, também, a existência de um vasto universo de possibilidades para a atuação da Geografia no que tange ao estudo do futebol. Sendo assim, resta ao geógrafo, como bom jogador de letras e de idéias, se desvencilhar das dificuldades, em termos de método, metodologia etc., driblando-as, e como se fora um meio-campo habilidoso e com visão de jogo, fazer com que aconteçam as jogadas necessárias para balançar as redes, assim contribuindo para elucidar os campos obscuros do fenômeno do futebol.

Nosso estudo situa-se nesse campo. A tentativa foi de jogar luz no território nebuloso que ainda é o futebol e, em meio às diversas possibilidades de atuação no universo do futebol, o escopo deste trabalho foram as peladas. Procuramos, com o instrumental teórico e metodológico da Geografia, realizar um abordagem socioespacial dos territórios das peladas na periferia da metrópole Goiânia.

Entendemos que, com o findar da pesquisa, o assunto não se esgota, pois existe uma infinidade de elementos no mundo do futebol de pelada a serem desvelados. No jogo rápido de nosso trabalho, a tentativa foi de dar o pontapé inicial para uma reflexão geográfica sobre os territórios informais do futebol na periferia proletária e colaborar para a discussão do futebol no campo da Geografia. Não pensamos que este trabalho seja um grande marco das reflexões sobre o tema, mas consideramos que ele apresenta-se como uma pequena contribuição do olhar geográfico sobre o fenômeno do futebol, mais especificamente sobre as peladas.

Para finalizar esse bate bola, creio que foi possível, nos limites desta investigação, levantar aspectos interessantes referentes ao mundo da periferia proletária, já que olhar a pelada possibilitou construir uma via de acesso ao modo de vida que se desenrola na periferia. Enxergou-se, portanto, a ligação do espaço com o sujeito; seu sentido histórico no espaço; sua sociabilidade recorrente em busca de uma vida alegre e plena.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edigar. **Flamengo: força e alegria do povo**. Rio de Janeiro: Conquista, 1970.

ALMEIDA, Orlando Francisco da R. Transformações no padrão demográfico de Goiás nas últimas décadas. In: ALMEIDA, Maria Geralda (org.) **Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: IESA, 2002, p.119-145.

ANDRADE, Manoel Correia de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1994, p.213-220.

ANJOS, Antonio Fernandes dos; CHAVEIRO, Eguimar Felício. A periferia urbana em questão: em estudo socioespacial de sua formação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 27, n.2, p.181-197, jan./jun. 2007.

ARRAIS, Tadeu Alencar. Acionando territórios: a mobilidade na região metropolitana de Goiânia e em Aparecida de Goiânia. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 26, n.1, p.91-114, jan./jun. 2006.

_____. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2004.

BARBOSA, Altair Sales; NASCIMENTO, Itaboraí Velasco. Processos culturais associados a vegetação de cerrado. In: PINTO, Maria Novaes (Org.). **Cerrado**. 2. ed. Brasília: UNB, 1993. p. 155-170.

BARCELOS, Tânia Maia. **Re-quebros da subjetividade e o poder transformador do samba**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BORGES, Barsanufo Gomides. A economia goiana na divisão regional do trabalho. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (Org.). **Relações cidade-campo: fronteiras**. Goiânia: UFG, 2000. p.247-272.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

CARA, Roberto Bustos. Territorialidade e identidade regional no Sul da Província de Buenos Aires. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1994, p.261-269.

CASTRO, João Alves de. O Estado e a apropriação do território de Goiás. In: GOMES, Horieste (org.). **Espaço goiano**: abordagens geográficas. Goiânia: AGB, 2004. p.59-91.

CASTRO, Sílvio. **O futebol brasileiro**: bicampeão do mundo. Rio de Janeiro: Anuário da Literatura Brasileira, 1962.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **A geografia que joga bola**: um análise socioespacial do futebol. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lexgeo@yahoo.com.br> em 23 jan. 2008.

_____. **A estética da feira**. [Grupo de discussão: comunidade Virtual Piorocura]. Mensagem recebida por <eguimar@hotmail.com> em 3 de set. 2007.

_____. **Goiânia**: travessias sociais e paisagens cindidas. Goiânia: UCG, 2007.

_____. A urbanização do sertão goiano e a criação de Goiânia. In: GOMES, Horieste (org.). **Espaço goiano**: abordagens geográficas. Goiânia: AGB, 2004. p. 93-144.

CLUBES brasileiros. **O dia on line**, caderno de esportes. Disponível em: <<http://odia.terra.com.br/esporte/clubes.asp>>. Acesso em: 20 set. 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 15-47.

_____. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1994, p.251-256.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004, p.92-123.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico**: nova fronteira da língua portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fonte, 2001, p. 766.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação**: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: Do Autor, 1998.

FAVERO, Paulo Miranda. **A Geopolítica do Futebol**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DOS GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. CD-ROM.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DE MATO GROSSO DO SUL. Disponível em: <www.futebolms.com.br>. Acesso em: 20 set. 2007.

FEDERAÇÃO GOIANA DE FUTEBOL. Disponível em: <www.fgf.esp.br>. Acesso em: 20 set. 2007.

FEDERAÇÃO MATOGROSSENSSE DE FUTEBOL. Disponível em: <www.fmfmt.com.br>. Acesso em: 20 set. 2007.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL. Disponível em: <www.fmfnet.com.br>. Acesso em: 20 set. 2007.

FELÍCIO, Brasigóis. **A fome do povo**. [Grupo de discussão: comunidade Virtual Piorocura]. Mensagem recebida por <eguimar@hotmail.com> em 12 de mar. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GOMES, Horieste. **Lembranças da terrinha** (Capininha). Goiânia: Do Autor, 2002.

GOMES, Paulo César da Costa. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 93-113.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001, p.103-122.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JESUS JUNIOR, Ricardo Sousa de. **Espaço urbano e criminalidade na região Noroeste de Goiânia-GO: a visão dos sujeitos sociais** (2004). 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

LAMECO, Mariana. A territorialidade da Igreja Católica no estado de Minas Gerais. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, n.17-18, p.119-127, dez. 1996.

LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. **Futebol de várzea como crítica romântica**. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~labore/futebol_polemica_direito_8.htm>. Acesso em: 25 jun. 2005.

MACHADO, Igor José de Renó. **Futebol, clãs e nação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 25 jun. 2005.

MACHADO, Mônica Sampaio. Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. **GEO UERJ**, Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, n. 1, p.17-32, jan. 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. 2 ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

MALDONATO, Mauro. Metamorfoses do Tempo. In: _____. **A subversão do ser**: identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação. São Paulo: Petrópolis, 2001. p. 111-155.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. **À Geografia dos Esportes: uma introdução**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/hollywood/studio/1554/geografia.html>>. Acesso em: 8 abr. 2006.

_____. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 19-20, jan./dez. 2005. p. 61-70.

_____. **Gestão territorial do futebol no Brasil: entre a cultura e o mercado, entre o lugar e o mundo**. In: 6º Congresso Brasileiro dos Geógrafos. Goiânia, 2004.

_____. O lugar e as redes: futebol e modernidade na cidade do Rio de Janeiro. In: MARAFON, Glaucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (orgs.). **Estudos de Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook Ltda, 2002, p.127-142.

_____. **Construindo a “pátria de chuteiras”**: elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil. In: ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA, 18., 1998, Sant’Ana do Livramento/Brasil – Rivera/Uruguais. Anais. p.93-103.

MENEZES, Eleuzenira Maria de. **Migrações para Goiânia**: os nordestinos (1930-1970). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

OLIVEIRA, Carlos José F. de. **Erosão urbana na Bacia do Córrego Santo Antônio em Aparecida de Goiânia/GO**: análise e diretrizes para controle. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

PELÁ, Márcia. **Goiânia**: o mito de uma cidade planejada. In: SEMINÁRIO INTERNO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA. Caderno de resumos. Goiânia: CEGRAF, 2008, p. 42.

PELBART, Peter Pal. **Vida Capital**: ensaios de Biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

_____. **A nau do tempo rei**: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio e Janeiro: Imago, 1993.

PINTO, José Vandério Cirqueira. **Reestruturação intra-urbana de Aparecida de Goiânia**: o impacto da implantação Buriti Shopping e a formação de uma nova centralidade na avenida Rio Verde. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, Friedrich. O povo e seu território. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997, p.19-24.

SANTOS, Lucas Maia dos. **A produção do espaço intra-urbano de Aparecida de Goiânia e a dinâmica metropolitana de Goiânia**: de 1960 aos anos 2000. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Espaço e método**. 4. ed. - São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **De la totalidad al lugar**. Barcelona: Oikos-tau, 1996. p.17-32.

SEABRA, Odete Carvalho de Lima. Urbanização: bairro e vida de bairro. **Travessia**. Set. dez 2000. p. 11-17.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**: dossiê futebol, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994, p.10-17.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; VOTRE, Sebastião Josué. **Futebol, imaginário e mídia: as metáforas da discriminação no futebol brasileiro**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/aotil/futebol.html>>. Acesso em: 25 maio 2005.

SILVA, Armando Corrêa da. O território da consciência e a consciência do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (orgs.). **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1994, p.257-260.

SILVA, Armando Corrêa. As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de. (Orgs.). **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 25-37.

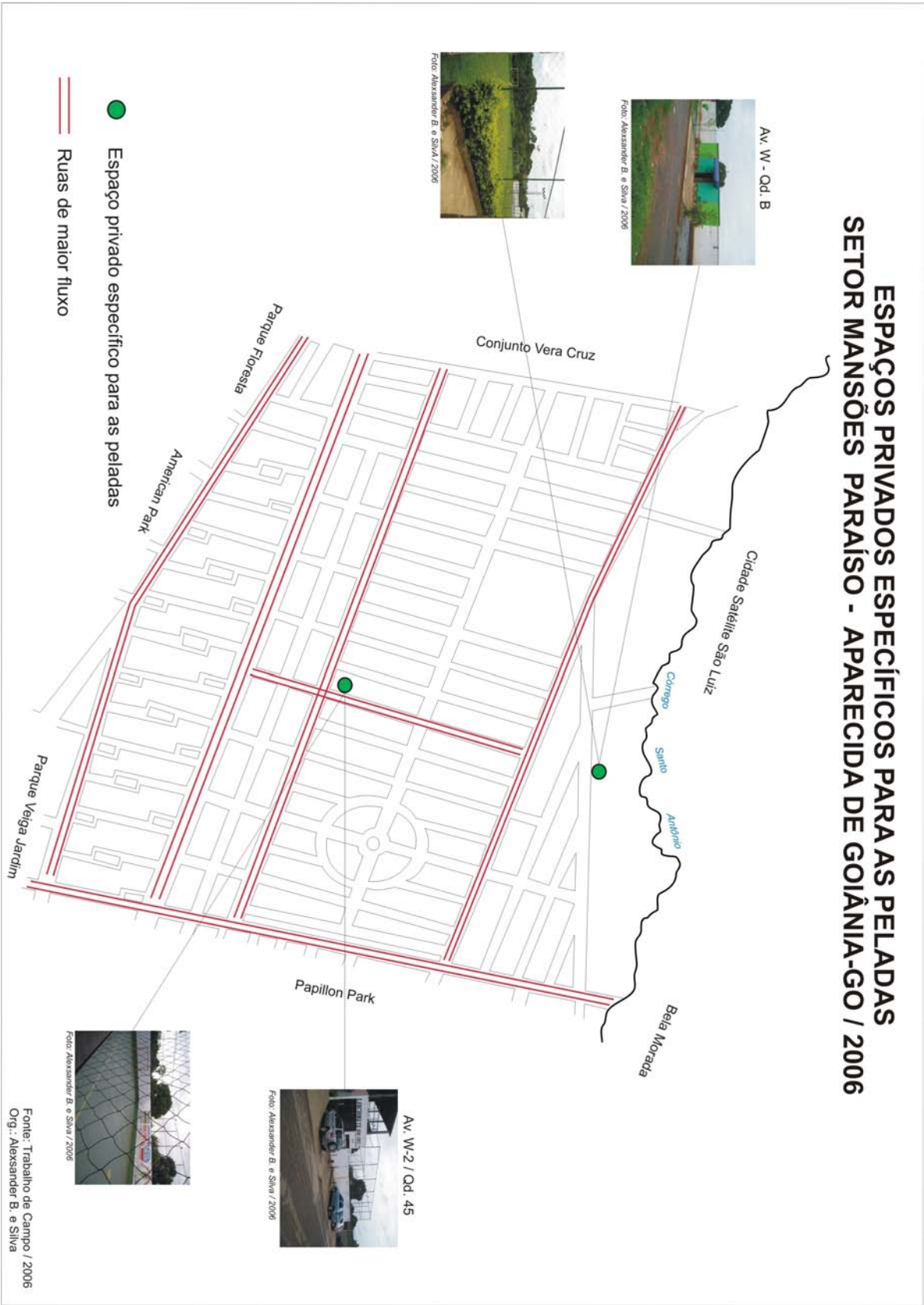
SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 77-116.

TEIXEIRA NETO, Antônio. O território goiano: formação e processo de povoamento e urbanização. *In*: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). **Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: IESA, 2002. p. 11-45.

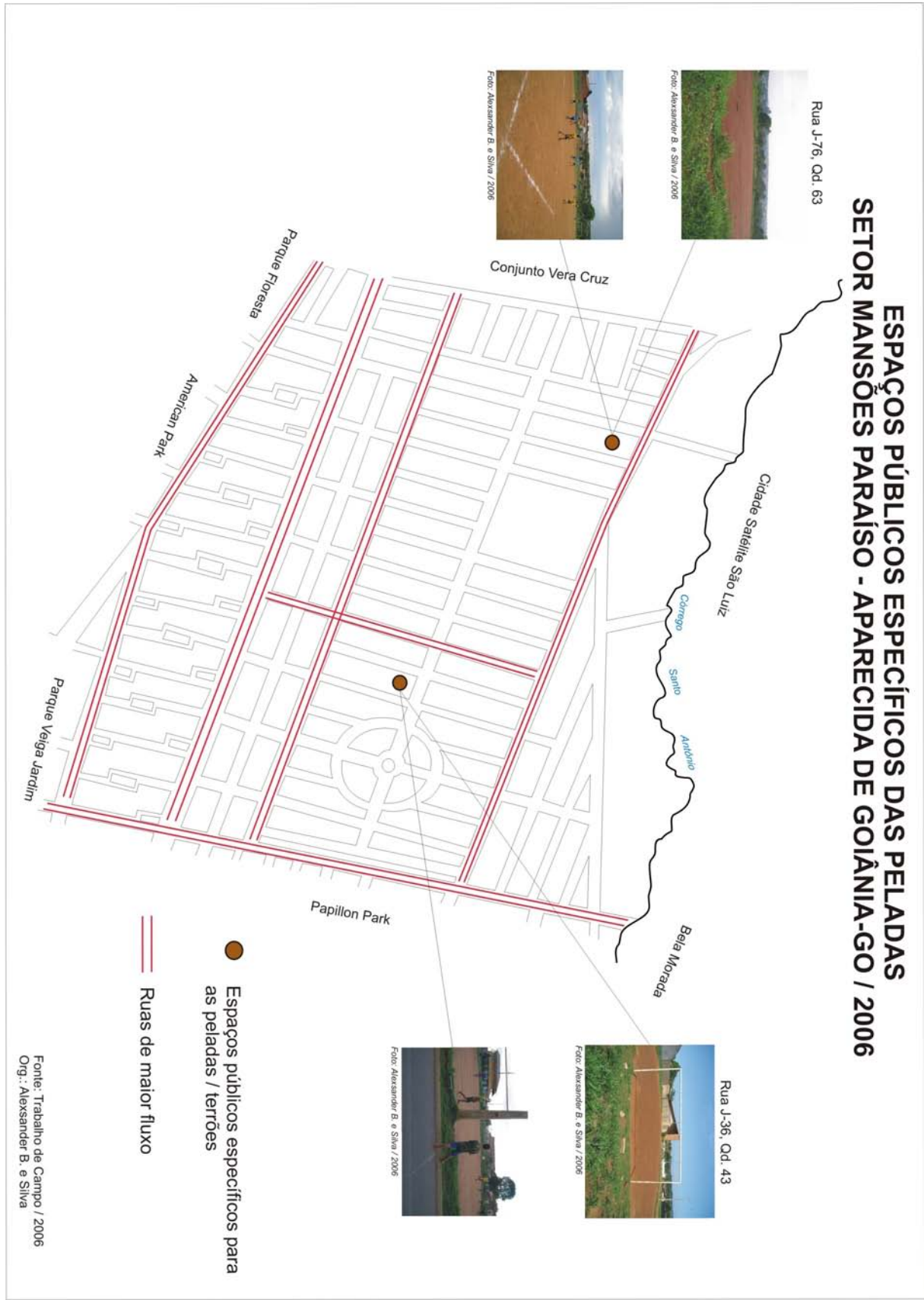
TOKUYOCHI, Jorge Hideo. **Futebol de rua**: uma rede de sociabilidade. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

VIANA, Nildo. **A esfera artística**: Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte. Porto Alegre: Zouk, 2007.

Apêndice - 1



Apêndice - 2



Apêndice - 3

